

GISELE GUEDES COLOMBO

**A DIVERSIDADE CULTURAL NAS MATÉRIAS DOS
CADERNOS DE CULTURA DE CAMPO GRANDE: UM
OLHAR NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

CAMPO GRANDE - MS

2014

GISELE GUEDES COLOMBO

**A DIVERSIDADE CULTURAL NAS MATÉRIAS DOS
CADERNOS DE CULTURA DE CAMPO GRANDE: UM
OLHAR NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Área de concentração: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote.

CAMPO GRANDE – MS

2014

GISELE GUEDES COLOMBO

**A DIVERSIDADE CULTURAL NAS MATÉRIAS DOS
CADERNOS DE CULTURA DE CAMPO GRANDE: UM
OLHAR NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote (Presidente e Orientadora-UFMS)

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (Membro Titular - UFSCar)

Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva (Membro Titular-UFMS)

CAMPO GRANDE - MS

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me capacitou nessa empreitada de desempenhar os papéis de esposa, mãe, assessora de imprensa e estudante e que sempre me sustenta nos desafios que essa vida me propicia. A meus pais, Admil e Meire, pessoas indispensáveis na minha vida pessoal e profissional, pois não medem esforços para ajudarem no meu desenvolvimento, me disponibilizando tempo, recursos e principalmente zelando pelo bem estar de meus filhos nas horas necessárias. A meu marido, que escolheu estar ao meu lado nos bons momentos e também nos não tão bons assim. A meus filhos Ruan e Iris que são a principal motivação para o meu crescimento moral, espiritual e material pelo fato de me estimularem a personificar um bom exemplo a ser seguido, apesar as limitações que todo ser humano tem.

À Carol Maldonado, um muito obrigada enorme. Esta é uma pessoa que considero uma nova amiga que Deus colocou em meu caminho para me auxiliar nos momentos finais da entrega da dissertação e que foi importantíssima devido às minhas limitações decorrentes da minha gestação. A meus amigos da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, Márcio Breda e André Messias, que nestes dois anos se empenharam para me ajudar a cumprir minhas obrigações com o mestrado, aos amigos Martina Arn e Manuel Arn que me incentivaram conseguindo as bibliografias iniciais e ao colega Eduardo Romero que fez a primeira leitura do pré-projeto. Fui imensamente feliz por ter sido orientanda da professora Maria Luceli que, desempenhou sua função de maneira muito responsável e com muita sabedoria e compreensão. Além disso, considero um feliz encontro, o ingresso do professor Marcos Paulo no corpo docente do mestrado. As referências sugeridas em seu primeiro seminário no curso foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. E depois suas contribuições na banca de qualificação, juntamente com o professor Dercir Pedro de Oliveira me abriram novas perspectivas teóricas. Aos professores Mário Luiz Fernandes, Geraldo Vicente, Márcia Gomes, Sonia Virginia Moreira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Josenildo Guerra da Universidade Federal de Sergipe (UFSE), Marcelo Câncio Soares e Álvaro Banducci. Agradeço pela reflexão acerca de temas extremamente relevantes na nossa carreira jornalística. E finalmente, agradeço aos funcionários da universidade, que zelaram pelo meu bem-estar e me atenderam em todas as questões acadêmicas, em especial às secretárias do mestrado em Comunicação e do mestrado em Estudos Linguísticos, respectivamente, Mariana Ribeiro e Ana Carla Gonçalves.

A todos, de coração, muito obrigada!

RESUMO

Considerando-se a concepção de jornalismo como um campo social definido por tensões e interações das vozes diversas que integram o espaço social, e com base nos princípios da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as contribuições teóricas de Bakhtin (1997), Pêcheux (1988), Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1993), Beaugrande e Colby (1979), a pesquisa tem por objetivo descrever e interpretar, por meio da análise de formações discursivas e ideológicas, das marcas de heterogeneidade mostrada marcada e de cenas de enunciação como as manifestações culturais dos diversos atores étnicos e migrantes são transformadas em narrativas nos cadernos de cultura de dois jornais diários de Campo Grande, intitulados “O Estado MS” e “Correio do Estado”. Para atingir esse objetivo, delimitou-se como *corpus* um conjunto de oito matérias jornalísticas publicadas entre os anos de 2012 e 2013. As análises evidenciaram nos dois veículos de comunicação impressos uma cobertura jornalística semelhante que promove legitimação da ideologia hegemônica da cultura sul-mato-grossense e, também, revelaram a representação da diversidade cultural de alguns grupos e sociedades que vivem no município de Campo Grande e no Estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: jornalismo; cultura; diversidade cultural, análise do discurso.

ABSTRACT

Considering journalism as a social field defined by tensions and interactions of several voices that make up the social space, and based on the principles of the French line discourse analysis, especially the theoretical contributions of Bakhtin (1997), Pecheux(1988), Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1993), this research aims to describe and interpret, throughout discursive and ideological formations analysis, the heterogeneity marks and enunciation scenes, how cultural manifestations of various ethnic and migrant actors has been transformed into journalistic narratives in the culture of two newspapers of Campo Grande, entitled “O Estado MS” e “Correio do Estado”. To achieve this goal, the corpus has been limited to a set of eight articles published in years 2012 and 2013. The analyzes showed that the two printed communication vehicles have a similar press coverage promoting and legitimizing the hegemonic ideology of culture South Mato Grosso and also revealed the cultural diversity representation of various groups and societies that live in the city of Campo Grande and in the State of Mato Grosso do Sul.

Keywords: journalism; culture; cultural diversity, discourse analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA, ASPECTOS HEGEMÔNICOS DO JORNALISMO CULTURAL E DA HISTÓRIA CULTURAL SUL-MATO- GROSSENSE	13
1.1 Cultura e a Ideologia na Antropologia de Geertz	13
1.2 Face Simbólica e Hegemônica da Construção da Narrativa Jornalística	18
1.3 Prática do Jornalismo Cultural Brasileiro	27
1.4 Interfaces entre Diversidade Cultural e Jornalismo Cultural	34
1.5 Caracterizando o Sul-Mato-Grossense	38
II DELINEAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	48
2.1 Mapeando a Pesquisa	48
2.2 O Discurso Noticioso	53
2.3 As Narrativas na Perspectiva da Análise do Discurso	56
2.4 Marcas da Heterogeneidade Mostrada	58
2.5 A tríade cena englobante, cena genérica e cenografia	62
III DAS ANÁLISES	65

3.1	Aplicando noções propostas por Beaugrande e Colby	65
3.1.1	Memória Coroadada	65
3.1.2	‘Do Sul, Mato Grosso do Sul’ mostra orgulho de ser MS	71
3.1.3	Exposição com temática indígena é inaugurada hoje	74
3.1.4	Poeta do Pantanal	78
3.1.5	Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues	82
3.1.6	Cotidiano Terena em vídeos e fotos	86
3.1.7	Paraguai: Vizinho Misterioso	89
3.1.8	Na boca do povo	93
3.2	Aplicando noções propostas por Dominique Maingueneau	96
3.2.1	Heterogeneidade Mostrada Marcada	96
3.2.2	A Cena de Enunciação	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXO	119

INTRODUÇÃO

A valorização histórica e cultural de Mato Grosso do Sul, que é rica e diversificada, ainda é ameaçada de se perder no tempo pela ausência de políticas públicas comprometidas com sua conservação e difusão. As novas gerações, de forma geral, desconhecem as diversas identidades culturais locais e suas expressões. Portanto, a pesquisa neste campo é revestida de toda importância para se promover a análise e discussão sobre os novos conceitos de diversidade cultural, da questão multicultural e de identidade. A discussão sobre representações sócio-culturais no jornalismo cultural brasileiro e campo-grandense não pode abster-se dessas questões.

Nos suportes de informação diversos, que têm a finalidade de difusão da cultura nacional, o jornalismo brasileiro tem destinado pouco espaço para a diversidade cultural, encontrada nas diferentes regiões e esferas sociais e para o debate de políticas públicas governamentais.

Falta espaço para a valorização das diferentes identidades culturais, para os movimentos engajados com a cultura popular, para o debate de ideias, para a contraposição de tendências, enfim, para a cultura como conhecimento, em sua função crítica e antropológica e com a atividade do pensar voltado para os problemas da sociedade que estão relacionados à cultura do homem e sua formação cultural. A cultura da população que está nas ruas, no folclore, nos discursos e nas festas, localizada em centros urbanos ou rurais, pouco aparece, de maneira geral, a não ser quando está associada a grandes eventos ou quando se transforma em mercadoria de consumo.

Como profissional atuante no mercado jornalístico sul-mato-grossense, é possível observar que as matérias sobre cultura, veiculadas nos jornais impressos locais, difundem uma representação unilateral acerca da cultura e priorizam a difusão da ideologia da cultura sul-mato-grossense, que começou a ser configurada pela intelectualidade, atores do poder público e artistas locais, logo após o ato de criação de Mato Grosso do Sul, em 1977. Outra constatação relevante acerca da produção jornalística cultural local é a apropriação, pelos jornalistas, como referência, dos *releases*¹ que são enviados para as redações, em sua maioria

¹ *Release* é uma palavra da língua inglesa, que pode ser traduzida como liberação ou lançamento. No meio jornalístico, *press release* ou somente *release* refere-se ao conteúdo produzido e enviado pelas assessorias de

pelos órgãos públicos culturais do estado e município, na produção de grande parte das notícias. Uma reflexão mais analítica, crítica e social sobre o conteúdo, sob a ótica da diversidade cultural, são deixadas à margem da produção jornalística regional e local.

Para se estudar a diversidade cultural nos jornais de Campo Grande, este trabalho admitirá um conceito semiótico de cultura que melhor explica a questão do discurso humano e suas estruturas de significação. Fazer uma interpretação da cultura enquanto ação simbólica do comportamento humano capaz de transmitir significados culturais é uma perspectiva teórica proposta na teoria de Clifford Geertz (2012), que norteará este empreendimento científico. Ela é possível de ser aplicada, segundo o autor, quando o pesquisador pretende analisar o discurso social e investigar a importância não aparente das coisas diante de uma realidade que evidencia a diversidade do comportamento humano. Nesse contexto, ao analisar as ideologias no discurso humano, acredita-se que estas renovam sistemas simbólicos das comunidades e funcionam como bússolas das realidades sociais problemáticas e matrizes para a criação da consciência coletiva.

O presente trabalho tem por objetivo descrever e interpretar, a partir do arcabouço teórico da Análise de Discurso de linha francesa, formações discursivas e ideológicas, marcas da heterogeneidade mostrada e, ainda, cenas de enunciação da cobertura jornalística de cadernos de cultura, publicados nos anos de 2012 e 2013, por dois jornais diários de Campo Grande: *Correio do Estado* e *O Estado MS*. Os dois veículos de comunicação foram selecionados pelo fato de serem os dois jornais diários da capital concorrentes que publicam matérias culturais produzidas e assinadas por jornalistas do seu quadro de funcionários. O terceiro jornal diário impresso existente em Campo Grande é a Folha do Povo, que não publica matérias culturais próprias e usualmente divulga os releases enviados para sua redação.

O intuito é buscar respostas à seguinte pergunta: Como as manifestações culturais dos diversos atores étnicos e migrantes são transformadas em narrativas pelos produtores de notícias? Em outras palavras, pretende-se compreender como eventos sociais relativos à cultura são transformados em narrativas, por meio da análise da organização dos papéis e dos dizeres dos atores sociais que delas participam, ou seja, como está sendo representada a

diversidade cultural dos variados grupos e sociedades que vivem no município de Campo Grande e no estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo Scwhengber (2008), lançado em 1954, o jornal *Correio do Estado* é o mais expressivo e um dos três mais antigos ainda em circulação em Mato Grosso do Sul. O veículo de comunicação é integrante do grupo de comunicação de mesmo nome, que controla boa parte da informação veiculada em Campo Grande. O grupo é proprietário da Rádio Cultura AM e da Rede Centro Oeste de Rádio e Televisão: Rádio Canarinho FM e TV Campo Grande (repetidora do SBT), além de uma produtora de vídeo e uma fundação denominada Barbosa Rodrigues. Além desses veículos, já foram de sua propriedade a TV Guanandi (filiada à Rede Bandeirantes, vendida no final de 2000), a TV Dourados (repetidora do SBT no município de Dourados, vendida no final de 2000) e o jornal *Diário da Serra*, extinto no segundo semestre de 1998. O grupo *Correio do Estado* é de propriedade da família Rodrigues, administrado até 2003 por José Barbosa Rodrigues, e desde então por Antônio João Hugo Rodrigues (que passou a administrar as empresas desde o falecimento do pai) e por Éster Figueiredo Gameiro, que possui uma cota de participação da empresa por ter sido casada com Antônio João. Desde sua fundação, em 07 de fevereiro de 1954, a linha editorial do *Correio do Estado* prioriza a política. Já o jornal *O Estado MS* colocou em circulação seu o primeiro exemplar, em 2 de dezembro de 2002, portanto tem uma fundação relativamente recente e vem disputar mercado com os jornais *Correio do Estado* e *Folha do Povo*.

A partir dos objetivos mencionados acima, a presente dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro, são apresentadas considerações sobre cultura, aspectos hegemônicos do jornalismo cultural e da histórica cultural sul-mato-grossense. Ainda, são abordados dados acerca da cultura e a ideologia na antropologia de Geertz (2012), da face simbólica e hegemônica da construção da narrativa jornalística, da prática do jornalismo cultural brasileiro, das interfaces entre diversidade cultural e jornalismo cultural, bem como a caracterização do sul-mato-grossense.

No segundo capítulo, foi explicitado o quadro teórico de abordagem do *corpus*, filiado, primordialmente, às atuais “tendências francesas da análise do discurso”, sem perder de vista, no entanto, contribuições da chamada “Escola Francesa de Análise do Discurso”, principalmente no que se refere a alguns conceitos fundamentais como: formação discursiva, formação ideológica e ideologia. Para subsidiar as análises, recorreremos a noção de cena de enunciação, instituindo uma perspectiva que a apresenta como passível de uma tríplice

apreensão e que se define a partir do tipo de discurso (cena englobante), da cena referente ao gênero de discurso (cena genérica) e, por último, da cena que se constrói como elemento essencial de legitimação dos discursos (cenografia).

O último capítulo é dedicado ao desenvolvimento das análises, mobilizando noções propostas por Beaugrande e Colby (1980) e ainda por Dominique Maingueneau (1997).

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA, ASPECTOS HEGEMÔNICOS DO JORNALISMO CULTURAL E DA HISTÓRIA CULTURAL SUL-MATO-GROSSENSE

A sociabilidade do mundo moderno é caracterizada por um padrão de racionalidade que é sempre requisitado quando os atores sociais se deparam com suas contradições. Nesse cenário, as incoerências encontradas nas expectativas do dia-a-dia são eliminadas e resolvidas cotidianamente por meio de estruturas simbólicas fundamentadas na cultura. O jornalismo, como participante dos mecanismos da vida moderna, transcodifica os padrões culturais hegemônicos da racionalidade instrumental e difunde em sua prática o senso comum imputando desta forma, significados à experiência cotidiana.

Na atividade jornalística, os acontecimentos providos de noticiabilidade são interpretados como “paradoxos cotidianos” (SILVA, 2013, p.127). Nesse contexto, a narração jornalística, estabelecendo um padrão hegemônico, apresenta uma função indispensável na identificação e atenuação destes paradoxos, racionalizando-os tanto no plano do conteúdo como nos seus aspectos estético-expressivos.

O presente capítulo busca a compreensão desses fenômenos de forma a interpretá-los posteriormente na prática do jornalismo cultural exercido no âmbito da região campo-grandense, capital de Mato Grosso do Sul. Nessa trajetória teórica, admite uma perspectiva semiótica da cultura buscando ainda uma contextualização sócio-histórica do campo do jornalismo cultural brasileiro e da cultura sul-mato-grossense.

1.1 Cultura e a Ideologia na Antropologia de Geertz

Para empreender esta pesquisa acadêmica foi assumido o conceito de cultura do antropólogo Geertz (2012), afirmando-a como uma teia de significados que o próprio homem tece cotidianamente. O autor explica ainda que a análise cultural perpassa uma ciência interpretativa à procura do significado e requer a escolha de estruturas de significação. Sendo

o comportamento humano percebido como uma ação simbólica, surge a seguinte questão: o que se transmite quando a cultura ocorre? Para Geertz (2012, p.10), um dos objetivos da antropologia é a expansão do universo do discurso humano.

[...] esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível [...]).

Nessa perspectiva, a descrição da cultura de um povo deve ser presumida em função das construções que os pesquisadores imaginam que os povos afirmam por meio da vida que levam, o modelo que eles utilizam para definir o que lhes acontece. Isso não quer dizer que as descrições feitas são elas mesmas parte da realidade da cultura analisada. Uma vez que seu ponto de partida é um sistema em desenvolvimento de análise científica – a antropologia – elas devem ser consideradas em função das interpretações às quais os sujeitos de uma designação particular subordinam sua experiência, de modo que o resultado é o que eles admitem como descrições. “O ponto global da abordagem semiótica da cultura é, como já disse, auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo do conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles” (GEERTZ, 2012, p. 17).

Nos estudos culturais, os significantes são atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos, cujo objetivo é a análise do discurso social e a investigação da importância não aparente das coisas. Uma vez confrontados com a enorme diversidade do comportamento humano, os antropólogos fogem das particularidades culturais quando têm que definir o homem. (GEERTZ, 2012). Essa concepção pressupõe relações sistemáticas entre fenômenos diversos de forma sintética, abarcando os vários aspectos da existência, no qual os fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais possam ser tratados como variáveis dentro dos sistemas unitários de análise. Nesse contexto, Geertz (2012, p. 32) propõe a ideia de cultura como “um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – ou seja, programas para governar o comportamento”. Defende, ainda, que o homem é o animal que mais desesperadamente depende de tais programas culturais para ordenar seu comportamento. Essa perspectiva traz como hipótese que o pensamento humano configura-se tanto socialmente quanto publicamente. O pensamento é o resultado do tráfego de símbolos significantes, que Geertz (2012, p. 33) classifica como:

[...] qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo propósito: para fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no 'curso corrente das coisas experimentadas.

Sem esses sistemas organizados de símbolos significantes, o comportamento do homem seria um caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria nenhuma estrutura. A totalidade acumulada desses padrões culturais é uma condição básica para a existência humana, a essência de sua espécie. Não existe natureza humana sem a prerrogativa da cultura.

Os homens são animais incompletos e inacabados que se desenvolvem por meio de formas especificamente particulares de cultura. Já é excessivamente observada a enorme capacidade de aprendizagem do homem, mas é de fundamental importância crítica, a percepção a sua dependência ilimitada daquele aprendizado que requer a formulação de conceitos e a apreensão de sistemas específicos de significado simbólico.

As ideias, os valores, os atos, as emoções são produtos culturais elaborados e manipulados resultados de capacidades, tendências e disposições com as quais os homens nascem, ou seja, os homens são artefatos culturais. Geertz (2012, p. 35) explica a indefinição dos limites entre o comportamento biológico e o comportamento cultural da seguinte maneira:

[...] vivemos num "hiato de informações. Entre o que o nosso corpo nos diz e o que devemos saber a fim de funcionar, há um vácuo que nós mesmos devemos preencher, e nós o preenchemos com a informação, ou desinformação, fornecida por nossa cultura. A fronteira entre o que é controlado de forma inata e o que é controlado culturalmente no comportamento humano é extremamente mal definida e vacilante.

Seguindo o raciocínio de Geertz (2012), para se entender a importância do homem e compreender a diversidade cultural, é preciso admitir que aquilo que os homens consideram que são é variado. A diferença é a maior riqueza da humanidade. É preciso compreender essa variedade, sua abrangência, sua natureza, seu princípio e suas implicações,

de modo que se torne possível à construção de um conceito de natureza humana inteligível, consistente e verdadeiro. A antropologia é a ciência da diferença, diferença essa, entendida na atualidade como a diversidade cultural. Nesse sentido, a cultura é capaz de propiciar a relação do que os homens são intrinsecamente aptos de se tornar e o que eles se tornam realmente.

O homem converte-se humano tornando-se individual, e isso somente é possível sob o comando dos padrões culturais específicos, sistemas de significados criados historicamente acerca dos quais ele elabora, sistematiza e direciona sua vida. A diversidade cultural humana só pode ser compreendida profundamente, segundo Geertz (2012, p. 38), se os pesquisadores adotarem o seguinte posicionamento:

Temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face.

O modelo simbólico subordina o algo não familiar para torná-lo familiar. Os símbolos ou sistemas de símbolos chamados cognitivos ou expressivos são fontes extrínsecas de informações em função das quais a vida humana tem possibilidade de ser padronizada. Os padrões culturais² sejam eles filosóficos, religiosos, científicos ou ideológicos são programas que referenciam a organização dos processos sociais e psicológicos, atuando como ferramentas de organização e controle. O homem constrói a si mesmo por meio da elaboração de ideologias ou de imagens esquemáticas da ordem social. Tornando-se assim, um animal político. “A função da ideologia é tornar possível uma política autônoma, fornecendo os

² Padrão cultural é constituído pelo conjunto de elementos simbólicos que está relacionado tanto com a noção teórica de “valor cultural”, caracterizado por uma abrangência maior no sentido de envolver variáveis socioculturais diversas, como com o conceito de “imaginário social” fundamentado por Cornelius Castoriadis (1987, p.229), que consiste num “sistema de normas, valores, linguagem, instrumentos, procedimentos e métodos de fazer frente às coisas e de fazer coisas”. Nesta perspectiva, o teórico Faro (2011, p.105) explica que padrão cultural pode ser considerado um elemento de natureza simbólica que leva em conta a “existência sensível” e proporciona a ela os componentes com os quais “o ser social lê e interpreta o mundo”. Ainda segundo o autor, os padrões culturais surgem do modo de vida moderno e figuram como um marco da experiência contemporânea por apresentarem uma natureza complexa que opera muito além do simples exercício do consumo. Eles estabelecem códigos e difundem novas relações de sociabilidade, cotidianidade e bem-estar, fundamentando desta maneira um conjunto de processos simbólicos têm a capacidade de moldar a existência e oferecem a ela os elementos específicos com os quais torna-se possível a compreensão da realidade. Já o teórico inglês Stuart Hall (1977, p.317), direciona o padrão cultural para a existência de uma complexa trama de estruturas e relações sociais que são estabelecidas nos diversos níveis de práticas cotidianas que acabam por consolidar uma padronização, um “modo de vida” que referencia para indivíduos e grupos sociais. Essas práticas cotidianas envolvem os próprios modos materiais de produção, as formas de organização social do trabalho, o desenvolvimento técnico das atividades produtivas, as instituições sociais pelas quais ocorrem a circulação de bens e a percepção social de valores e também as formas de associação civil, de vida familiar e de estruturas políticas apropriadas a esse contexto. (SILVA, 2013, p.18)

conceitos autoritários que lhe dão significado, as imagens suasórias por meio das quais ela pode ser sensatamente apreendida” (GEERTZ, 2012, p. 124). Tentando dar sentido a situações sociais, as ideologias tornam possíveis a construção de políticas passíveis de serem aceitas por meio de sua natureza intensamente figurativa, fornecendo à comunidade sistemas simbólicos novos que integram um espectro de realidades não familiares resultantes da transformação da vida política e que funcionam como uma bússola de uma realidade social problemática e modelo para a criação da consciência coletiva.

A sociedade moderna padece de um sentido de desorientação generalizado, de modo que é premente a busca por uma estrutura simbólica em função da qual os problemas políticos possam ser repensados. O nacionalismo é um dos novos símbolos apreendidos pelas nações como modelo de tradicionalismo reconstruído. Os novos Estados estão a procura de conceitos políticos praticáveis, mesmo que não completamente apreendidos e incertos.

Apesar de estarem imersos no fluxo da modernidade é inerente o conflito com os valores e os padrões cognitivos. Porém, buscam um retorno à sua própria personalidade nacional. No mundo das idéias, o movimento está na ordem do dia. A questão é como surgirá a construção de um sistema político que alcance suas necessidades contemporâneas. Esse sentido de desorientação generalizado é explicitado e resumido por Lamartine apud Geertz (2012, p. 126):

Esses tempos são tempos de caos; as opiniões são uma disputa; os partidos são uma confusão; ainda não foi criada uma linguagem para as novas idéias, nada é mais difícil do que dar uma boa definição de si mesmo em religião, em filosofia, em política. Sente-se, conhece-se, vive-se e, se necessário, morre-se por uma causa, mas não se pode denominá-la. É um problema desta época classificar as coisas e os homens [...] O mundo embaralhou o seu catálogo.

Entretanto, parece improvável que os Estados Nacionais consigam encontrar a solução de seus problemas independentemente de uma orientação ideológica. Talvez seja preciso, criar uma estrutura teórica para analisar esses processos políticos, caracterizados por forças sociológicas, psicológicas e culturais.

1.2 Face Simbólica e Hegemônica da Construção da Narrativa Jornalística

Para compreender o jornalismo como uma das engrenagens dos processos de construção simbólica da experiência cotidiana, este trabalho extraiu como referência as discussões realizadas na tese *A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana*, do autor Marcos Paulo da Silva, defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Ela apresenta uma revisão bibliográfica de diversos autores e analisa de forma qualitativa a construção cultural dos chamados critérios de noticiabilidade no jornalismo. Ao repensar a problemática da noticiabilidade no que envolve os parâmetros que levam determinados acontecimentos a receber a valoração de notícia em detrimento de outros, o teórico dimensiona a narrativa noticiosa como um dos elementos estético-expressivos mais consistentes na sustentação da experiência cotidiana moderna. O autor ao apresentar um conjunto alternativo de concepções teóricas que, articuladas, explicitam a complexidade do processo de seleção noticiosa elaborou um modelo explicativo pendular que se configura como metáfora tangível para a relação entre o jornalismo, os paradoxos cotidianos e os parâmetros simbólicos que caracterizam a regularidade cotidiana como padrão cultural da sociabilidade moderna.

Assim como a tese citada anteriormente, este trabalho admite a perspectiva de Michael Schudson (2003), quando defende o pressuposto de que “a notícia é antes de tudo um produto da cultura” (BERTOLLI FILHO; TALAMONI, 2011, p.106). Com um posicionamento teórico culturalista, o sociólogo adota uma visão geertziana, na qual a cultura é vista como “uma produção simbólica tecida pelos próprios homens”. Neste sentido, a produção noticiosa, considerada como simbólica, está impregnada por dimensões culturais em sua prática ao atribuir critérios de noticiabilidade. (BERTOLLI FILHO; TALAMONI, 2011, p.107).

Para Schudson (2003), ao se considerar a notícia como uma produção cultural mais ampla que vai muito além de uma simples somatória de fatos, seu entendimento estende-se tanto ao procedimento de seleção dos acontecimentos jornalísticos como a construção de sua narrativa, fenômenos estes que nesta perspectiva não devem ser analisados de modo dissociado. Schudson (2003) defende:

As notícias como uma forma de cultura incorporam pressupostos sobre o que é importante, o que faz sentido, quais são suas localidades e temporalidades vividas e quais são as considerações que devem ser aceitas com seriedade. Assim, uma notícia deve supostamente responder às questões “quem”, “o que”, “quando”, “onde” e “por que” de um determinado assunto. Para entender as notícias como cultura, no entanto, faz-se necessário questionar quais categorias de pessoas são consideradas “quem”, quais tipos de coisas passam por fatos ou configuram “o que”, quais geografias ou sentidos de tempo são inscritos como “onde” ou “quando”, e o que pode ser compreendido como uma explicação de “por que”. (SCHUDSON, 2003, p.190, tradução nossa)

Esse tratamento cultural dado as notícias auxilia evidenciar os estereótipos e imagens generalizadas que passam por um enquadramento a partir de noções ideológicas convencionadas socialmente especialmente localizadas no âmbito do senso comum de um dado sistema hegemônico (SCHUDSON, 2003).

Sobre a noticiabilidade³, o teórico Stuart Hall (1981b), possui uma visão semelhante. Para o culturalista, o processo de significação dos acontecimentos apresenta duas dimensões diretamente interligadas: a operacionalização propriamente dita dos valores-notícia e a esfera ideológica que perpassa esse fenômeno. O campo ideológico está localizado em discursos interpretativos e temáticos socialmente conotados. Entretanto, o teórico alerta para o fato de que as discussões acerca dos valores-notícia se restringem a um repertório de características operacionais que de forma presumida são capazes de identificar os elementos formais supostamente presentes nos acontecimentos jornalísticos. Eles, enquanto elementos simbólicos que selecionam o que se encaixa como produto noticioso, evidenciam uma dos mais opacos sistemas de sentido da sociedade moderna, que não são percebidos nem pelos próprios jornalistas.

Na prática da produção jornalística, existem duas espécies características de critérios de noticiabilidade, no processo de significação das notícias: os valores-notícia formais, integrantes do discurso dos jornais, dos jornalistas enquanto grupo profissional, e dos elementos institucionais da construção da notícia; e os valores-notícia ideológicos, que estão relacionados com o discurso político-moral vigente na sociedade. Desse modo, “os temas ideológicos adaptam-se de várias maneiras segundo a construção específica que cada

³ Para Pamela J. Shoemaker e Akiba A. Cohen (2006) o fenômeno da noticiabilidade associa-se a julgamentos individuais – de jornalistas ou não – projetados sobre os acontecimentos do mundo fenomênico. Ele é fundamentado no modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade segundo o entendimento do mundo das pessoas comprometidas nesse processo interpretativo e de construção sociocultural da noticiabilidade.

organização jornalística escolhe” (HALL, 1981b, p.231, tradução nossa). Essas modalidades de critérios de noticiabilidade determinam diversos ângulos de abordagem de uma notícia.

Ainda que os valores-notícia sejam difundidos num formato “operacional e neutro”, eles caracterizam elementos simbólicos que na verdade não apresentam neutralidade alguma pelo fato de produzirem “reconhecimentos familiares” nos leitores que constroem um discurso no qual a ideologia perpassa. Essa articulação torna viável a relação entre “o discurso interno dos jornais e o universo ideológico mais amplo da sociedade” (HALL, 1981b, p. 234, tradução nossa).

Para um melhor entendimento sobre como é operacionalizada a ideologia na sociedade e como os meios de comunicação contribuem para sua difusão, este estudo recorre ainda ao teórico James Lull (1997, p. 20), que conceitua a ideologia como “pensamento organizado: complemento de valores, orientações e predisposições que formam perspectivas ideacionais expressadas por meio da comunicação mediada tecnologicamente”⁴.

Lull (1997) defende que algumas ideologias podem sofrer grande resistência dos receptores ou serem absorvidas com êxito. O pensamento organizado nunca tem como característica a inocência, pois refletem ideias de indivíduos, grupos de pessoas e instituições, mesmo que não seja possível percebê-las claramente. O termo ideologia retrata ainda, a relação entre a informação e o poder social sob uma contextualização política, econômica e cultural.

Lull (1997) pontua ainda que a ideologia não só é integrada por representações simbólicas particulares, mas também é transmitida por meio de uma gramática de produção por meio da qual a mídia universaliza um estilo de vida. Para Lull (1997, p. 25) “a apresentação repetida de esferas ideológicas partidárias persiste defendendo ou ‘indicando’ cultura, particularmente para a população muito exposta aos meios”⁵. Os emissores precisam conquistar sua hegemonia ideológica, ou seja, encontrar um método com o fim de obter e manter o poder.

⁴ Texto original: “[...] pensamiento organizado: complementos de valores, orientaciones y predisposiciones que forman perspectivas ideacionales expresadas a través de la comunicación mediada tecnológicamente”.

⁵ Texto original: “la presentación repetida de esferas ideológicas partidistas persiste definiendo o ‘indicando’ cultura, particularmente para la gente muy expuesta a los medios”.

De acordo com Lull (1997, p.25) “hoje a influencia ideológica é essencial no exercício do poder social”⁶. Essa afirmação vai ao encontro das ideias de Gramsci (2004) e Stuart Hall (1981), quando defendem que os meios de comunicação são instrumentos utilizado pelas elites dirigentes para perpetuar seu poder difundindo sua filosofia, cultura, moral e pontos de vista. A classe dominante estabelece os limites mentais e estruturais do território em que vivem as classes subordinadas, oferecendo significados que sustentem a subordinação. Hegemonia ocorre por meio do exercício total da “autoridade social” (HALL, 1977, p.332) de uma classe dominante sobre outras classes e outras formações sociais de maneira geral. A hegemonia se realiza quando classe dominante além de dominar sendo detentora de força de coerção também conduza de forma que comande e ainda conquiste o consenso das classes subordinadas. Em resumo, ela exige uma combinatória de força e consenso.

Para Lull (1997), a hegemonia está, intimamente, ligada a representação ideológica da cultura. O autor persegue que suas propostas ideológicas se transformem em crenças culturais autoevidentes, onde as pessoas subordinadas admitam a ideologia dominante como sua realidade normal traduzida em experiências físicas e de consciência cotidianas. Assim, a hegemonia passa despercebida aos menos atentos. “O consenso social pode chegar a ser um meio de controle mais eficaz do que a coerção ou a força” (LULL, 1997, p.53)⁷.

Gramsci (*apud* HALL, 1977, p.332), destaca que no estado capitalista-liberal, o consenso lidera ao operar por trás “da armadura da coerção”. Na realidade, a hegemonia é muito frágil e tem que ser reafirmada constantemente por meio de um trabalho ideológico contínuo dos indivíduos e grupos de interesse. A hegemonia fracassa quando sua ideologia não consegue deter a resistência social, reconhecida como contra-hegemônica, revelada em pessoas que representam a independência de pensamento e a criatividade em estilos de vida e valores.

Ao se compreender o jornalismo como uma atividade cultural, inscrita num jogo dialético de construção social da realidade, é preciso reconhecer que ele só encontra legitimidade quando transcodifica e difunde formações culturais já existentes na sociedade. Essa discussão, feita na tese *A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade*,

⁶ Texto original: “*hoy la influencia ideológica es esencial en el ejercicio del poder social*”.

⁷ Texto original: “*El consenso social puede llegar a ser un medio de control más eficaz que la coerción o la fuerza*”.

representação simbólica e regularidade cotidiana, do autor Marcos Paulo da Silva (2013), destaca que nos processos de categorização e operacionalização dos acontecimentos noticiáveis perpassam padrões culturais variados que devem ser considerados na atividade de seleção noticiosa. Para Hall (1977) uma determinada formação cultural, para garantir sentido à sua existência, deve sujeitar-se a um discurso ideológico abrangente e anteriormente determinado. O teórico destaca a importância de se admitir a complexidade característica do vínculo entre senso comum e ideologia. Ao estabelecer como referência os estudos do filósofo francês Louis Althusser, o teórico aponta que os meandros da cotidianidade perpassam os aparatos ideológicos do capitalismo. Isso ocorre muito além das relações de determinação. As ideologias são formadas em sistemas de representação, imagens e conceitos e aparecem como estruturas que são impostas à grande maioria dos homens.

Os sistemas de representação são os sistemas de significado por meio dos quais as pessoas representam o mundo para elas mesmas e para os outros. Também trazem o reconhecimento de que o conhecimento ideológico é resultado de práticas específicas relacionadas com a produção do significado. Nesta linha de pensamento, o social nunca é externo ao semiótico, ou seja, não existe prática social fora da ideologia, uma vez que cada uma delas nasce da interação entre significado e representação, sendo possível, ela mesma, ser representada. Hall (2009, p. 170) pondera que:

Não se pode afirmar que todas as práticas não são nada mais que ideologias só porque elas se situam na ideologia ou a ideologia está inscritas nelas. Há uma especificidade àquelas práticas cujo principal objetivo é produzir representações ideológicas. Elas diferem de outras práticas que - de forma inteligível e significativa - produzem outras mercadorias.

Os profissionais da mídia trabalham produzindo, reproduzindo e transformando a própria esfera da representação ideológica. Os sistemas de representação são plurais, existindo em qualquer formação social. As ideologias são operacionalizadas por meio de cadeias discursivas, agrupamentos, campos semânticos e formações discursivas. Ao atuar num campo ideológico as pessoas selecionam uma ideia e no mesmo momento acionam uma cadeia de associações conotativas.

Diversos sistemas ideológicos e lógicas variadas estão disponíveis em qualquer formação social. As cadeias discursivas “se contestam umas às outras geralmente a partir de

um repertório comum e compartilhado de conceitos, rearticulando e desarticulando esses conceitos dentro de sistemas de diferença ou equivalência” (HALL, 2009, p. 171). Os indivíduos precisam dos sistemas para representar o que a realidade significa para eles e os outros. Além disso, as pessoas tomam como instrumento diversos sistemas de representação para experimentar, interpretar e dar sentido às condições de sua existência. De acordo com Hall (2009, p.171), o termo “viver” traz conotações no campo da experiência. Para ele, as pessoas experimentam o mundo por meio dos sistemas de representação da cultura que resultam de seus códigos de inteligibilidade e esquemas de interpretação.

Em razão disso, a ideologia sempre tem a possibilidade de conceituar determinados objetos ou condições objetivas do mundo real de diversos modos. “Não existe ‘correspondência necessária’ entre as condições de uma relação ou prática social e as várias formas pelas quais estas podem ser representadas” (HALL, 2009 p. 171). Hall (2009) reconhece que não há possibilidade dos indivíduos experimentarem as relações reais do mundo social sem considerar suas categorias culturais ou ideológicas. O autor defende que determinadas categorias ideológicas têm a possibilidade de fornecer às pessoas um conhecimento mais significativo ou apropriado de certas relações do que outras. Os indivíduos nascem dentro das relações sociais que existem apesar de sua vontade. Porém, as pessoas não têm a capacidade de desenvolverem uma prática social sem representá-las para si mesmas. Só, que apesar das relações sociais existirem independentemente da mente e do pensamento, elas só podem ser percebidas por meio destes dois elementos.

Althusser *apud* Hall (2009) defende que os sistemas de representação são estabelecidos essencialmente em estruturas inconscientes, no sentido de regras e categorias. Para Althusser os indivíduos não têm consciência das regras e sistemas de classificação de determinada ideologia quando produzem certa enunciação ideológica. Mas a enunciação é capaz de revelar um discurso estruturalmente e permite a observação das suas categorias gerativas. O autor acredita ainda na possibilidade de que certos posicionamentos essenciais dos indivíduos na linguagem ou no domínio ideológico são estruturados por meio de processos inconscientes em seus estágios iniciais de formação e que orientam as futuras formas de se situarem nos discursos ideológicos. Só que as pessoas permanecem abertas para serem posicionadas e situadas de diversas maneiras e diferentes momentos de sua existência, no contato com formações sociais específicas de locais sociais diversos. É importante avaliar o campo semântico, por meio do qual determinadas cadeias ideológicas são atribuídas de significado. Hall (2009, p. 182) esclarece:

Marx nos lembra que as idéias do passado sobrecarregam as mentes dos vivos como um pesadelo. O momento da formação histórica é crítico para qualquer campo semântico. Essas zonas semânticas adquirem formas em certos períodos históricos [...]. Esses traços podem ser reativados num estágio posterior, até mesmo quando os discursos já tiverem se fragmentado em ideologias orgânicas e coerentes.

O teórico destaca ainda a prática cotidiana de significação do mundo do realizar a atribuição de sentidos é operacionalizada a partir do modo como os atores sociais estão situados nas reais condições de existência da organização capitalista. Hall (1977, p. 331) admite que qualquer período específico da história apresenta um dominante “sistema central de práticas, sentidos e valores” que são “organizados e vividos”. Como uma estrutura dinâmica, esse é um processo de assimilação segundo o qual os sentidos e valores definidos na periferia da esfera hegemônica não contradizem os elementos centrais da cultura dominante, totalmente conectada no sentido da vida cotidiana.

Para Silva (2013), a atividade jornalística cotidiana difunde um sentido de racionalidade legitimado socialmente, uma vez que atua sobre os elementos que rompem com a ordem simbólica consensualmente estabelecida. Este sentido de racionalidade é ratificado socialmente, sendo que os eventos identificáveis como “notícia”, conceituados por Silva (2013, p. 90) como “eventos *paradoxais*”, são planejados e retornam aos seus sentidos culturalmente consensuais.

Sob essa ótica, no desenvolvimento dos processos simbólicos de poder é intrínseco a difusão do padrão cultural moderno na qual a ideia de uma racionalidade instrumentaliza o cotidiano – estabelecendo um padrão hegemônico na cultura moderna. Silva (2013) acredita que o jornalismo constitui uma narrativa híbrida que transcodifica e difunde na sociedade alguns dos sentidos mais profundos dessa maneira característica de racionalidade que surge da experiência moderna. A perspectiva de Geertz (2007) de alguma forma complementa essa ideia ao considerar que a narrativa jornalística adquire significado e obtém força muito mais quando é fundamentada numa cadeia de princípios compartilhados socialmente do que quando parte de características ideológicas ou econômicas. Para o teórico sua importância se revela “quando as expectativas comuns falham, quando o homem comum se confronta com anomalias ou contradições” (GEERTZ, 2007, p. 120). Sua utilidade se apresenta no momento em que a narrativa jornalística dá significado aos fatos que fogem à

ordem da vida cotidiana. Uma vez que o mundo capitalista é marcado por contradições apesar de movido pela regularidade, o cotidiano e a vida cotidiana são marcados pela contínua busca de sentido. O jornalismo contribui na produção e disseminação desses sentidos sociais compartilhados.

Os sentidos caóticos dos acontecimentos noticiáveis retornam à regularidade cotidiana por meio de um processo de racionalização da existência, uma maneira de dominá-la aparentemente. Um olhar pelo vértice das rotinas práticas do campo ajuda a explicitar, sem grandes dificuldades, que a consulta a um estreito grupo de “especialistas” já legitimados pela própria mídia constitui um expediente operacionalmente viável – “seguro e previsível” – para os jornalistas no desempenho de suas atividades cotidianas. Como observa Gitlin (2003), para além da funcionalidade operacional da questão, é preciso reconhecer que os chamados *experts*⁸ inserem-se em uma conjuntura mais ampla de manutenção das relações sociais de poder: cumprem, em última análise, um importante papel no jogo hegemônico instituído na sociedade.

[...] Jornalistas nunca admitem que evitam a utilização de ‘fontes não-convencionais’ pelo fato delas representarem pontos de vista que questionam o *status quo*. Ao contrário, argumentam que as instituições legitimadas possuem mais noticiabilidade e, portanto, merecem uma maior atenção da mídia. Assim, porta-vozes de instituições legitimadas são geralmente utilizados como fontes bem mais do que aqueles originários de instituições não-legitimadas (SOLEY, 1992, p.23, tradução nossa).

Os rotulados “*experts*” ou comentaristas de acontecimentos noticiosos passam a participar das rotinas jornalísticas por meio desse processo de convencionalização das fontes. Segundo Soley (1992), esse rótulo é atribuído a fontes que provém de instituições que já foram legitimadas pela sociedade e a própria mídia dentro dos mecanismos que visam a permanência de uma ordem social hegemônica. Silva (2013, p.188) referenda essa perspectiva afirmando que:

⁸ A noção de “*expert*” no contexto deste estudo – tarefa auxiliada pela definição exposta por Shoemaker & Resse (1996) para o termo. Apropriado do idioma inglês e com valor semântico aproximado das ideias de “perito”, “técnico” ou “especialista”, o vocábulo é adaptado ao âmbito das notícias como a pessoa confiada pelos jornalistas para colocar os eventos no interior de um contexto e explicar o sentido das notícias. Posto que a rotina da objetividade orienta os repórteres a não expressar abertamente seus pontos de vista, eles devem procurar por *experts* para providenciar uma análise compreensível do significado dos eventos noticiosos. A escolha dos *experts* possui, assim, uma significativa influência no modo como as notícias são formatadas. (SILVA, 2013, p. 179).

[...] a interpretação de que a inclusão da figura dos *experts* na construção da narrativa noticiosa diz respeito a um processo mais amplo de concessão de elementos explicativos aos sentidos mais dissonantes dos eventos noticiáveis – ou seja, trata-se da introdução na narração jornalística de uma determinada categoria de agentes sociais dotados de uma especificidade de capital simbólico capaz de corroborar a dinâmica de diluição dos *paradoxos* cotidianos. Não constitui, porém, uma mera “inclusão” isenta de complexidade. Em última análise, consiste em mais um componente da multifacetada cadeia simbólica que permite a transmissão de sentidos hegemonizados aos *paradoxos* da sociedade de modo a devolvê-los aos parâmetros *doxais* que norteiam a cultura.

Estes sentidos hegemonizados, segundo o autor podem ser percebidos no âmbito da prática jornalística por meio de características específicas de racionalização dos produtos jornalísticos. Um exemplo disso é “a própria divisão dos jornais tradicionais em seções e cadernos específicos – métrica e cronologicamente segmentados, caracterizados por regularidades temporais próprias - diários, semanais, quinzenais, etc” (SILVA, 2013, p.177). Ela auxilia na compreensão de um sentido específico de ordenamento cotidiano difundido pelo exercício noticioso. Ao virar diariamente a página do jornal, os consumidores de notícia visualizam de forma contínua acontecimentos cotidianos que são abordados racional e objetivamente sem se depararem com fatos inexplicáveis. O jornalismo objetivo desta maneira oferece ao leitor o contato controlado ao paradoxo possibilitado pela racionalidade jornalística. Entretanto esse padrão de consumo simbólico da modernidade está vinculado em diferentes comunidades de sentido, a contratos comunicativos específicos (CHARAUDEAU, 2003).

As rotinas noticiosas no mundo ocidental foram estruturadas e disseminadas de uma maneira que os jornalistas geralmente não possuem nem conhecimento técnico nem teórico para alcançarem a particularidade de assuntos específicos. A solução encontrada foi a consulta a especialistas que geralmente apresentam interpretações distanciadas dos contextos surgidos a partir dos eventos noticiados. Este fato demonstra que a participação destes “*experts*” na prática jornalística destaca muito além de uma simples necessidade imediata no exercício das funções jornalísticas profissionais. Este contexto configura uma regra implícita legitimada e compartilhada dentro do campo. Ao analisar este cenário Silva (2013, p.201) avalia:

No interior da conjuntura apresentada, todavia, a propagação de um modelo alternativo de “fazer jornalismo” – eventualmente menos vinculado às “vozes atributivas” e mais próximo de uma interpretação levada a cabo pelos próprios “analistas do dia – não se restringe a uma mera questão de preparo teórico-técnico

ou de tempo destinado à cobertura de cada evento: mais do que isso, como argumenta Robert Darnton (1990), trata-se da difusão social de um modo de narrar o mundo já emaranhado historicamente em padrões culturais mais abrangentes.

O fato de que a diversidade cultural e suas implicações acerca da identidade e do conceito multicultural sob a significação da pluralidade de representações serem assuntos escassamente tematizados nos cadernos culturais dos diários brasileiros na atualidade, deve ser questionado pelos pesquisadores do campo do jornalismo cultural. Os estudos atuais devem dialogar com mecanismos dos processos sociais hegemônicos, entrelaçados com as questões culturais, e que visam atender a uma condição específica do mercado jornalístico capitalista. A visão de que o vertiginoso crescimento do setor cultural e de sua indústria não permitem que se exercite a cidadania e a crítica no fazer jornalístico cultural, deve ser repensada, uma vez que no período entre 1950 e 1970, as questões que orientavam e retratavam os modos e hábitos de vida e consumo dos leitores, críticos e grupos sociais, eram diferentes das atuais. Além disso, hoje a intelectualidade brasileira, volta sua atenção para a diversidade cultural e se adequando às diretrizes da Convenção da Diversidade Cultural da UNESCO.

Nesse sentido, os pesquisadores do jornalismo cultural devem encontrar novas perspectivas do consenso público que reflitam uma imagem clara desta nova realidade social. Devem ter como objetivo elaborar uma estrutura teórica que analise esses processos políticos, caracterizados por forças sociológicas, psicológicas e culturais que dêem conta de promover o estudo científico da ideologia associando-o ao campo do jornalismo cultural. O capítulo seguinte irá contextualizar a realidade da prática do jornalismo cultural brasileiro e sua conexão com a diversidade cultural.

1.3 Prática do Jornalismo Cultural Brasileiro

A modernidade e suas consequências fez emergir gradativamente produtos culturais associando-os a novas demandas e público na esfera das sociedades ocidentais. Segundo Buitoni (2000), estima-se que até o final do século XVII seria muito improvável a existência de um público consumidor de arte e cultura. Essa demanda somente iria iniciar a partir do crescimento da urbanização, do capitalismo industrial e fortalecimento dos Estados nacionais,

entre outros aspectos que fomentaram a história da modernidade. Cuche (1999) avaliza essa perspectiva ao analisar a evolução e a mudança dos conceitos de cultura enfatizando a virada entre os séculos XVIII e XIX. Neste momento se expandem nas mais importantes cidades européias museus, teatros e salas de concerto que em muitas ocasiões figuravam como extensões ou mesmo antessalas dos palácios da nobreza que progressivamente atraíam um número maior de pessoas ao redor de encontros, serestas, *soirées*, tertúlias, concertos, encenação de peças e outras atividades. No entanto, nesses locais, evidências históricas mais tangíveis sobre o fortalecimento do campo cultural só foram encontradas a partir das últimas décadas do século XVIII e do século XIX. Segundo Gadini (2009, p. 124):

Valem como exemplos as constantes referências a Paris do século XIX, às clássicas cidades italianas que já registravam inúmeras atividades artísticas desde o Renascimento, à imprensa periódica londrina do século XVIII, à tradição do debate político prussiano, ao planejado crescimento urbano de Barcelona nos primeiros anos de 1800, entre outros fatos que marcam um paralelo e simultâneo desenvolvimento do campo cultural.

A discussão acerca da história e do fortalecimento do campo cultural na modernidade, interligado ao surgimento de um mercado simbólico, também foi realizada por Ortiz (1995). Ele acredita que até o século XVII, os escritores estavam relacionados ao poder religioso e monárquico e atendiam à demanda de uma elite que estava diretamente associada ao seu trabalho. A partir da virada do século XVIII, com a ascensão da burguesia, os escritores passam a ter a opção de continuarem atendendo à aristocracia ou a ampliarem os movimentos e forças de mudança social. Emergem a partir de então novos espaços para a produção literária sendo que essa conquista por maior autonomia ocorre paralelamente às mudanças das outras expressões artísticas e nas ciências. Neste momento, os produtos e atividades de arte e cultura passam a associar-se a esferas um pouco mais públicas e de expressão coletiva. Gadini (2009 p. 127) explicita o cenário em que isso ocorria:

Num momento em que os jornais já existiam em franca proliferação, ao menos nas cidades mais povoadas do mundo ocidental, aumenta também a demanda pela apreciação leiga das artes. A crítica e a divulgação passam, assim, a adquirir visibilidade e, de certo modo, também reconhecimento público, deixando os limites dos encontros de escritores em alamedas centrais e dos restritos círculos nobres, para se tornarem uma espécie de extensão dos salões franceses, cafés britânicos, teatros ou *vias* italianas, sociedades e associações germânicas, além de outros países onde já se podia falar em “vida cultural” mais fortalecida, e não apenas a uma restrita aristocracia. (...) a cidade desloca a relação de sociabilidade dos nobres círculos palacianos, passando a configurar a efetiva existência de espaços públicos modernos. A crítica, já não voltada exclusivamente aos salões, ganha as ruas e

também espaço em periódicos que passam a compor o emergente mercado literário e das artes em geral.

No Brasil, esse processo só vai acontecer a partir do século XIX. O fato que referencia este cenário é a chegada da família real em 1808. Ele ocorreu lentamente devido ao alto grau de analfabetismo, à baixa concentração urbana e outras características socioeconômicas e culturais. A formação histórica brasileira, na perspectiva cultural, vai ter início com a vinda de D. João VI, momento em que começa a modernização do Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, local onde foi desenvolvida uma cultura leiga, mundana, cortesã e aristocrática, segundo Lopez (1995). Com a fundação de escolas, academias, faculdades, imprensa régia e biblioteca pública, o Rio de Janeiro formou naquela época o mais importante centro urbano, artístico e cultural brasileiro do século XIX. Até as últimas décadas desse século, o espaço que os poucos jornais vão disponibilizar para as questões culturais eram veiculados nas edições de fim de semana. Ao publicar-se assuntos literários, poesias, resenhas de livros escritos em Lisboa e Paris, novelas e contos, a intenção era aumentar a influência na população alfabetizada, entre estes funcionários públicos e familiares, professores e bacharéis que representavam o círculo “esclarecido” das principais cidades do país.

A partir das primeiras décadas desse século o Brasil forma uma esfera pública que debatia e disputava a construção do “imaginário coletivo, os hábitos, a ficção literária e o cotidiano colonial” (GADINI, 2009, p. 134). O aparecimento mais definitivo e consistente de uma esfera cultural estava relacionado aos primeiros jornais *Correio Brasiliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, e também à transição do Brasil da condição de Colônia para a de Império, em 1822. As produções culturais nessa época eram iniciativas e atividades que alcançavam a um número restrito de pessoas e atendiam aos interesses dominantes do Brasil colônia, e depois, do Império que emergia. Após a fundação da Imprensa Régia, em 1812, começa no Brasil a era das revistas. Neste mesmo ano é lançada a primeira revista brasileira: *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, editada pelo português Diogo Soares da Silva Bívar, em Salvador. Em 1813, passa a ser editada a segunda revista do país, que tinha uma abordagem mais cultural: *O Patriota*, de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. De acordo com Gadini (2009, p. 136):

É oportuno destacar que essa característica de “revista de variedades” vai influenciar, algumas décadas mais tarde, os diários a lançar suplementos literários e de variedades, em que curiosidades, notas sociais e afins vão dar o tom de “coluna”

e recheiar as páginas de final de semana (e posteriormente diárias) de importantes publicações brasileiras.

A revista, desta maneira e aos poucos, conquista um espaço específico dirigido a variados segmentos do público brasileiro. No setor cultural, ao longo do século XX, a produção editorial direcionada ao cinema, à música, à literatura, ao teatro, às artes plásticas ou à dança foi contínua. Apesar de que em muitos casos tivessem uma veiculação regional, poucas nacionais, com periodicidade indefinida, elas figuraram como importantes no fortalecimento e na conquista de público e de mercado do campo cultural.

Entretanto, até o começo do século XX, imprensa e literatura, com um tratamento miscigenado, se confundiam, tendo como incentivadores intelectuais que tinham os olhos mais voltados para a Europa do que para o luar de onde escreviam. Mesmo que a realidade cultural daquela época no Rio de Janeiro não fosse das mais promissoras, o jornal era considerado uma opção de manifestação e acesso cultural. Nesse contexto, ao considerar a imprensa como um espaço importante que possibilitava a discussão e era também capaz de ilustrar modos de vida, sociabilidade e relações culturais da época, afirma Gadini (2009, p. 140) que:

Não se pode esquecer, entretanto, que a imprensa marcada pela “literatice” também operava, ao seu modo e limite, como um mecanismo de ação na vida cultural, mesmo que tal ação estivesse voltada à manutenção de uma pequena camada com acesso à produção simbólica ou que fosse caracterizada por um debate para poucos. Atuar por aquela perspectiva, portanto, pode ser entendido como um modo de instituir as relações do setor cultural da época.

Com uma pequena penetração em esferas exteriores aos das elites masculinas letradas, a imprensa ainda não estava inserida no campo de disputa e instrumento de construção da hegemonia sobre setores dominados. A cultura letrada estava presente em espaços reduzidos do dia-a-dia da vida urbana. Numa perspectiva urbana e pública, Gadini (2009, p.127) defende que só existe a possibilidade de referir-se ao consumo e crítica cultural a partir das últimas décadas daquele século e mais significativamente, a partir dos anos 1930. O autor chega a esta conclusão após realizar uma entrevista com o jornalista Mário Pontes, ex-editor do suplemento *Livros do Jornal do Brasil*, realizada em 30 de agosto de 2001. Pontes afirmou categoricamente que até os anos 1930 praticamente não existia cobertura sistemática da área cultural no Brasil. Não existia nenhum suplemento literário, o que havia

eram espaços nas páginas dos jornais, dedicados à literatura, que entravam em páginas aleatórias.

Quando a urbanização é fortalecida e começa a criar demandas por novos espaços públicos, a partir dos anos 1930, o Brasil também dá início ao fortalecimento dos setores mais esclarecidos que aumentam o interesse por mais informação, lazer e cultura, deixando para trás os domínios da produção cultural “caseira” e a cultura passa então a obter o status de bem de consumo (GAMA, 1998). Nessa época aparecem as primeiras universidades do país e surge um novo meio de comunicação, o rádio, que passa a difundir demandas por uma informação mais direcionada ao interesse pelo campo cultural. Ainda nesse momento, a imprensa começa a fomentar um circuito de críticos literários, de teatro, artes, cinema, entre outras manifestações por meio da aproximação com o meio jornal, em diversos diários, revistas e periódicos especializados veiculados no país, ou seja, a literatura e outras expressões artísticas passam a ter espaço e legitimidade na imprensa brasileira. “É somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil”, afirma Ortiz (1995, p.38).

Essa conjuntura só acontece a partir da existência de uma sociedade urbano-industrial que só se torna realidade no Brasil a partir da década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial. Ainda segundo Ortiz (1995), se os anos 40 e 50 podem ser considerados como momentos incipientes de uma sociedade de consumo, o período de 1960 - 1970, caracteriza-se pelo estabelecimento de um mercado de bens culturais. No Brasil, são as transformações ocorridas a partir do final do governo Juscelino Kubitschek (1956-60) que sustentaram o desenvolvimento da indústria cultural (TASCHNER, 1992).

A década de 1950 também tem como marco a emergência de um dos jornais de maior destaque na história da imprensa brasileira, o *Última Hora*, que inovou o projeto gráfico e editorial utilizando técnicas de forte apelo visual, com textos curtos e chamativos que visavam atrair os segmentos mais populares. Em 1956, o *Jornal do Brasil* também inicia sua reforma gráfica e editorial, aumentando o noticiário, adotando a utilização de fotografia na primeira página e, em 1958, cria o *Caderno B*, direcionado à cobertura de do teatro, artes, cinema e variedades do jornalismo diário e que foi um dos pioneiros do atual formato do jornalismo brasileiro, ao fomentar o costume de separar as matérias de arte, cultura e variedades em um caderno distinto do primeiro. Em 1962, representando a área cultural, este caderno passa a circular com edição diária e ele se torna referência e modelo de “segundos

cadernos” em todo o país, consolidando no jornalismo brasileiro uma revisão estética definitiva. Gadini (2009, p. 166) acredita que nesse momento:

O jornalismo brasileiro não deixa de intervir nas relações que formam o campo cultural: a partir daí, talvez não mais pelo processo de formação e de debates intelectuais, mas cada vez mais pelo agenciamento, informação e serviço que passam a instituir o setor cultural, à medida que os jornais selecionam eventos, iniciativas, ora com críticas, ora com informação pretensamente objetiva ou até mesmo com opinião assumida. Acentua-se também a consolidação do que se poderia denominar maior camada de consumidores dos serviços e consumos culturais, que se proliferam e passam a circular com maior ênfase nas principais cidades do país. O crescimento do cinema, rádio, teatro, disco, TV, maior profissionalização do espaço publicitário, fortalecimento das editoras, seguido dos mais variados suportes técnicos e hábitos de consumo, encontram a partir dos anos 1950 um ambiente mais propício para fortalecer o emergente setor cultural.

Os diários populares passam a atuar no campo cultural com a perspectiva de um jornalismo de serviço para diferenciarem-se de outros periódicos que criaram uma tradição de debate e campo polêmico em suas páginas culturais. A emergência dos cadernos culturais nos diários brasileiros não aconteceu de forma rápida e paralelamente em todos os jornais. A criação dos cadernos demandou tempos variados, ousadia editorial, demonstram as condições de existência das empresas de comunicação entre outros fatores relacionados ao período que compreende a criação dos primeiros cadernos direcionados ao campo cultural, ocorrido no final dos anos 1950, passa pelo crescimento do setor, é consolidado com a criação de novos e mais cadernos ao longo dos anos 1970 e 1980 e chegaram à década de 1990 como uma prática editorial comum na grande maioria dos jornais de médio e grande porte na esfera nacional, regional ou estadual. A rapidez com que os produtos culturais são reinventados no dia-a-dia, que atendem às demandas de consumo e lucro da indústria cultural, está relacionada à existência de agência de notícias, assessorias de comunicação e marketing dos produtos, bens e serviços culturais que atuam no fortalecimento da padronização de consumo e da sensibilidade estética dos leitores / usuários / cidadãos / consumidores.

Até a década de 1970, existia um tratamento jornalístico que criava um ambiente de reflexão mais tangível ou mesmo uma maneira mais literária de discutir a cultura interligada à própria vida social. Nessa época o jornalismo cultural promovia o intercâmbio entre a intelectualidade brasileira e abria a perspectiva de o leitor/consumidor refletir a cultura por meio da imprensa. Depois desse período, as empresas jornalísticas passam a agregar às orientações editoriais praticadas entre os anos 1950 e 1970 as demandas de consumo

fomentadas pela indústria, segmentação de mercado e novos costumes e padrões culturais da atualidade que atendem à lógica da produção industrial e do capitalismo. A partir da segunda década de 1980, com a consolidação do processo de cadernização dos jornais, as empresas de comunicação começam a querer atingir segmentos específicos de leitores por áreas temáticas e os cadernos culturais se adaptam às novas conjunturas do mercado.

Os cadernos passam a atuar como co-produtores e atores do campo cultural, promovendo debates por meio de agendamentos, tematização e seleção editorial de determinados produtos e atividades culturais. É reduzido o espaço para pautas acerca da identidade cultural ou de questões que poderiam sugerir como o jornalismo cultural poderia potencializar os modos de ser viver, pensar ou mesmo promover a reflexão dos hábitos de consumo cultural do público-alvo dos diários. Nos anos 1990, o debate da identidade cultural torna-se periférico.

É importante defender a perspectiva de que a maneira como a cultura é representada nos diários impressos coincide e está conectada à função de agente de integração e fundacional que a imprensa vai incumbir-se nos processos de construção cotidiana dos vínculos que configuram o campo cultural. É extremamente pertinente propor reflexões acerca dos estatutos de interesse da cultura, à medida que esta vai se torna tema de informação pública que dá destaque e fortalece o próprio setor cultural brasileiro, regional e local. Admitindo que esse fortalecimento não tem sido constante, rápido e previsível, é importante destacar que ele é co-autor da instauração do campo cultural e é legitimado junto com os outros segmentos da emergente vida social brasileira. Abordar o tratamento dado ao jornalismo cultural na atualidade e observar a maneira como ele vem sendo editado no país, torna possível que se volte a atenção a fatos, produções e circunstâncias culturais que estão presentes nos diários impressos sob a aparência de notícia devido ao interesse, tematização e agenciamento público, instituindo uma legitimidade pública que também é estabelecida pela atuação da imprensa. Dessa forma, imprime-se uma reflexão acerca das maneiras como o jornalismo cultural praticado hoje participa do desenvolvimento do campo cultural, por meio de suas práticas discursivas sendo-lhe conferido reconhecimento, aceitação e consolidação de suas variadas atividades e relações.

1.4 Interfaces entre Diversidade Cultural e Jornalismo Cultural

A diversidade cultural e as implicações da identidade e do conceito multicultural sob a significação da pluralidade de representações são assuntos escassamente tematizados nos cadernos culturais dos diários brasileiros na atualidade. A discussão específica da identidade cultural foi colocada à margem a partir da década de 1980, quando, segundo Gadini (2009, p. 191), os jornais diários brasileiros aderiram ao “modelo de cadernização”.

A partir da segunda metade da década de 1980 e início de 1990, praticamente a grande maioria dos jornais considerados grandes ou médios do país passa, assim, a circular com um caderno diário de cultura. [...] A partir daí, a maioria dos jornais lançados no país já surgem com caderno diário voltado à cobertura, agenciamento e tematização do campo cultural.

Esse formato buscava atender a uma condição do mercado jornalístico no qual as empresas de comunicação tinham o intuito de atingir segmentos específicos de leitores por meio de editorias setorializadas que ofereciam ao consumidor de notícias assuntos temáticos. A crítica cultural que foi exercida hegemonicamente até meados de 1960, predominando nos suplementos literários dos jornais diários, não foi transportada para os cadernos culturais diários que necessitavam ajustar numa única editoria as variedades, as colunas sociais, as críticas e a cobertura especificamente jornalística do campo cultural.

Gadini (2009, p. 193) afirma que o vertiginoso crescimento do setor cultural e de sua indústria não permite que se exercite a cidadania e a crítica no fazer jornalístico cultural, oferecendo ao leitor informações diversificadas que prezem pela educação da sensibilidade estética dos consumidores de produtos, serviços ou bens culturais. Para o autor, sob uma concepção profundamente elitizada da cultura e do fazer jornalístico nesse campo, essas questões são diferentes das que orientaram e retrataram os modos e hábitos de vida e consumo dos leitores, críticos e grupos sociais, numa época na qual a educação e a sensibilidade estética eram maneiras de se estabelecer nos círculos interlocutores da intelectualidade no período entre 1950 e 1970.

A crítica cultural vem perdendo gradativamente espaço para assuntos relativos à indústria cultural em seus variados subsetores, como a música, o cinema hollywoodiano e para a televisão, que a partir da década de 1970 marcam presença no imaginário e no dia-a-dia

dos leitores e consumidores. Nesse contexto, a cobertura jornalística da cultura adquire novos enfoques que priorizam serviços, atividades e produtos que buscam despertar o interesse do leitor para o lazer e o entretenimento e que são intensificadas e agendadas devido à predominância do meio televisivo na difusão de informações cotidianas. Os cadernos culturais resultam hoje num espaço de convergência de informações sobre a mídia, a arte, a moda e a cultura. Ou seja, atendem às tendências impostas pelo mercado capitalista que perpassa também o campo cultural do mundo contemporâneo.

Uma reflexão acerca da representação simbólica difundida no jornalismo cultural brasileiro, regional e local, não pode abster-se das questões acerca da diversidade cultural, multiculturalismo e identidade, uma vez que tais conceitos devem servir como ferramentas discursivas na contextualização dos acontecimentos, produtos e serviços culturais que tomarão a forma de notícias. Além disso, a intelectualidade brasileira, seguindo uma tendência mundial, tem reavaliado as questões da identidade nacional. Esta reavaliação tem influenciado até mesmo as políticas públicas do Ministério da Cultura do Brasil – MinC.

O Governo Federal tem trabalhado na estratégia de implantação do Sistema Nacional de Cultura (SNC) e tem unido esforços para que a “legislação e a institucionalidade da cultura brasileira passem por uma adequação à Convenção da Diversidade Cultural da UNESCO (2006), que afirma a diversidade cultural como referência das políticas de Estado e como elo entre segmentos da população e comunidades nacionais e internacionais” (BRASIL, 2006, p. 69).

Diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro de grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregadas.

Para se analisar as representações sociais no âmbito do jornalismo cultural, sob o viés da diversidade cultural, da questão multicultural e da identidade, é imperativo que se analise os discursos dominantes da teoria política ocidental e os fundamentos do Estado liberal. Isso porque, segundo Hall (2009), as maiores ideias sobre a liberdade, igualdade, autonomia e democracia foram aperfeiçoadas na tradição liberal. Para Hall (2009, p. 73) “[...]”

o liberalismo hoje não é ‘a cultura além das culturas’, mas a cultura que prevaleceu: aquele particularismo que se universalizou com êxito e se tornou hegemônico em todo o globo”.

Nota-se, assim, a crença de que o universalismo pós-iluminista liberal, racional e humanista da cultura ocidental tem tido uma atuação cada vez menos global na atualidade. A versão não tão apreciável do projeto Iluminista foi colocada sem disfarces por meio da questão multicultural na contemporaneidade. Essa ideia é ilustrada de tal forma que o universalismo liberal ocidental tem como essência a cidadania universal e a neutralidade cultural do estado. Só que os direitos de cidadania nunca foram universalmente aplicados a todos os sujeitos tanto das nações do Novo Mundo quanto os da fase do governo imperial mundial.

Essa lacuna entre ideal e prática tem intimidado a concepção liberal de cidadania desde os primórdios. Entretanto, a neutralidade cultural do estado liberal persiste apenas quando se admite uma homogeneidade cultural generalizante entre os governados. Esta hipótese alicerçou as democracias liberais ocidentais até a atualidade, mas essa condição não retrata os novos cenários multiculturais vigentes no mundo contemporâneo. A intenção é manipular a criação de uma forma unificada de identificação que tem como origem a diferenciação de classe, gênero, região, religião ou localidade que transpõe a nação. O chamado estado cívico nestes discursos não deve ser caracterizado culturalmente, de maneira que ele crie significados, tradições e valores culturais que representem a nação. Mas é exclusivamente por meio da cultura e da representação que a identificação com essa “comunidade imaginada” pode ser esculpida.

Segundo Hall (2009, p.74), “todos os modernos Estados-nação liberais combinam a chamada forma cívica racional e reflexiva de aliança ao estado com uma aliança intuitiva, instintiva e étnica à nação”. Nesse sentido, a manifestação do pluralismo social identitário deve ser garantida constituindo fontes de uma sólida diversidade cultural na vida interna da sociedade, pois na atualidade é difícil observar um consenso nacional considerável sobre quaisquer assuntos sociais críticos, sobre os quais existem enormes diferenças de pontos de vista e de experiências vividas. A face significativa da vida individual está sempre inserida em contextos culturais, e é unicamente nesse interior que as “livres escolhas” apresentam algum significado. A escolha da identidade está intimamente ligada com a identidade coletiva proporcionada pelo contexto cultural que o indivíduo vive. Habermas (1994) *apud* Hall (2009, p. 77), explica:

Do ponto de vista normativo, a integridade da pessoa física não pode ser garantida sem a proteção das experiências compartilhadas intersubjetivamente, bem como dos contextos de vida nos quais a pessoa foi socializada e formou sua identidade. A identidade do indivíduo está entrelaçada às identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Consequentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de “direitos à participação cultural”.

Para se adequarem à realidade da diferença multicultural, alguns Estados constitucionais ocidentais têm legitimado um programa reformista da “social democracia”, no qual o Estado constata de maneira formal e pública as necessidades sociais diversas e o aumento da diversidade cultural de seus cidadãos. Assim estabelecem alguns direitos de grupos e definem outros sob a ótica do indivíduo. O Estado foi obrigado a optar pelo desenvolvimento de estratégias de redistribuição por meio de apoio público a programas de ação afirmativa, legislações que visem a garantia de igualdade de oportunidades, fundos públicos de compensação e um estado de bem-estar social para grupos em desvantagem. Tudo isso para garantir a igualdade de condições, fundamento tão significativo no liberalismo formal e avançar de forma prática em direção ao equilíbrio entre o pluralismo cultural, sob o prisma das comunidades e os princípios liberais de liberdade do sujeito individual.

O governo brasileiro também tem seguido essa tendência política no campo cultural, afirmando, dessa maneira, promover de forma democrática e plural, o acesso à cultura brasileira. O Ministério da Cultura (BRASIL, 2006) afirma que o Brasil, seguindo a tendência mundial no cenário da globalização, também passa pelo hibridismo e sincretismo identitário em sua constituição social. No contexto atual de diversidade, uma das principais estratégias governamentais para o reconhecimento de grupos tão diversos é garantir direitos e oportunidades equitativos para as redes socioculturais, assegurando o pluralismo da expressão identitária. Como alicerce de um novo sistema público de cultura que o estado brasileiro tem divulgado a intenção de implantar, os meios de comunicação servem como uma estratégia de difusão de informações sobre as identidades culturais dos cidadãos, nas interações sociais dos cidadãos entre si e com o Estado. Espera-se que o resultado disso seja a dinamização da troca e circulação de conhecimento, bens e serviços culturais, na diversidade da sociedade brasileira.

O Ministério da Cultura do Brasil afirma ainda que a diversidade cultural brasileira ainda não é satisfatoriamente representada nos meios de comunicação do País. A

concentração empresarial dos meios de produção e distribuição de informação não socializa democraticamente esses novos conceitos da diversidade cultural, da questão multicultural e da identidade e os valores plurais da sociedade brasileira. Além disso, verifica-se que no Brasil, “o espaço destinado à crítica cultural é reduzida na imprensa e na universidade, fato que reforça o hiato já existente entre educação e cultura, aprendizado teórico e experimentação estética” (BRASIL, 2008, p.49). O campo de escolhas artísticas e culturais e as possibilidades de formação qualificada tanto de autores, produtores e críticos são restritas. Nesse contexto, é significativa a urgência de iniciativas de ampliação dos espaços de debate e atividades conjuntas entre os meios de comunicação, o circuito artístico e a universidade. É fundamental a recolocação da crítica como lugar de encontro entre as expressões culturais e o público para se constituir de uma esfera pública autônoma e a valorização das produções por meio de argumentos e pontos de vista representativos da diversidade do país.

A discussão da cultura sul-mato-grossense apresenta profundas contradições no âmbito da identidade e da diversidade cultural, que são notadas desde a época do discurso divisionista da primeira metade do século XX, anteriormente ao período da divisão de Mato Grosso, e persistiram após a criação de Mato Grosso do Sul. Essa representação da cultura sul-mato-grossense, da forma como foi elaborada pelos seus idealizadores, recria uma noção de identidade do ser sul-mato-grossense que exclui a expressão das diferenças representada pelas etnias indígenas, pelos trabalhadores do gado e pelos migrantes, que desaparecem como protagonistas da história e da cultura regional. O subcapítulo seguinte tem o intuito de contextualizar essa problemática que atinge até os dias atuais a sociedade sul-mato-grossense, e reforça hipóteses defendidas durante a análise da representação da diversidade cultural nos jornais de Campo Grande.

1.5 Caracterizando o Sul-Mato-Grossense

Logo após o ato de criação de Mato Grosso do Sul, em 1977, configurou-se na intelectualidade, atores do poder público, e artistas locais uma discussão acerca das representações do "ser" sul-mato-grossense, fato que deflagrou um processo obsessivo de pesquisa por raízes históricas e culturais, que atendessem ao dilema da singularidade e da autenticidade do estado que se iniciava. Essa demanda política tinha por objetivo estabelecer

referências verídicas que criassem um arcabouço de significados consistentes simbolicamente que dessem conta de explicar o novo contexto cultural que passava a ser vislumbrado naquele momento histórico e que se vinculava às referências do antigo “Mato Grosso Uno”.

O tema identidade, depois de percorridos 36 anos, permanece na pauta pública tanto local quanto nacional, uma vez que o Ministério da Cultura do Brasil - MinC tem reavaliado suas políticas públicas desde 2003, quando iniciava o governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva. A instituição cultural desde aquela época vem trabalhando pela implantação do Sistema Nacional de Cultura (SNC), e pela adequação da legislação e da institucionalidade da cultura brasileira à Convenção da Diversidade Cultural da UNESCO. Essa questão hoje ultrapassa a busca da essência cultural de Mato Grosso do Sul no sentido de se estabelecer uma tradição. Ela deve abarcar a reflexão da cultura estadual frente aos novos paradigmas requeridos pelo contexto da globalização, num momento em que as fronteiras culturais se aproximam tendo como imposição a influência do outro e no qual as identidades são contestadas.

Ao se levar em consideração que a sociedade sul-mato-grossense é classificada como multicultural, por apresentar diversas comunidades culturais que convivem e buscam construir uma vida em comum, mesmo que assuma algo de sua identidade “original”, a perspectiva regional, parece um tanto quanto deslocada da realidade contemporânea. Seus argumentos não são razoáveis para ultrapassarem as profundas contradições que são subjacentes na discussão da cultura sul-mato-grossense.

Segundo Banducci Júnior (2009), no Mato Grosso do Sul, a noção de identidade consolidada na ideia de povo original e autêntico, estabeleceu o discurso divisionista da primeira metade do século XX; e, anos depois, o ideal de construção da imagem do sul-mato-grossense genuíno, na época da criação do estado. O autor defende que esse cenário é similar ao que aconteceu com o discurso da “cultura” ou da “identidade brasileira”, consolidado a partir de uma noção de unidade nacional, que tinha como referência uma ideologia racista. Ela não considerava o outro que não se adequasse aos padrões que caracterizavam o “ser” brasileiro. No âmbito da identidade regional, para o autor, essa perspectiva é um tanto reducionista. Ele revela que no contexto a ideologia da cultura sul-mato-grossense, grupos sociais minoritários, entre eles os negros, índios e migrantes, são excluídos como protagonistas da história estadual. Na visão de Banducci Júnior (2009, p.108), esses grupos são:

assumidos apenas na condição de *bias* democrático, quando associados à imagem de um “nós” fraterno e aberto ao convívio étnico e racial. Por negar a alteridade, o discurso da identidade, tal qual é colocado no centro do debate regional, mascara a existência não só da diversidade, mas das diferenças estruturais que lhe são inerentes.

Banducci Júnior (2009) explicita que a ideologia das elites locais, sejam elas políticas, culturais ou de classe, recriaram uma noção essencial do ser sul-mato-grossense que nega a expressão das diferenças e evidencia como a busca pelos símbolos da tradição, iniciada no período imediatamente posterior à criação do estado, voltou-se para a singularidade e a unidade cultural, excluindo o “outro” imediato, representado pelas etnias indígenas, os trabalhadores do gado e os migrantes, que desapareceram como protagonista da história e da cultura regional.

O movimento separatista de Mato Grosso do Sul iniciou-se no final do século XIX, com o surgimento de ações rebeldes de coronéis do sul de Mato Grosso, que desejavam fugir da dominação das oligarquias do norte que gozavam do poder que permanecia nas mãos dos políticos cuiabanos (CORRÊA, 1995, p. 70). A corrente migratória gaúcha, incentivadora da presença de rebeldes e fugitivos dos conflitos políticos do Rio Grande do Sul, especialmente, na área de fronteira, influenciou sobremaneira o ideal separatista que se manifestou em várias situações políticas nas primeiras décadas do século XX. Um dos personagens dessa empreita foi o líder gaúcho e coronel Bento Xavier, comandante da revolta de 1907. A luta pelo desmembramento do antigo Mato Grosso intensificou-se durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A participação no movimento dos coronéis da região sul deu-se pela convicção de que caso acontecesse a vitória, o grupo rebelde seria beneficiado pela divisão do estado. Outro interesse implícito, segundo Weingartner (1995), era a garantia de facilidades na legalização de posse de terras.

É importante ressaltar que o desmembramento de Mato Grosso não aconteceu em razão da derrota da rebelião, apenas acentuou o posicionamento político das elites sulistas que de forma clara, sustentavam a separação entre o Sul e o Norte do estado (QUEIROZ, 2006, p. 173). No fim de 1932, foi fundada a *Liga Sul-mato-grossense*, por jovens estudantes, filhos de fazendeiros radicados na cidade do Rio de Janeiro. Os fundadores elaboraram três documentos que representaram as ideias do movimento divisionista apresentando argumentos que legitimassem suas aspirações. São eles: o “Manifesto aos habitantes do sul de Mato

Grosso”, de 1933; o “Manifesto da mocidade do sul de Mato Grosso ao Chefe do Governo Provisório e à Assembléia Constituinte” e a “Representação dos sulistas ao Congresso Nacional Constituinte”, ambos de 1934.

No mesmo ano, um quarto manifesto, intitulado “A divisão de Mato Grosso: resposta ao General Rondon”, foi produzido em Campo Grande para referendar política e ideologicamente a causa separatista. Ele foi uma resposta às críticas do General Rondon às solicitações divisionistas dos sulistas (QUEIROZ, 2006, p. 160), que trazia em seu conteúdo qualificações da região sul do estado. Segundo Banducci Júnior (2009, p. 110), figuram entre elas:

[...] o pioneirismo das famílias desbravadoras e seu papel na manutenção do território, a disposição para o trabalho, o ímpeto econômico e progressista da região, entre outras características que, somadas, compõem, mais que um argumento desenvolvimentista, um ideal civilizatório.

O autor avaliza a afirmativa de Queiroz (2006) de que os primeiros esboços de uma identidade sul-mato-grossense peculiar tomaram como referência os aspectos justificados no discurso identitário expresso em tais manifestos e petições, que exaltavam as qualidades do sul de Mato Grosso. Só que a intenção não se restringia apenas a este enaltecimento que buscava a afirmação de qualidades e singularidades dos que habitavam no sul. Notava-se um diálogo divergente com relação aos “diferentes”, que eram excluídos do discurso divisionista, que relatava a existência de uma oposição entre o Sul, que se classificava como moderno e desenvolvido, e o Norte, acusado como representante da barbárie. Afirmavam que qualquer problema ou adversidade que pudesse atingir a sociedade do sul de Mato Grosso originavam do poder da região Norte, mais precisamente da cidade de Cuiabá, que oprimia qualquer desenvolvimento latente do sul.

Porém essa discussão foi construída de modo fragmentado e contraditório, uma vez que, quando conveniente, os habitantes do sul de Mato Grosso assumiam as mesmas referências do Norte, em situações nas quais se autoatribuíam características positivas, como a coragem e a bravura, que na verdade, mascaravam a reputação do Estado, considerado pelos habitantes das outras regiões brasileiras como violento. Elementos da tradição foram apropriados para a elaboração do discurso identitário sul-mato-grossense desde o início do século vinte, conforme lembra Banducci Júnior (2009, p. 112):

As primeiras representações do “ser” sul-mato-grossense, como individualidade histórica e cultural, irão se constituir com base nessa lógica do contraste absoluto, segundo a qual o outro é absorvido apenas para ser negado. Porém, ademais da alteridade, a construção da identidade pressupõe a existência de um “antes” e de um “alhores” (AGIER, 2001), seja como representação do passado e das raízes locais, seja como referências espaciais e situacionais que lhes atribua singularidade e consistência simbólica. Esses aspectos, que dão coerência e conteúdo à tradição, não aparecem senão de forma secundária no discurso da elite sulista do Mato Grosso naquele momento.

A discussão acerca da identidade tinha o objetivo de atender a um posicionamento político-ideológico específico, libertar os habitantes do sul do subdesenvolvimento atribuído pelo Norte possibilitando-lhes o avanço econômico, político e cultural. Entretanto o movimento divisionista esmaeceu uma vez que o projeto político da *Liga Sul-mato-grossense*, não obteve êxito. Devido ao cenário político nacional e local, sob o domínio do governo Vargas, os acordos apontaram à formação de alianças, conforme Queiroz e Amarilla (2006), que amenizaram as discórdias políticas entre o Norte e o Sul do estado, o que trouxe como resultado composições partidárias que possibilitaram aos políticos do sul um restrito envolvimento no poder Mato-grossense. A divisão na verdade foi uma resposta a propósitos de segurança nacional e ampliação da base política do governo militar que naquele momento era vítima da pressão da oposição. Efetivada por meio da Lei Complementar n. 31, assinada pelo presidente Ernesto Geisel em outubro de 1977, ela não representou a ambição histórica da sociedade mato-grossense. Banducci Júnior (2009, 113) relata:

Rompidos, no entanto, os laços institucionais com Mato Grosso, uma espécie de vazio simbólico se instalou na nova sociedade, gerando, de imediato, uma crise de representação cujos efeitos se fazem sentir ainda hoje no pensamento e no debate cultural sul-mato-grossenses. A memória, os costumes e as tradições, que correspondiam a uma unidade de referência coerente, tanto espacial quanto temporalmente – ciclos de ocupação, personagens históricos, a religiosidade, a música, a gastronomia, entre outras manifestações coletivas – de um momento para outro deixaram de refletir a imagem da sociedade que acabava de se instaurar ou, se permaneciam, era na condição desconfortável de remeter ao passado alheio as referências daquilo que se almejava novo e próprio.

Como resposta a esse dilema, é instituído um processo de construção imediata da tradição regional, executado pela intelectualidade local e os agentes do poder. Inúmeros indicadores espaciais, históricos, humanos e culturais, foram investigados em busca das raízes locais. O esforço, no entanto, fundava-se numa contradição básica, a de reduzir a diversidade sociocultural do estado a uma unidade homogênea. Como referência simbólica escolhida pelo grupo, foi apropriada a região pantaneira, que representava a tradição local de criação de gado

numa convivência harmoniosa com a natureza, a fronteira internacional, que representava a convivência pacífica e democrática com o estrangeiro e a figura do índio como representante das origens remotas.

Apesar de terem evitado como concepção a negação do outro, assim como orientou-se o projeto divisionista da década de 1930, ao tomar como referencial o passado na procura das raízes autênticas que possibilitassem uma diferenciação e uma idéia de originalidade na construção do “sujeito” regional, o discurso da identidade apropriado pelo grupo hegemônico não favoreceu a uma representação democrática e dialógica com os outros sujeitos contemporâneos. Um exemplo é a omissão no reconhecimento de povos indígenas que habitaram as terras sul-mato-grossenses antes e após a chegada dos não-índios. Até nos dias atuais ela ocorre e é reproduzida no novo discurso identitário. Agora o discurso desloca a atenção dos grupos indígenas do presente e apresenta uma representação ideal do índio, como personagem heróico, entretanto inexistente. A falta de reconhecimento da identidade indígena pode ser visualizada no seguinte texto de Banducci Júnior (2009, p. 120):

Para se ter uma noção do que representa o silêncio do discurso identitário em relação aos índios, basta lembrar que, no final dos anos de 1970, haviam no Mato Grosso do Sul 5 grupos indígenas oficialmente identificados e reconhecidos: os Guarani, os Guarani Kaiová, os Kadwéu, os Terena e, em vias de desaparecimento, os Ofayé-Xavante. Naquele momento, os índios Guató, que povoaram o Pantanal, acabavam de dar um largo e expressivo passo no sentido de sua reinserção no cenário étnico do estado, sem contudo ganhar espaço no cenário cultural que oficialmente se constituía.

Segundo o autor, anteriormente ao debate acerca do fenômeno da emergência étnica dos Guató, que passava a existir no estado a partir daquele momento, o que se discutia a respeito da existência indígena na identidade local, era referente ao sujeito ervateiro, descendente do Guarani, que reafirmava o velho discurso romântico do índio idílico e atualizava para o contexto presente a imagem do índio Guaicuru, representado como corajosos heróis da guerra conquistadores de povos e territórios. Banducci Júnior (2009, p. 122) aponta a influência da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de MS e do historiador Henrique Spengler no sentido de reforçar essas idéias.

Índios guerreiros, dos quais descendem os Kadwéu, habitantes da planície pantaneira, identificados pelos ideólogos da identidade sul-mato-grossense como personagens que encarnam a essência da coragem e da resistência do povo do

estado, os Guaicuru ganham destaque no discurso identitário sendo, entre outros aspectos, definidos, pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, como epônimo de Mato Grosso do Sul. Do mesmo modo, são mencionados no hino do estado, em meio a heróis de guerra e outras personalidades reconhecidas como defensores do território de MS (AMARILLA, 2006), e se transformam, sobretudo pelas mãos do historiador e artista plástico Henrique Spengler, no ícone de um movimento de recuperação histórica e afirmação cultural denominado Unidade Guaicuru.

Segundo Alves (2008), Henrique Spengler, em seus estudos explicava os efeitos da criação do estado na cultura e na arte locais. Segundo o autor a inexistência de uma identidade limitava a atuação dos artistas e intelectuais do MS depois da criação de Mato Grosso do Sul. Nesta conjuntura, já que o novo estado não tinha referências culturais e em razão disso não apresentava uma perspectiva de futuro, era preciso reconstruir a cultura estadual. E para atingir esse intento, a intelectualidade e os artistas deveriam se reportar na índole guerreira desse povo cavaleiro, que exemplificavam a resistência e a criatividade cultural. Alves (2008, p. 170) assevera:

Spengler reiterou, sistematicamente, expressões como ‘identidade guaicuru’, ‘preservação da identidade cultural guaicuru’ e ‘preservação da cultura guaicuru’. Também induziu a idéia de que os sul-mato-grossenses, diante da necessidade de desvelar e assumir a sua autoconsciência cultural, deveriam se espelhar no exemplo dos guaicuru, que lutaram bravamente para preservar a sua ‘identidade cultural’, em especial por não terem cedido à catequese e à redução, tendo chegado a assimilar instrumentos culturais do inimigo branco para dar conseqüência à sua luta de resistência.

Alves (2008) evidencia os enganos do Movimento liderado por Spengler, que tinha como uma das características a construção de uma imagem equivocada daquele grupo indígena. Para ele, a interpretação do historiador revelou a verdadeira intenção do seu empreendimento dito cultural, que apesar de camuflado na idéia da defesa da cultura e das tradições guaicuru, efetuou um discurso evidentemente ideológico manifestado como um modo de regionalismo. “O discurso só apelou ao conhecimento científico para dar sustentação às teses a priori assumidas. As informações que poderiam colocar por terra os seus fundamentos foram tangenciadas ou omitidas” (ALVES, 2008, p. 170).

Outro aspecto importante que tem uma função de importância singular na construção da identidade sul-mato-grossense, logo após a criação do estado, é a referência ecológica, imprescindível na representação do Pantanal na história regional. Essa

representação simbólica persuade para a ideia de um povo sul-mato-grossense conservacionista, agregando-se à imagem de povo fraterno, derivado das imagens de sociedade fronteiriça. Ainda, de acordo com Banducci Júnior (2009, p.124):

a economia pantaneira que sempre esteve associada ao universo pastoril, e que guarda consigo a memória da ocupação territorial e da tradição da lida com o gado, com o advento da consciência ambiental, passa ser objeto de nova representação, a de patrimônio ambiental da humanidade, como é reconhecido internacionalmente, mediante chancela da UNESCO, que traz à tona novos personagens e situações ao debate identitário do estado.

O discurso ambiental no Mato Grosso do Sul viabilizou a mudança da imagem do fazendeiro de sujeito concentrador de terras para a de defensor do ambiente pantaneiro, inserindo-o como agente do debate conservacionista. Sobressaindo-se internacionalmente como uma das áreas naturais mais preservadas do planeta, o povo sul-mato-grossense passa a ser representado como aquele que além de conviver harmoniosamente com o outro, particularmente em razão de suas relações fronteiriças, também possui um ideal de equilíbrio com o ambiente. A ideologia da cultura regional na atualidade reproduz essas duas faces identitárias. Desta forma, o discurso ambiental está interligado ao debate sobre a identidade sul-mato-grossense, como aponta Banducci Júnior (2009, p. 128):

a cultura pantaneira, entendida como o repositório da tradição pastoril, desponta, nesse contexto, como a síntese da expressão cultural de todo o universo social da planície e o fazendeiro aparece como o porta voz dos costumes e o responsável pela manutenção da cultura e do equilíbrio ambiental. O universo humano pantaneiro, entretanto, é constituído por diversas outras categorias sociais – como os grupos indígenas, os pescadores, ribeirinhos e trabalhadores das fazendas – cuja presença secular na região foi tão determinante para a sua conservação quanto a do proprietário. Esses grupos, por seu lado, mesmo tendo sido alijados, naquele momento, dos debates sobre as políticas públicas e ambientais para o Pantanal, estão, cada qual a seu modo, inseridos no contexto das lutas pelo reconhecimento étnico e conquista social.

Percebe-se, que o símbolo identitário “pantaneiro”, legitimador do discurso do fazendeiro, também serve de referência para os peões de gado e trabalhadores do latifúndio, que também se auto-denominam assim relacionando-se como pertencentes a essa categoria que apresenta uma característica fundamental de sua identidade. Entretanto o discurso dos trabalhadores, sendo localizados e restritos, não consegue se articular com outras instâncias externas para ser reconhecido e alcançar legitimidade. De outro modo, o proprietário rural consegue manejar essa representação identitária segundo seus interesses. Habitando e

trabalhando nas fazendas, o peão de gado que se considera pantaneiro e reafirma sua identidade por meio do apego aos valores e costumes pastoris, somente tem a possibilidade de ser reconhecido como pantaneiro por intermédio de um outro, o proprietário da fazenda, que domina o discurso acerca da identidade legitimado além do universo pastoril, como revela Banducci Júnior (2009, p. 130):

A prerrogativa de pantaneiro, que o fazendeiro toma para si, não inclui necessariamente esse “outro” trabalhador, cujo reconhecimento está condicionado aos seus interesses e humores. Inserido num contexto de afirmação identitária mais amplo – do “ser” sul-mato-grossense e da consciência ecológica – e distante do Pantanal, onde se articula seu discurso, a representação do fazendeiro como a encarnação da identidade pantaneira não passa necessariamente pelo debate sobre as relações de trabalho e de direito que acontecem no interior das propriedades, bem como pelo reconhecimento da memória, dos costumes e da tradição de um convívio equilibrado com o ambiente, ali estabelecidos em função da presença secular do vaqueiro e de outros personagens do universo pastoril.

Para se promover uma discussão acerca da identidade cultural sul-mato-grossense é indispensável o reconhecimento da diversidade de povos e de culturas que possuem histórias, tradições e demandas variadas, que dialogam umas com as outras lhes proporcionando um aspecto dinâmico. A representação da identidade camuflada na experiência fronteiriça e pantaneira apresenta um discurso fragmentado e contraditório desde sua emergência. O discurso ideológico do ser sul-mato-grossense, que se restringe à busca de uma essência simbólica tradicional para o povo residente no estado, impossibilita o reconhecimento e a legitimização de diferenças internas consubstanciadas na variedade de povos, raças ou etnias (SCHWARCZ, 1995). Como indica Hall (2009), é preciso olhar para a diversidade e levar em consideração o discurso e as reivindicações das diversas categorias sociais que compõem a sociedade e que requerem seu espaço no território estadual e esperam que o ambiente da cultura local e regional seja aberto ao diálogo cultural. É preciso repensar a diversidade cultural sul-mato-grossense, de acordo com o posicionamento de Banducci Júnior (2009, p. 132).

Tratar do tema da identidade, no contexto sociocultural de Mato Grosso do Sul, implica em rever e superar a noção de pureza, originalidade e autenticidade e as imagens a elas associadas do personagem heróico, mítico, idílico, que o discurso oficial se esforçou por construir. Ao contrário, a discussão da identidade deve remeter necessariamente à diversidade – de povos, de línguas, de culturas. Mas essa diversidade não pode ser tomada, ao mesmo tempo, como mero artifício de linguagem – nossa cultura é diversa, é plural – mas, sim como reconhecimento e respeito à alteridade, de tal modo a estimular o exercício democrático das diferenças.

Diante do exposto anteriormente, nesta pesquisa, volta-se à indagação: Como as manifestações culturais dos diversos atores étnicos e migrantes são transformadas em narrativas pelos produtores de notícias? Admitindo-se a característica dialógica do discurso, a heterogeneidade mostrada e as cenas de enunciação serão foco no processo de avaliação da pesquisa, uma vez que é uma tendência ela se apresentar com maior visibilidade no discurso. As manifestações explícitas que ocorrem na heterogeneidade mostrada vão além da ideia de citação e de discurso relatado. Elas alcançam e vislumbram a sistematização das vozes dos personagens existentes nas narrativas noticiosas pesquisadas, além de possibilitar a verificação de como a heterogeneidade é ideologicamente trabalhada no discurso noticioso da mídia impressa local.

As ferramentas teórico-metodológicas da análise do discurso como método de investigação das marcas da ideologia no discurso têm sido utilizadas em razão da eficiência de sua aplicação nos casos de pesquisa do discurso. Os próximos capítulos apresentam alguns delineamentos teóricos acerca da Análise do Discurso, a metodologia utilizada no presente trabalho, além de apresentar a análise de oito reportagens. São elas: “Memória Coroada”, “Do Sul, Mato Grosso do Sul mostra orgulho de ser de MS”, “Exposição com temática Indígena é inaugurada hoje” e “Poeta do Pantanal”, do jornal *O Estado MS*, e “Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues”, “Cotidiano Terena em vídeos e fotos”, “Paraguai: Vizinho Misterioso” e “Na boca do povo” do jornal *Correio do Estado*.

Para a execução da análise, os textos foram separados pelas temáticas: identidade sul-mato-grossense, representação da identidade indígena, representação da identidade pantaneira e representação da identidade paraguaia. Desta forma, será possível demonstrar as semelhanças e diferenças nas narrativas jornalísticas produzidas por cada um dos jornais estudados: *O Estado MS* e *Correio do Estado*.

CAPÍTULO II

DELINEAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Mapeando a Pesquisa

No presente capítulo, é apresentado um estudo sobre o discurso midiático que trata da diversidade cultural nos jornais de Campo Grande, intitulados *Correio do Estado* e *O Estado MS*. Tal escolha foi motivada por três questões fundamentais: em primeiro lugar, a importância que a mídia e seus sistemas simbólicos têm assumido na compreensão que a sociedade tem dos eventos sociais; em segundo lugar, a pouca visibilidade dada pela própria mídia às manifestações culturais das minorias étnicas e migrantes que se estabeleceram na Capital e que compõem o perfil cultural da cidade de Campo Grande; em terceiro lugar, a crença na eficiência das ferramentas teórico-metodológicas da Análise do Discurso francesa como método de investigação das marcas da ideologia no discurso.

Visando à realização da pesquisa proposta, delimitamos o *corpus* a um conjunto de oito matérias, sobre diversos fatos culturais ocorridos em Campo Grande, publicadas entre janeiro de 2012 a novembro de 2013. A seleção foi feita de modo que fosse possível demonstrar a existência da identidade do ser sul-mato-grossense, da influência estabelecida até a atualidade pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul na disseminação desse discurso hegemônico acerca da identidade estadual na imprensa local e revelar também as maneiras singulares como a identidade das etnias e dos imigrantes que integram o perfil cultural do estado e da capital tem sido representada no discurso jornalístico cultural local.

Para analisar essas reportagens, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, especialmente a linha que tem sido chamada de “tendências francesas de análise do discurso”. Neste empreendimento científico, buscamos investigar as formações discursivas e ideológicas evidenciadas pelos locutores/jornais na representação da diversidade cultural local. Aplicamos, como categorias de análise, o esquema *protagonist-antagonist* de estruturação das narrativas proposto por Beaugrande e Colby (1979), e também as marcas da heterogeneidade mostrada marcada, sob o enfoque do discurso relatado, e as palavras entre aspas, conforme Authier-Revuz (1990) e Maingueneau (1997). Buscamos, ainda, a

compreensão dos fatos sócio-culturais relacionados com a diversidade cultural local, que são transformados em narrativas, por meio da análise da sistematização dos papéis e dos dizeres de atores sociais. Para isso, utilizamos o modelo de narrativas desenvolvido por Beaugrande e Colby (1979), tal como explicado em Palmer (1999, p. 220)⁹ e traduzido a seguir:

Os pressupostos cenários culturais compartilhados pela audiência e narrador são relevantes para a compreensão de histórias que se destinem a serem compreendidas. Destaca que Robert de Beaugrande e Benjamin N. Colby lutaram com o pólo semântico do problema da história da gramática através do desenvolvimento de um modelo de compreensão da história que começa a partir da premissa de que "as ações humanas são controladas por planos para a realização de objetivos." A partir dessa perspectiva dinâmica, desenvolveram uma "configuração básica plausível de regras de narrar histórias" que se aplicam a histórias com personagens individuais, bem como para aqueles que têm ambos os protagonistas e antagonistas. Argumentam que para uma história ser interessante, os problemas de protagonistas devem ser difíceis de resolver.

⁹ It is the presuppositions (cultural scenarios) shared by audience and narrator that are crucial to understanding stories as they are intended to be understood. Robert de Beaugrande and Benjamin N. Colby (1979:44) grappled with the semantic pole of the story grammar problem by developing a model of story comprehension that starts from the premise that "human actions are controlled by plans towards the attainment of goals." From this dynamic perspective, they developed a "basic set of plausible STORY TELLING RULES" that apply to stories with single characters as well as to those having both protagonists and antagonists. For a story to be interesting, they reasoned, the problems of protagonists must be difficult to solve. Here is the Protagonist-Antagonist Rule Set for stories that have opposing characters (1979:46): Rule 1 – Identify two characters, the protagonist and the antagonist. Rule 2 – Create a problem state for protagonist which is desired or caused by antagonist. Rule 3 – Identify a goal state desirable for protagonist and nondesirable for antagonist. Rule 3.1 – Identify a goal state desirable for antagonist and nondesirable for protagonist. Rule 4 – Initiate a pathway on protagonist's state-action track moving from the problem state toward the goal state. Rule 5 – Create actions of antagonist that block or deflect protagonist's planned pathway. Rule 6 – Mark one state transition as decisively enabling or disabling protagonist's attainment of the goal state evoked by Rule 3 (if Rule 3.1 is applied define the effects of the state transition for attainment of antagonist's goal state). Rule 7 - Create a terminal state whose desirability value for protagonist is clearly opposed to that for antagonist, thus matching or not matching their respective goal states. Beaugrande and Colby's rules represent a basic story scenario. The rules can be applied recursively to subplots and subcharacters as well as to the main scenario. They applied the rules to a delightful old Suf-folk tale of Tom Tit Tot, a Rumpelstiltskin character described as "a small little black thing with a long tail" (1979:52), but the protagonist-antagonist rules seem sufficiently basic to characterize human drama in any culture. However, the rules cannot be used universally to characterize the narrative sequence of stories, because sequences are conventional and culturally determined, as demonstrated by the Kuna Hot Pepper Story. Nevertheless, the protagonist-antagonist scenario may still underlie many stories that have been shaped to other forms by culturally determined conventions of narrative. If the protagonist-antagonist scenario represents a conceptually natural order of events, then the imagery of all cultures must somehow conform. Knowing the narrative conventions of their own cultures, audiences can reconstruct stories in their necessary temporal orders. Each culture instantiates the master scenario with its own specific characters, problems, and goal states. Scenarios peopled by intentional actors in conflict, acting in setting and scenes with recognizable objects and events, are more likely to be cognitively salient and linguistically significant.

A seguir, apresentamos a configuração de regras *protagonista-antagonista* para narrativas que tenham personagens opostos:

Regra 1 - Identificar os dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Regra 2 - Criar um estado de problema para o protagonista que é desejado ou causado pelo antagonista.

Regra 3 - Identificar um estado objetivo desejável para o protagonista e não desejável para o antagonista.

Regra 3.1 (opcional)- Identificar um estado objetivo desejável para o antagonista e não desejável para o protagonista.

Regra 4 - Iniciar um caminho na trajetória de ação do protagonista se movendo do estado de problema para o estado objetivo.

Regra 5 - Criar ações de antagonista que bloqueiem ou desviem a trajetória planejada pelo protagonista.

Regra 6 - Marcar uma transição de estado como decisivamente capaz ou incapaz de alcançar o estado objetivo evocado pela Regra 3 do protagonista (se a regra 3.1 for aplicada, definir os efeitos da transição de estado para realização do estado objetivo do antagonista).

Regra 7 - Criar um estado terminal, cujo valor desejável para o protagonista seja claramente oposta àquele do antagonista, combinando ou não combinando desta forma seus respectivos estados objetivos.

As regras de Beaugrande e Colby representam um cenário básico de história. As regras podem ser aplicadas de forma recursiva para subenredos e subpersonagens, bem como para o cenário principal. Segundo Palmer (1999), as regras *protagonista-antagonista* parecem suficientemente básicas para caracterizarem o drama humano em qualquer cultura. Porém, elas não podem ser usadas universalmente para caracterizar a sequência narrativa de histórias, pois as sequências são convencional e culturalmente determinadas.

No entanto, o cenário *protagonista-antagonista* pode ainda constituir a base de muitas histórias que foram moldadas para outras formas por convenções culturalmente

determinadas de narrativa. Se o cenário *protagonista-antagonista* representa uma ordem conceitualmente natural de acontecimentos, então, as imagens de todas as culturas devem de alguma forma se conformar. Conhecendo as convenções narrativas de suas próprias culturas, o público pode reconstruir histórias em suas ordens temporais necessárias. Cada cultura instancia o cenário principal com seus próprios personagens específicos, problemas e estados objetivos. Os cenários habitados por atores intencionais em conflito, agindo em configurações e cenas com objetos e eventos reconhecíveis, são mais propensos a serem cognitivamente salientes e linguisticamente significativos.

A partir dos apontamentos de Palmer (1999) acerca da configuração básica de regras de narrar histórias de Robert de Beaugrande e Benjamin N. Colby, conclui-se que para se configurar como interessante, uma história deve conter uma relação entre dois personagens, um protagonista e outro antagonista, os quais têm a função de efetuar ações específicas ao longo do enredo, que alcancem determinados objetivos. É por meio desses objetivos que a identificação do protagonista e do antagonista se torna possível, sendo o protagonista considerado “herói”, pois, é aquele que apresenta objetivos e ações com os quais os interlocutores tendem a se identificar. Já, o antagonista é visto como o anti-herói.

Ao admitir o discurso, assim como Bakhtin (1995), como fundamentalmente dialógico, a heterogeneidade mostrada será foco no processo de avaliação da pesquisa uma vez que ela tem a característica de se apresentar com maior visibilidade no discurso. A perspectiva de Maingueneau (1997) admite que as manifestações explícitas que ocorrem neste fenômeno, ao serem recuperadas no encadeamento do discurso, ultrapassam a ideia de citação e de discurso relatado. O ator destaca além destes, a ironia e o discurso indireto livre (heterogeneidade mostrada não marcada), e toda uma gama de marcas tipográficas ou linguísticas (pressuposição, negação, palavras entre aspas, discurso relatado etc.) que atendem à heterogeneidade mostrada marcada.

Esta pesquisa examinará de forma prioritária as marcas da heterogeneidade mostrada marcada, particularmente o discurso relatado e as palavras entre aspas, uma vez que tais classificações conseguem alcançar e vislumbrar a sistematização das vozes dos personagens existentes nas narrativas. Portanto, num segundo momento da pesquisa, será avaliado como acontece o agenciamento das vozes presentes discurso noticioso elencando quais vozes aparecem em destaque, quais são remetidas a um segundo plano, quais são aquelas que não aparecem no texto, e como a heterogeneidade é ideologicamente trabalhada

no discurso noticioso da mídia impressa local com o objetivo de apresentar ao leitor um caráter pretensamente isento.

Por meio da avaliação destes componentes linguísticos, da organização das narrativas e do agenciamento das vozes dos atores sociais sob as marcas da heterogeneidade mostrada e marcada, defende-se a possibilidade de identificação das formações discursivas (FDs) e das formações ideológicas (FIs) que perpassam as narrativas noticiosas acerca das manifestações e fatos culturais que ocorrem em Campo Grande.

Segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa, a compreensão dos discursos que são difundidos numa sociedade específica traduz a maneira como as próprias relações sociais são transformadas em elementos discursivos. Sua aplicação possibilita a verificação de como os fatos sociais são transformados em narrativas, e os atores sociais, em personagens, evidenciando de que forma essas narrativas constroem e organizam a realidade. A contribuição da “Escola Francesa de Análise do Discurso” está relacionada com a construção de conceitos fundamentais como formação discursiva, formação ideológica, memória e ideologia, que, segundo Maingueneau (1997, p. 13) revelam os textos elaborados “no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc. que delimitam um espaço próprio no exterior de um discurso limitado”.

O trabalho com a AD avalia as formações discursivas e o interdiscurso na delimitação dos enunciados produzidos, aproximando o discurso e a história. Especialmente, a Análise do Discurso Francesa está atenta à suas propriedades da função discursiva como unidades da língua; classificação que privilegia as teorias da *enunciação* linguística ao atribuir uma importância central ao interdiscurso e executar uma reflexão sobre as formas de inscrição do sujeito em seu discurso. Essa perspectiva teórica, dominante na França nos anos 60 e 70, foi reconhecida pelos pesquisadores em 1969 por meio da publicação número 13 da revista *Langages*, intitulado ‘A Análise do Discurso’ e do livro *Análise automática do discurso*, de Pêcheux (1938 - 1983), autor mais representativo dessa teoria (MAINGUENEAU, 2008b).

O conhecimento das pessoas acerca do mundo e dos fatos da sociedade são fruto das formações discursivas (FDs) e das formações ideológicas (FIs) que produzem o discurso noticioso. Na construção dos sistemas de significação e interpretação do mundo, a mídia opta por determinadas representações da realidade, não apenas por meio dos fatos noticiosos ou dos personagens que comporão ou não as narrativas, mas também segundo a escolha de fontes

que são selecionadas para serem ouvidas. A manipulação do discurso sobre aquilo que pode ser dito ou não, é mediada pelas formações discursivas que figuram como a interface entre o discurso e as formações ideológicas que o comandam. A função do analista do discurso é identificar a maneira como essas formações trabalham na formulação final do sentido (PÊCHEUX, 1975).

2.2 O Discurso Noticioso

A Análise do Discurso presume que todo sentido está inscrito em uma historicidade específica. Nessa perspectiva, ela atenta às condições sócio-históricas da produção de sentido. O analista de discurso, levando isso em conta ao estudar a narrativa de fatos noticiosos, é direcionado para questões acerca do sujeito e sua relação com a escolha de determinada organização discursiva dos fatos, com a seleção dos fatos noticiosos que constituem suas práticas e com os pressupostos ideológicos e sociais que levam o enunciador a representar o fato em perspectivas determinadas. A abordagem teórico-metodológica da análise do discurso é capaz de responder a essas questões ao dominar um estudo que avalia o texto enquanto “lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade” (ORLANDI, 2009, p. 72), materializados nos discursos difundidos na sociedade.

Para empregar a Análise de Discurso no estudo da comunicação de massa, com vistas à compreensão da função da informação noticiosa os sentidos por ela produzidos, é necessário importar-se com o arcabouço social e com os conteúdos simbólicos que produzem os efeitos de sentido aos textos jornalísticos além de relacionar como estes estabelecem conexões com suas condições de produção. Como defende Foucault (1997), é preciso “fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexo das regularidades que regem sua dispersão” (FOUCAULT, 1997, p. 54-55).

Admitindo que um sujeito não atua livremente das coerções histórico-sociais e somente é capaz de escolher dentro de uma formação discursiva (FD) dependente também de uma formação ideológica (FI) particular específica, esta pesquisa tomará como referência abordagens mais recentes da AD, que assume o sujeito em tensão constante entre o polo

individual e o polo social (ORLANDI, 2001). Neste sentido, Pêcheux destaca que o discurso é o lugar por excelência de formação dos objetos de que ele próprio examina. É por meio das práticas discursivas, existentes no interior de formações discursivas, que os objetos tratados pelo discurso vão sendo modificados, delineados e construídos. Essas formações discursivas determinam as condições de surgimento e ocorrência do objeto e sua relação com outros objetos, como explica Campos (2012, p. 26).

O objeto, portanto, existe apenas sob condições de um conjunto complexo de relações estabelecidas “entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização. E são essas relações que determinam o objeto, o que significa que ele não pré-existe a elas, mas se constrói/delimita no interior de suas tramas.

A seleção do fato noticioso é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos do discurso (STEINBERGER, 2005). Ao escolher como *corpus*, reportagens de dois jornais impressos, representativos na cidade de Campo Grande, será investigado como esses dois veículos de comunicação constroem – discursivamente – o “objeto” diversidade cultural. No contexto da Análise do Discurso, pretende-se realizar a identificação das formações discursivas e ideológicas que subjazem ao discurso sobre as diversas culturas que formam o perfil cultural da capital sul-mato-grossense nos dias atuais.

Na certeza de que nenhuma enunciação exaure o objeto, ao averiguar nesta pesquisa a construção das narrativas noticiosas, merece atenção as características dos fatos sociais evidenciados no texto, além das formações discursivas e ideológicas dos sujeitos inscritas na produção dessas narrativas. O estudo evidencia não apenas a superfície textual, mas também a análise da estrutura social e histórica, na qual os sujeitos produtores do discurso estão inseridos, revelando assim os sistemas ideológicos que subjazem suas práticas discursivas.

Orientado pelas condições sociais, históricas e ideológicas particulares, na produção do discurso, o sujeito seleciona no domínio do material que posteriormente será narrado e também no campo dos sistemas linguísticos que são utilizados na mudança da realidade social via prática discursiva, mesmo que essa seleção não seja realizada de forma consciente. Acredita-se que o sujeito não é capaz, portanto, de existir completamente desconectado da ideologia e das crenças compartilhadas pelos grupos sociais com os quais

convive. Este sistema de crenças e valores é uma das principais fontes dos enunciados que são produzidos. Conectando-se o discurso noticioso à sua capacidade de transformação da realidade social em prática discursiva, a Análise do Discurso atenta-se à construção do imaginário social determinado pelas estruturas de poder social legitimado, uma vez que o discurso noticioso estabelece categorias expressivas que são escolhidas a partir de um repertório social legitimado. “A informação jornalística é gerada no âmbito de sistemas de conhecimento (sistemas de referência), em contextos históricos e geográficos de relações de poder que interferem sobre modos institucionalizados de ver e ordenar espaços” (STEINBERGER, 2005, p. 190).

O campo jornalístico é constituído por forças que disputam a hegemonia de representação da realidade. A limitação do acesso à produção do discurso noticioso torna-se, assim, uma das principais formas de exclusão de enunciados. Somente grupos específicos legitimados que possuem acesso privilegiado ao campo jornalístico têm a possibilidade de garantir sua voz dentro desse sistema de representação. Desvendar as restrições impostas pelos grupos sociais hegemônicos tornando evidentes os interesses sociais, ideológicos e de poder ela atende é uma das possibilidades empíricas da Análise do Discurso. É preciso estudar como os próprios limites das formações discursivas cooperam com seu exterior produzindo efeitos de sentido propostos pelo discurso do outro e que acaba por ser legitimado como verdadeiro.

Quando se admite a associação do acesso ao discurso noticioso à capacidade de acesso ao discurso do poder, evidencia-se, segundo Campos (2006), a importância da função do discurso para o exercício e a manutenção do poder. O controle social das representações é um dos recursos de poder que não está disponível para todos os indivíduos ou grupos de uma sociedade. Existem grupos que possuem acesso privilegiado a esse recurso, sendo-lhes garantido não somente o exercício, mas também a manutenção do poder. Na sociedade da informação, o controle dos significados dos meios de comunicação de massa é uma condição crucial para obtenção do poder social. Juntamente com as condições econômicas e sociais de poder, os grupos sociais classificam-se mais ou menos poderosos segundo seu domínio aos diversos mecanismos de difusão do discurso público. Dessa forma, a língua não é um simples suporte para a transmissão de informações. Seu uso possibilita a construção e transformação do relacionamento entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (MAINGUENEAU, 1997, p. 20). Esta pesquisa, por meio da perspectiva teórica da Análise do Discurso, conjuga ideias acerca de uma concepção de língua permeada por embates sociais

e ideológicos existentes a partir das condições históricas nas quais os discursos surgem. Vincula-se a uma abordagem que examina as conexões entre as práticas discursivas e o meio histórico-social no qual se originam.

2.3 As Narrativas na Perspectiva da Análise do Discurso

Nos últimos anos tem aumentado o interesse dos pesquisadores de mídia pelo estudo das narrativas, e a existência de textos narrativos nos veículos de comunicação de massa tem sido um dos fatores que colaboram com a preocupação acerca desses estudos. A utilização da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso para a compreensão do texto jornalístico é justificada em razão de sua contribuição referente aos “efeitos” das narrativas noticiosas. As narrativas geralmente são estruturadas por meio da polarização de dois personagens: o protagonista e o antagonista. Para a compreensão de como essas relações se constroem textualmente, a pesquisa adotará o modelo *Protagonist-Antagonist Rule*, de Beaugrande e Colby (apud PALMER, 1999), o qual estabelece um conjunto de regras acerca das quais essas narrativas polarizantes evoluem. Orlandi (2009, p. 65), explica como se dá a análise:

[...] análise do que chamamos de materialidade linguística: o como se diz, quem diz, em que circunstâncias etc. Isto é, naquilo que se mostra em sua sintaxe enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), fornecendo-nos pistas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza.

Ou seja, é uma forma de examinar “como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo” (ORLANDI, 2009, p. 69). Ao dar atenção à “marcas” da superfície textual que dá ao pesquisador o acesso mais imediato ao sentido. Ao adotar o modelo protagonista-antagonista, esta pesquisa se preocupará em evidenciar como as regras das narrativas são investidas de significação por sujeitos permeados por determinações históricas e ideológicas que moldam sua visão a partir dos fatos narrados. Segundo Beaugrande e Colby (1979) num primeiro momento essas regras são fixas e preenchidas de significação. Analisam tanto aquilo que é dito como aquilo que poderia ou não poderia sê-lo dentro das formações discursivas e ideológicas que subjazem à

enunciação. Essa metodologia permite verificar até que ponto os veículos de comunicação se aproximam ou se distanciam na construção do discurso e ideologicamente nas questões da diversidade cultural. Apesar de ser integrada por um conjunto de regras fixas, a proposta de organização narrativa de Beaugrande e Colby (1980) admite que as posições de protagonista e antagonista são definidas por elemento de ordem semântica e não estrutural. Conforme os autores, o protagonista será aquela personagem cujos objetivos e ações se identificam com os dos leitores/receptores. O antagonista é aquele que possui objetivos e ações contrários aos da audiência. Campos (2012, p.61) orienta:

Uma vez que a mídia transforma a vida diária numa história que, sob a máscara da imparcialidade, alimenta a crença em verdades universais e objetivas, a AD mostra-se bastante fecunda no sentido de mostrar como isso ocorre. Para tanto, deve o analista, partindo da superfície linguística do texto, chegar ao discurso, apreendendo as formações discursivas em jogo e observando como elas, enquanto sistemas de restrições semânticas, trabalham na constituição do que pode/não pode ser dito. Além disso, deve remeter essas FDs à(s) FI(s) correspondente(s), o que lhe permitirá chegar aos processos discursivos instaurados.

Sendo o texto o objeto que constitui a materialização do discurso, por meio da linguagem, ele apresenta um plano de conteúdo (o discurso) e um plano de expressão (as linguagens que veiculam o conteúdo), atuando como uma unidade que direciona a manifestação de determinado discurso (FIORIN, 2005). Por meio dessa perspectiva, reconhece-se o dito também o que foi silenciado, uma vez que o ato de dizer reflete sempre um posicionamento no curso da história, como explicita Campos (2012, p. 68):

Entre as inúmeras possibilidades de formulação, os sujeitos dizem X e não Y, significando, produzindo-se em processos de identificação que aparecem como se estivessem referidos a sentidos que ali estão, enquanto produtos da relação evidente de palavras e coisas. Mas, como dissemos, as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua.

Como o signo é marcado por um fator axiológico, e constitui um posicionamento no interior do confronto de interesses sociais, conforme Bakhtin e Voloshinov (1995), é possível ter a compreensão de que a ideologia opera no sentido de mascarar esse

posicionamento e reafirma a noção de que aquilo que foi dito só poderia sê-lo da forma como foi e não de outra maneira. A estrutura narrativa dos textos noticiosos contribui eficazmente evidenciar seus sentidos propostos pelo fato de que conseguem criar efeitos de sentido de objetividade e neutralidade. Esconde-se dessa maneira a seleção da narrativa e os elementos que a desenvolvem (objetos, sujeitos que aparecem e coexistem, as ações e objetivos associados, etc), que lhe são incluídos ou não em seu curso. A manipulação desses elementos reflete o posicionamento do sujeito de frente ao dizível. Ou seja, se o discurso é marcado pela heterogeneidade (pela presença do dizer do Outro), é cabível a compreensão de como as narrativas em foco trabalham o interdito, no fio do dizível legítimo (MAINGUENEAU, 2007).

Se nosso sentido de realidade é estruturado por narrativas (FULTON, 2005), do ponto de vista da AD, torna-se, imprescindível, a compreensão de como as narrativas sobre a diversidade cultural veiculam crenças e visões específicas sobre os fatos narrados, a partir da análise das formações discursivas e ideológicas na determinação do dizer. É certo que as vozes apresentadas no interior das narrativas noticiosas são preponderantes no quesito credibilidade desses textos. Daí a visibilidade dada a essas vozes nas notícias e reportagens. O estudo do processo de agenciamento das vozes é pertinente ao desvendar como elas são trabalhadas pelo sujeito, nos limites das FDs e FIs às quais o discurso representa. É com o objetivo de compreender esse processo, e como ele contribui para a configuração semântica das narrativas, que se propõe a realização do estudo das marcas da heterogeneidade mostrada, mais especificamente, do discurso relatado e das palavras entre aspas, uma vez que são de vital importância essas marcas explícitas do discurso do Outro nas reportagens sobre a diversidade cultural.

2.4 Marcas da Heterogeneidade Mostrada

Existem gêneros discursivos caracterizados pela forte presença do discurso-outro (AUTHIER-REVUZ, 2004), e podem ser notados nas notícias e reportagens da mídia, que os utilizam para transmitir um efeito de sentido que dê à narrativa noticiosa um aspecto de credibilidade e imparcialidade, simulando distanciamento e fidelidade à realidade dos fatos. Utilizada como estratégias de enunciação, a objetividade é um dos recursos que desvia a

atenção do leitor dos filtros da realidade construídos a partir do sistema de valores do jornal que não se mostra como um sujeito social que atua representando determinados interesses sócio-políticos no que notícia. Sem a explicitação de um “eu” no discurso é dominante a utilização da terceira pessoa na reportagem, transmitindo ao leitor a ideia de que o próprio assunto se auto-apresenta. O jornal também persuade o leitor de que o recorte da realidade que faz ao produzir a notícia é a própria realidade, apresentando diálogos.

Ao reconhecer a importância dessas marcas do discurso-outro na construção do percurso narrativo das reportagens, nas análises buscamos mostrar, por meio do discurso relatado e das palavras entre aspas, como esses fenômenos, visíveis no desenrolar do intradiscurso, marcam a sua conexão com o discurso-outro no plano deste mesmo interdiscurso.

Sendo o discurso essencialmente heterogêneo, segundo Maingueneau (1997), usando a perspectiva teórica de Authier-Revuz (2004), especifica dois planos distintos, entretanto complementares e associados. São eles o da heterogeneidade constitutiva e o da heterogeneidade mostrada. A heterogeneidade constitutiva está presente na própria gênese do discurso, manifestada na relação interdiscursiva que as Formações Discursivas estabelecem entre si. A heterogeneidade mostrada ocorre nas manifestações explícitas, que podem ser recuperadas a partir de uma diversidade de fontes de enunciação (MAINGUENEAU, 1997). Ela pode apresentar-se não marcada, como, por exemplo, em fenômenos como a ironia e o discurso indireto livre ou pode estar marcada, assim como acontece no discurso relatado, nas palavras entre aspas, na pressuposição ou na negação, nas quais são evidentes as marcas linguísticas ou tipográficas unívocas que indicam a heterogeneidade.

O discurso relatado é um fenômeno relacionado com a citação, num sentido abrangente. Caracterizado como direto ou indireto, ele é uma das manifestações mais clássicas da heterogeneidade no discurso (MAINGUENEAU, 1997). No entanto, considerado como fenômeno associado a formações discursivas, o sujeito enunciador, ao realizar sua enunciação a partir de um lugar definido, não cita quem deseja, uma vez que deseja em função de determinados objetivos conscientes. As condições relacionadas a este lugar discursivo são que regulam a citação.

A noção da heterogeneidade do discurso é originária da polifonia, ideia formulada por Bakhtin e Voloshinov (1995), que busca explicar o fenômeno do agenciamento de vozes na organização do texto. Maingueneau (1997, p. 76) destaca que existe polifonia quando é

possível verificar em uma enunciação duas espécies de personagens, os enunciadores e os locutores. O locutor é aquele apresentado como o sujeito do enunciado. Já o *enunciador* é posicionado a partir de uma perspectiva ou um ponto de vista, com o qual o locutor coincide ou não. Um pode estar ligado ao pressuposto ou conteúdo implícito do texto. O outro pode estar relacionado ao posto ou conteúdo explícito do texto. Neste sentido, o enunciador é assimilado ao locutor do enunciado citado.

Outra forma de polifonia é aquela que acontece quando num mesmo enunciado existem dois locutores diferentes (MAINGUENEAU, 1997, p. 85). Esse fenômeno geralmente ocorre no discurso direto, quando se torna possível perceber uma espécie de hierarquia de locutores. Um produz, organiza o enunciado como um todo e outro que é responsável especificamente por aquilo que é citado. Surge neste caso, um segundo locutor no enunciado atribuído a um primeiro locutor. Entretanto, as gramáticas na atualidade reconhecem como representação do discurso relatado apenas o discurso direto, o indireto e o indireto livre, classificação que Authier-Revuz (1990) considera insuficiente para abranger todas as manifestações do fenômeno do discurso relatado. Os fenômenos que pertencem ao discurso relatado que ainda se encontram ausentes das gramáticas são visualizados por meio da modalização do discurso em discurso segundo. Eles ocorrem constantemente no discurso jornalístico, especificamente em notícias e reportagens.

Nos textos que compõem o *corpus* é possível encontrar-se ainda outras marcas da presença do outro no discurso, como o itálico e as aspas. A modalização em discurso segundo é uma maneira simples e discreta para certo enunciador indicar que não é o sujeito responsável pelo enunciado. Ela indica apenas que o enunciador se apóia em outro discurso. Os modalizadores remetem a enunciação ao discurso de outra pessoa. Diferente do que as definições gramaticais usuais propõem, o discurso direto não pode ser considerado mais objetivo do que o indireto, com o argumento de que o primeiro reproduz a materialidade precisa de um enunciado, ao se considerar que ele restitui o ato de enunciação. Maingueneau (1997) acredita que a oposição normalmente feita entre discurso direto e discurso indireto é relativamente ingênua, quando se considera que o discurso direto é mais fiel do que o indireto. Para Maingueneau (2008a, p. 140), o discurso direto não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, uma vez que eles manifestam duas estratégias diferentes que são empregadas no relato de uma enunciação.

Diferentemente da modalização em discurso segundo, o discurso direto não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado.

A simulação de restituição das falas citadas cria um efeito de autenticidade, uma vez que a reprodução do enunciado do outro não é o mesmo que reproduzir o ato de enunciação. O sujeito que a relata reconstitui a situação de enunciação e essa descrição considerada subjetiva é que influencia a interpretação do discurso citado. O discurso direto, assim, não deve ser considerado objetivo pelo fato de representar apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, dispondo de múltiplos meios que lhe dão enfoque pessoal (MAINGUENEAU, 2008a). Outros efeitos de sentido produzidos pela utilização do discurso direto como forma de discurso relatado podem ser destacados, entre eles: a criação de autenticidade, que busca demonstrar que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas; o distanciamento, em que o enunciador citante não apóia o que é dito mas explícita, por meio do discurso direto, sua adesão respeitosa ao dito; além da situação de pretender mostrar-se objetivo, sério (MAINGUENEAU, 2008a, p. 142).

No caso do discurso indireto, o discurso relatado revela a presença do outro no decorrer do discurso, quando mostra no plano do enunciado, um outro ato de enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12). No discurso indireto, o locutor age como um tradutor, utilizando suas próprias palavras para referir-se a um outro como fonte do ‘sentido’ das finalidades que ele relata. No discurso direto, o locutor atua como ‘porta-voz’. Dessa forma, é preciso atentar-se que em cada época espécies de discurso e as citações são feitas de maneiras diferentes. Os textos citáveis, as ocasiões em que é preciso citar, o grau de exatidão exigido, variam muitíssimo.

Nesta pesquisa, são consideradas para o estudo também como marca, as palavras entre aspas, também muito utilizadas na narrativa noticiosa. Segundo Authier-Revuz (2004), sua utilização possui duas modalidades: a autonímia e a conotação autonímica. Na autonímia, a presença das aspas marca o discurso direto ou o discurso indireto na variante analisadora da expressão. Numa situação de conotação autonímica, elas marcam um corpo estranho no enunciado, que é mostrado ao receptor. Neste caso, as palavras são mantidas à distância, e as aspas exercem uma função metalinguística local de distanciamento e suspensão da responsabilidade. Elas “colocam o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza”

(AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219). O sentido de distanciamento representado pelo uso de aspas tem as funções de cessar a responsabilidade do locutor, contestando-se a adequação da palavra no discurso em que é empregada e distinguir se certa palavra refere-se a outro discurso, ou seja, é adequada para o receptor, mas não para o locutor, ou vice-versa.

As aspas e o discurso relatado marcam, de modo constitutivo, o encontro do discurso com o discurso outro. Por meio de um trabalho sobre as bordas das palavras, um discurso é construído em relação a um exterior. Essa borda é reveladora e imprescindível, pois marca o que é essencial ao se distanciar admitindo-se que tais palavras não se adequam ao discurso construído. As palavras consideradas adequadas o locutor as admite sem distanciamento. Nesse sentido, as aspas configuram-se como instrumento de defesa, ao dar a ilusão ao locutor de que consegue executar um discurso contínuo, com unicidade, diferenciando claramente o que é exterior.

Colocar palavras entre aspas é, conforme acredita Authier-Revuz (1990), “colocá-las à distância, destacando a zona que separa aquilo que enuncio, daquilo que o outro enuncia. O locutor, ao colocar as palavras entre aspas, tem a intenção de chamar a atenção do coenunciador, para seu o ato de empregar especificamente as palavras que está aspeando”. Ao destacar estas palavras, ele transfere ao coenunciador o trabalho de depreender o motivo pelo qual está chamando sua atenção e lhe dando espaço em seu próprio discurso. Assim, as aspas configuram sinais a serem interpretados e que são capazes de adquirirem diversas significações (MAINGUENEAU, 2008a, p. 160-161).

Ao analista de discurso cabe compreender essas significações e sua função na construção dos efeitos de sentido sugeridos no/pelo texto. Nesta pesquisa, as marcas da heterogeneidade mostrada marcada, quanto as palavras entre aspas, serão objeto de estudo, sendo analisadas em associação com as formações discursivas e ideológicas representadas pelos sujeitos.

2.5 A tríade cena englobante, cena genérica e cenografia

Com o intuito de enriquecimento das análises, será mobilizada também a noção de “cena da enunciação”, formulada por Maingueneau (2006). A primeira edição da obra do

autor, “Cenas da Enunciação”, foi difundida no ano de 2006, por meio de uma compilação de artigos realizada por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Nela são focalizados particularmente os modos de produção textual e sua inter-conexão com os quadros sócio-históricos nos quais são construídos. Publicado originalmente em 1998, o artigo “Cenografia epistolar e debate público” propõe o conceito de “cena da enunciação”, fundamentada na tríade: cena englobante, cena genérica e cenografia. As duas primeiras noções contextualizam o pano de fundo dos textos. Atuando complementarmente essas três cenas demonstram três modos de interpelação do interlocutor virtual, como explica Recla (2009, p. 35).

Na Análise do Discurso, sob a perspectiva adotada por Maingueneau, interessa-nos o postulado de que todo discurso pressupõe uma cena enunciativa, considerada a base para que o discurso possa ser enunciado. Desse modo, a enunciação cria cenas em que as partes interessadas naquilo que veicula o discurso negociam um espaço e um tempo, por meio de construções textuais próprias, com objetivos e público-alvo também próprios.

A cena englobante “corresponde ao tipo de discurso, ao seu estatuto pragmático” (MAINGUENEAU, 2006, p. 111) e define o modo como o texto interpela o leitor. O indivíduo que vive numa formação sócio-histórica como a nossa, ao receber um folheto na rua, tem a capacidade de classificá-lo como discurso religioso, político, publicitário, jornalístico, literário ou qualquer outro. Exemplificando: como leitores de um folheto de mensagem publicitária, somos interpelados como consumidores possíveis. Para Maingueneau, a cena englobante é extremamente geral para conseguir caracterizar as atividades discursivas em que enunciador e co-enunciador se encontram engajados. Ela atua em paralelo com a cena genérica que pressupõe um contexto específico que estrutura as funções dos participantes, o modo de inscrição no espaço e no tempo, o suporte material, a finalidade, entre outros. Cada gênero de discurso estabelece o papel de seus participantes: num panfleto de campanha eleitoral, existe um “candidato”, que se dirige a “eleitores”; num curso, existe um “professor” que se dirige a “alunos” (MAINGUENEAU, 2006).

Os espaços da cena englobante e da cena genérica são praticamente estáveis e normalmente as duas dão conta de definir cena da enunciação. Entretanto pode ocorrer a intervenção da cenografia, uma cena muito específica e imprevisível, “que não é imposta pelo tipo ou pelo gênero do discurso, mas é instituída pelo próprio discurso. De acordo com

Maingueneau (2006, p. 113), “a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”.

Uma cenografia envolve as figuras de enunciador e co-enunciador e também um momento (cronografia) e um lugar (topografia). São materializados por três pólos indissociáveis: num discurso político específico, por exemplo, a escolha da identidade dos parceiros de enunciação (“os defensores da pátria”, “cidadãos honestos”, “administradores competentes”, “excluídos” etc.) está relacionada com a escolha de um conjunto de lugares (“a França eterna”, “o país dos direitos do homem”, “a encruzilhada da Europa”, “a Europa cristã” etc.) e com um momento de enunciação (“um período de crise profunda”, “uma fase de mutação econômica” etc.) por meio dos quais o discurso pretende ser transmitido, de modo a fundar seu direito à palavra (MAINGUENEAU, 2006, p. 113).

Maingueneau (2001) defende que a cenografia corresponde a uma relação paradoxal: a enunciação traz a suposição, uma certa cena, que de forma efetiva somente se fundamenta e se legitima ao passo em que ela mesma se desenrola. “Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la [...]. Um texto é, na verdade, rastro de um discurso no qual a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2010, p. 205). Uma cena validada pode estar incluída numa cena da enunciação apresentando características que foram marcadas na memória coletiva e que traduzem específicas maneiras de ser e estar relacionadas às atividades sociais. Ou seja, uma cena validada funciona “como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimento em outros textos” (MAINGUENEAU, 2001, p. 92). Conforme Recla (2009, p.70), a cenografia tem importante função.

A caracterização da cenografia ocorre por indícios de vários tipos, entre eles o próprio texto que a torna possível e as indicações paratextuais (um título, a menção a um gênero, entre outros), além das indicações explícitas no texto. Há interação entre a enunciação mostrada e as indicações explícitas, já que o que é mostrado é especificado pelas indicações explícitas, as quais tomam corpo através da própria enunciação que as carrega. A cenografia tem, por isso, função integradora.

As matérias analisadas apontam por meio da cenografia uma representação, mais ou menos unificada e coerente de como se manifesta o discurso da identidade e da diversidade cultural na imprensa campo-grandense, auxiliando na compreensão e explicação de seu contexto.

CAPÍTULO III

DAS ANÁLISES

3.1 Aplicando noções propostas por Beaugrande e Colby

Admitindo-se o conceito de Beaugrande e Colby (apud PALMER, 1999), segundo o qual a construção das imagens do protagonista e do antagonista em uma narrativa acontece por meio das ações e dos objetivos a cada um deles confiados, pretendemos compreender como esse processo se desenvolve, durante a análise das narrativas sobre a diversidade cultural dos variados grupos e sociedades que vivem no município de Campo Grande.

Serão objetos de análise os modos como as ações e os objetivos confiados aos personagens envolvidos nessas narrativas revelam o posicionamento do sujeito discursivo. Essa pesquisa pretende, por meio do estudo das relações intradiscursivas, remeter o discurso às Formações Discursivas a que se filia, e compreender como essas Formações Discursivas apropriadas pelo sujeito discursivo se relacionam àquelas que ele deseja negar, ou com as quais polemiza, por meio do exercício no/do interdiscurso.

A seguir apresentamos a análise de oito matérias. São elas: “Memória Coroada”, “Do Sul, Mato Grosso do Sul mostra orgulho de ser de MS”, “Exposição com temática Indígena é inaugurada hoje” e “Poeta do Pantanal”, ambas do jornal *O Estado MS*, e “Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues”, “Cotidiano Terena em vídeos e fotos”, “Paraguai: Vizinho Misterioso” e “Na boca do povo” do jornal *Correio do Estado*.

3.1.1 Memória Coroada

A matéria *Memória Coroada* (Ver anexo A), publicada no dia 8 de abril de 2013, na capa da editoria *Arte & Lazer* do jornal *O Estado MS*, traz como tema uma solenidade alusiva ao aniversário de 35 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS). A seguir é possível observar como esse texto jornalístico narra o posicionamento

do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul acerca da questão da identidade sul-mato-grossense, considerando as Formações Discursivas e as Formações Ideológicas a que o jornal *O Estado MS* se filia.

Para a realização da análise, retomamos regras de organização da narrativa, segundo o esquema de Beaugrande e Colby revisitado por Palmer (1999).

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Protagonista: O protagonista da matéria é o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, uma vez que esse locutor é autorizado e legitimado pelo jornal para dizer o que diz.

Antagonista: o antagonista da matéria é inexistente.

Admitindo o conceito de *protagonista* como a pessoa que exerce ou toma o primeiro lugar num acontecimento (FERREIRA, 1986), é possível observar na reportagem que o IHGMS é legitimado como protagonista porque o foco da narrativa incide sobre a instituição. A narrativa analisada se desenvolve sob a perspectiva do protagonista, que possui objetivos e empreende ações consideradas positivas pelos interlocutores. Nela não existe o antagonista, que empreenderia ações e objetivos os quais não são desejados pelos leitores.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, é o fato de que o Mato Grosso do Sul, por ser um Estado recente, é carente de história.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado pelo antagonista: o resgate da história, geografia e cultura sul-mato-grossenses. Este objetivo é comprovado pela afirmativa do presidente do instituto, Hidelbrando Campestrini, observado nos seguintes trechos da reportagem:

O resgate da história, geografia e cultura sul-mato-grossenses são os objetivos do IHGMS.

“Não podemos deixar de escrever sobre a história de nosso Estado. E, também é importante que se guarde documentos sobre Mato Grosso do Sul, pois necessitamos disso, já que aqui, apesar de ser um Estado recente, é carente de história e estes homens já ajudaram muito nessa parte”, complementa.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelo protagonista para solucionar o problema recaem sobre a afirmativa do presidente do instituto, Hidelbrando Campestrini, de que os escritores associados ao IHGMS não podem deixar de escrever sobre a história do Estado.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da matéria, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. As ações apresentadas pelo protagonista para possibilitar o alcance dos objetivos de resgate da história, da geografia e da cultura sul-mato-grossenses se materializam, segundo a matéria, por meio de publicações de obras raras e a disponibilização do acervo de livros e pesquisas. Outra ação, para solucionar o problema da carência de história pelo Estado de Mato Grosso do Sul, é o apoio da instituição a atividades culturais. Essas atividades culturais são elencadas como o mapeamento hidrográfico do Estado, a construção do Memorial de Inocência, criação da Enciclopédia Virtual de MS, pesquisa sobre as ruas com nomes próprios de Campo Grande para saber quem foram essas pessoas. No entanto, essa trajetória das atividades se mostra, apenas, como uma perspectiva futura. A última ação apresentada pelo protagonista é o convite

feito para novas pessoas ingressarem no corpo de associados. Essas ações são comprovadas nos seguintes textos:

“São projetos de pequeno, médio e longo prazo. Um que foi retomado agora é sobre o mapeamento hidrográfico do Estado, intitulado ‘Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul’ (...)”.

O presidente também conta que existe a pretensão de realizar a construção do Memorial de Inocência, livro de Visconde de Taunay, em Paranaíba, criação da Enciclopédia Virtual de Mato Grosso do Sul, desenvolvimento de uma pesquisa sobre as ruas de Campo Grande, para saber quem foram as pessoas, entre outros.

Campestrini entrou na instituição há 25 anos e, afirma que se você é convidado não pode negar: “Depois de entrar aqui, a pessoa se envolve muito com os projetos, existem muitas propostas inovadoras”, garante.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista e que a matéria sugere é o da honra de ser convidado para ser associado do IHGMS e ser homenageado pela contribuição à cultura estadual. A conclusão da narrativa exaltando o valor da honra é comprovada pelos seguintes textos:

Mas a hora mais emocionante da solenidade foi a inauguração do quadro de associados eméritos, homenagem dada a: José do Couto Vieira Pontes, Renato Alves Ribeiro, Francisco Leal de Queiroz e Wilson Barbosa Martins, que receberam a honra devido à atuação dentro da instituição, méritos e contribuição para o Estado. “São quatro pessoas importantíssimas para o instituto, temos muito que aprender com os senhores”, afirmou Hildebrando Campestrini, presidente do instituto.

“Ser emérito é um coroamento de uma vida de muita luta intelectual e profissional. Nós contribuímos muito para a cultura do Estado e, temos muita história para contar ainda” (Palavras do associado Francisco Leal de Queiroz)

“A primeira vez que fui convidada foi no final da década de 90, porém eu tinha acabado de perder meu pai. Até que, no início dos anos 2000, me disseram que era a última vez que me convidavam, então decidi aceitar. Hoje faz parte da minha vida, é muito bom e estimulante”. (Afirmativa de Vera Tylde de Castro Pinto, diretora-executiva da instituição).

As ações descritas fazem parte da narrativa, apresentando seu fechamento. Elas destacam as soluções para o estado de problema identificado. Com isso, é possível mostrar que todas as partes que compõem uma notícia, como, por exemplo, o texto principal, as entrevistas ou os quadros, são elementos relevantes para a construção do sentido e devem, assim, ser levados em conta na unidade que é o texto. Na análise dessa matéria, constata-se que as ações propostas pelo protagonista não deixam o problema sem uma possível solução. A função da semântica global que delimita simultaneamente todos os planos do discurso é destacada neste trabalho, uma vez que esse processo acontece tanto no campo do texto-enunciado quanto no campo da enunciação. Na ordem do enunciado, percebe-se a operação da semântica global, já no início, no processo de organização da narrativa, que tem a possibilidade de relacionar-se com o “modo de coesão”, compreendido como “a maneira pela qual um discurso constrói sua rede de remissões internas” (MAINGUENEAU, 1997, p. 99).

A matéria “Memória Coroada” é apresentada na perspectiva do protagonista e exalta os objetivos do IHGMS e os empreendimentos intelectuais de seus associados que contribuem de modo indispensável à cultura sul-mato-grossense. As escolhas lexicais e o estatuto que o locutor/jornal confere ao protagonista permitem selecionar palavras e expressões de cunho positivo às ações da instituição cultural. Isso explicita o posicionamento favorável do jornal às ações do IHGMS que propõem soluções à carência de história pelo Estado de Mato Grosso do Sul e marca também a maneira persuasiva que o jornal empreende para convencer seu destinatário a legitimar seu dizer: afirma que os quatro associados afetivos ganharam a honra de se tornarem associados eméritos.

Nessa matéria é possível identificar duas formações discursivas que perpassam o texto em questão e que são constituídas uma em relação à outra e demonstram a hipótese de

Maingueneau (2007) de que o interdiscurso tem precedência sobre o discurso, de modo que cada Formação Discursiva é considerada isoladamente. Existe o espaço discursivo da valorização dos associados do IHGMS e a formação discursiva das ações realizadas pela instituição cultural. Neste contexto, a intelectualidade do Instituto Histórico e Geográfico de MS, que foi fundado antes da Divisão do Estado, e que presumivelmente teria apoiado a luta pela divisão de Mato Grosso, é considerada ilustre e representante da cultura legítima sul-mato-grossense. A matéria sugere que este grupo da sociedade são os heróis da cultura sul-mato-grossense que empreendem uma luta intelectual muito honrada.

Considerando que essas Formações Discursivas se associam a Formações Ideológicas determinadas, que também estão conectadas a posicionamentos específicos numa formação social, é possível afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal *O Estado MS*, nesta matéria específica, se filiam à Formação Ideológica hegemônica da cultura sul-mato-grossense. Esse tratamento cultural dado a essa notícia evidencia o estereótipo da história do ser-sul-mato-grossense, exposto anteriormente por Banducci (2009), que segundo o texto exposto, precisa ser resgatada. Sustentada por essa Formação Ideológica, destaca-se apenas a representação de um grupo cultural/identitário específico e hegemônico existente em Mato Grosso do Sul. A figura do ex-governador Wilson Barbosa Martins, homenageado como associado emérito e destacado durante a matéria por sua ausência no evento é um fato que reafirma essa evidência. A representação do povo paraguaio, ilustrada pela presença do Balé Folclórico da Colônia Paraguaia, que poderia figurar como um aspecto da noticiabilidade da diversidade cultural presente na cultura local e estadual permanece periférica. A presença desses personagens enquanto identidade é praticamente ignorada e figuram apenas como componentes de um *show* cultural. Isso pode ser comprovado nos seguintes trechos:

A dança do Balé Folclórico da Colônia Paraguaia abriu a solenidade, e com quatro homens e quatro mulheres, encantou a todos os presentes na seção. Mas a hora mais emocionante da solenidade foi a inauguração do quadro de associados eméritos [...]

Wilson Barbosa Martins, ex-governador do Estado, foi o único que não compareceu à cerimônia, devido a problemas de saúde, já que está com 95 anos.

3.1.2 ‘Do Sul, Mato Grosso do Sul’ mostra orgulho de ser MS

A matéria “*Do Sul, Mato Grosso do Sul mostra orgulho de ser MS*” (Ver Anexo B), publicada no dia 19 de abril de 2013 na página C6 do jornal *O Estado MS*, é emblemática num primeiro momento por ser veiculada no dia em que se é comemorado o dia do índio, uma das maiores etnias existentes no território sul-mato-grossense e de grande representatividade cultural em Campo Grande. Ela traz como tema uma produção cinematográfica que aborda a confusão de identidade entre os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ou seja, ratifica novamente identidade sul-mato-grossense em detrimento da identidade deste outro grupo, num dia comemorativo em que a temática indígena poderia ter um alto grau de noticiabilidade.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

O protagonista da matéria é o cineasta Fábio Flecha que defende a identidade sul-mato-grossense em sua produção. Essa questão é evidenciada nas seguintes frases:

“O nome do filme faz alusão a uma questão mais que territorial, até cultural. Todo mundo que é sul-mato-grossense já ouviu pessoas de outros lugares chamando a gente de Mato Grosso”, comenta Flecha.

“No interior de tudo temos essa questão de sentir orgulho da nossa identidade. Sempre que confundem a gente com outro Estado, do qual fomos separados há mais de 20 anos, para os personagens, é como se o sangue ‘subisse’ na cabeça”, afirma Flecha.

O antagonista da matéria é inexistente.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, é que pessoas de outros estados desconhecem a identidade sul-mato-grossense, e mencionam apenas o Estado de Mato Grosso. Ele pode ser observado pelos seguintes trechos:

A história narra a trajetória de um grupo de paulistas que vem até o MS fazer uma negociação ilegal, e na discussão chamam o MS de Mato Grosso.

“O nome do filme faz alusão a uma questão mais que territorial, até cultural. Todo mundo que é sul-mato-grossense já ouviu pessoas de outros lugares chamando a gente de Mato Grosso”, comenta Flecha.

“[...] ‘Jacaré’ é um pistoleiro, sim, mas é um homem calmo, inteligente, e educado. Porém até ele perde a calma com as ofensas do grupo rival [...]”, adianta o ator.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: Fazer com que as pessoas sintam orgulho da identidade sul-mato grossense. O seguinte trecho evidencia esta regra:

“No interior de tudo temos essa questão de sentir orgulho da nossa identidade (...)”

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelo protagonista Flecha para promover o orgulho da identidade sul-mato-grossense foi utilizar em sua produção atores locais e um elenco conhecido na cidade, o lançamento de um teaser para que as pessoas se identifiquem com a ideia do filme. Os seguintes trechos confirmam a trajetória:

“O filme é um *bang-bang*, um ‘*western*’ com atores locais e um elenco conhecido na cidade”, completa o diretor.

“Outra reflexão que fazemos é sobre a utilização dos atores que temos aqui nas produções”, explica Montebranco. “Tem gente que ainda fala que MS não tem atores, precisa olhar com mais carinho, porque temos ótimos artistas por aqui. Tanto que o filme tem elenco local.”

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é a divulgação do curta-metragem.

A divulgação principal, já que o filme é independente, será pela internet. O teaser pode ser conferido pelo endereço: www.youtube.com/user/fflecha.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista cineasta é o orgulho da identidade sul-mato-grossense, demonstrado no trecho:

“No interior de tudo temos essa questão de sentir orgulho da nossa identidade [...]”.

Na ordem do texto-enunciado a semântica global trabalha a valorização da identidade sul-mato-grossense. No que se refere ao interdiscurso, identificamos no espaço discursivo do desconhecimento das pessoas de outros estados acerca da diferença entre a identidade mato-grossense e sul-mato-grossense, as formações discursivas da importância de sentir orgulho da identidade sul-mato-grossense e da valorização dos artistas/atores locais. As Formações Discursivas dessa matéria associa-se à Formação Ideológica hegemônica da cultura sul-mato-grossense, uma vez que destaca sua importância buscando dissociar sua relação com a identidade de Mato Grosso e exemplificar como fatos culturais a presença de personagens sul-mato-grossenses, representados pelos atores locais.

Apesar de os valores-notícia serem apresentados no formato noticioso “operacional e neutro”, dando voz aos personagens, por meio destes elementos simbólicos utilizados na matéria produzem “reconhecimentos familiares” do discurso da ideologia da identidade sul-mato-grossense articulando o discurso interno dos jornais locais a este universo ideológico cultural já difundido na sociedade sul-mato-grossense e campo-grandense.

Essa matéria, mesmo que de forma implícita traz como referência o diálogo divergente entre as identidades do norte e sul de Mato Grosso, durante a época do discurso divisionista, no qual o Sul se classificava como moderno e desenvolvido, e o Norte, como representante da barbárie. A temática da rivalidade entre os Estados é retomada nesta reportagem, atendendo a um posicionamento político-ideológico específico que busca diferenciar de maneira decisiva a identidade dos dois Estados.

3.1.3 *Exposição com temática indígena é inaugurada hoje*

A matéria *Exposição com temática indígena é inaugurada hoje* (Ver Anexo C), publicada no dia 2 de abril de 2013 na página C6 do jornal *O Estado MS*, tem como temática a divulgação de uma exposição de artes plásticas e outras manifestações artísticas que tinham o intuito de mostrar as dificuldades que os indígenas viviam naquele período. Grande parte dos quadros que integravam a mostra foram criados durante um ato em defesa da etnia guarani kaiowá, que aconteceu na Praça Ary Coelho, na Capital sul-mato-grossense, em novembro de 2012.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

O protagonista da matéria é a curadora da mostra Marilena Grolli que teve a ideia de fazer um leilão com as obras que foram criadas durante a manifestação e também músicos, atores e outros artistas que participaram do ato. O trecho abaixo evidencia isso:

Segundo a curadora Marilena Grolli, as artes plásticas surgiram como complemento do ato, que já contava com músicos, atores, entre outros artistas. “Os organizadores queriam fazer pintura ao vivo. Eles entraram em contato comigo e eu tive a ideia de fazer um leilão com as obras que fossem criadas durante a manifestação”, afirma.

O antagonista da matéria é o locutor/jornal *O Estado MS* que tentou minimizar a importância da manifestação em prol da causa indígena e desviar a atenção ao tema, de forma indireta, na voz de alguns artistas plásticos que participaram da exposição. Observe o trecho seguinte:

Erika ainda está começando na carreira e vê a mostra como um importante passo. “Uma exposição na Morada dos Baís é sempre importante, ainda mais no começo da carreira”, ressalta.

Para Jonir, que tem mais de 40 anos de carreira, é importante que os artistas participem de qualquer manifestação, seja ela pelos índios, contra o preconceito, violência ou outro assunto pertinente. “Você só vira artista e se consagra fazendo exposição. O jovem artista tem que se engajar nestes movimentos, não importa para que seja, tem que participar, afirma.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, são as dificuldades que os indígenas enfrentavam naquele período. Acompanhe o trecho abaixo:

Mostrar as atuais dificuldades que os indígenas vivem é o objetivo da exposição “Arte Terra Vermelha”, que será inaugurada hoje, às 19h30, na Morada dos Baís.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: Mostrar as dificuldades que os indígenas enfrentavam naquele período.

Mostrar as atuais dificuldades que os indígenas vivem é o objetivo da exposição “Arte Terra Vermelha”, que será inaugurada hoje, às 19h30, na Morada dos Baís.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: Minimizar a importância da manifestação em prol da causa indígena. Observe o trecho seguinte:

Erika ainda está começando na carreira e vê a mostra como um importante passo. “Uma exposição na Morada dos Baís é sempre importante, ainda mais no começo da carreira”, ressalta.

Para Jonir, que tem mais de 40 anos de carreira, é importante que os artistas participem de qualquer manifestação, seja ela pelos índios, contra o preconceito, violência ou outro assunto pertinente. “Você só vira artista e se consagra fazendo exposição. O jovem artista tem que se engajar nestes movimentos, não importa para que seja, tem que participar, afirma.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas em prol da causa indígena foram a inauguração da exposição “Arte Terra Vermelha”, o ato em defesa dos guarani kaiowá, a apresentação manifestações artísticas de outros participantes da cultura local apoiando a causa.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: minimizar a importância da manifestação em prol da causa indígena e desviar a atenção ao tema, de forma indireta, na voz de alguns artistas plásticos que participaram da exposição. O trecho abaixo evidencia esta situação:

Erika ainda está começando na carreira e vê a mostra como um importante passo. “Uma exposição na Morada dos Baís é sempre importante, ainda mais no começo da carreira”, ressalta.

Para Jonir, que tem mais de 40 anos de carreira, é importante que os artistas participem de qualquer manifestação, seja ela pelos índios, contra o preconceito, violência ou outro assunto pertinente. “Você só vira artista e se consagra fazendo exposição. O jovem artista tem que se engajar nestes movimentos, não importa para que seja, tem que participar, afirma.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é concretizado por meio da promoção do leilão das obras que foram criadas durante o ato realizado em novembro de 2012, a realização da exposição divulgada na matéria analisada, da arrecadação de dinheiro para a causa indígena, da coleta de alimentos e roupas no dia da inauguração da exposição e

da doação do artista plástico Jonir de uma obra do seu acervo pessoal para o evento. Isso pode ser comprovado nos seguintes trechos:

Ao todo 20 artistas participam da mostra, grande parte dos quadros que integram a exposição foram criados durante o ato em defesa dos guarani kaiowá, que aconteceu na Praça Ary Coelho, em novembro de 2012.

Além da exposição de telas, o evento terá teatro, música, dança indígena, pintura corporal, entre outras manifestações artísticas.

“Os organizadores queriam fazer pintura ao vivo. Eles entraram em contato comigo e eu tive a ideia de fazer um leilão com as obras que fossem criadas durante a manifestação”, afirma.

“Ainda não sabemos especificamente onde esta renda será revertida, mas será para a causa indígena. No momento a prioridade é a coleta de alimentos e roupas, depois veremos onde há maior necessidade para investir esses recursos”, explica a curadora.

Hoje, o grupo estará recebendo doações de roupas e alimentos na inauguração.

Jonir doou uma obra do seu acervo pessoal que se refere ao tema e foi criada em 1999.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pela protagonista curadora da mostra Marilena Grolli e também músicos, atores e outros artistas que participaram do ato é a valorização do índio e sua cultura. Veja a frase que finaliza a reportagem:

“Temos que valorizar o índio e sua cultura”, finaliza.

Na ordem do texto-enunciado, podemos perceber como a semântica global pontua a valorização do índio e sua cultura. No interdiscurso, identificamos os espaços discursivos da exposição “Arte Terra Vermelha”, do ato em defesa dos guarani kaiowá, da participação de artistas locais na manifestação e no evento da Morada dos Baís, a promoção de um leilão com as obras criadas durante o ato em do ato em defesa dos guarani kaiowá e da arrecadação de dinheiro, roupas e alimentos em prol da causa indígena. Observando as Formações Discursivas associadas a certas Formações Ideológicas é possível afirmar que apesar de a maioria dos trechos da matéria passarem a impressão de enaltecimento do índio e sua cultura, sua finalização aponta um certo descaso com a temática indígena tentando igualar sua importância com quaisquer outras espécies de manifestações, como contra o preconceito, violência entre outros. Além disso, são os artistas participantes do evento que mediam a discussão sobre a temática cultura indígena, sendo que o jornal O Estado MS não dá voz a personagens indígenas e não é apresentado nenhum aprofundamento acerca dos objetivos do ato em defesa dos guarani kaiowá, mencionado na matéria.

3.1.4 *Poeta do Pantanal*

A reportagem *Poeta do Pantanal* (Ver Anexo D), publicada no dia 5 de agosto de 2013 na capa da editoria *Artes & Lazer* do jornal *O Estado MS*, traz como tema divulgação de um livro de poesia de um poeta do Pantanal, de nome Acelino Ferreira Lima, conhecido como Chumbo Grosso. Ele é apontado como um personagem analfabeto que para conseguir realizar seu sonho de publicar suas poesias, precisou da intermediação de sua sobrinha, da Fundação de Cultura de Ladário e da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania de Corumbá.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Os protagonistas da matéria são o poeta Acelino Ferreira Lima, o Chumbo Grosso, que pretende lançar seu primeiro livro de poesias, a professora Jane Contu, a Superintendente da Casa da Cidadania de Ladário, que está com a obra original nas mãos, a sobrinha do poeta

Maria Cláudia, que passa para o papel a obra poética do tio, a Fundação de Cultura de Ladário que busca recursos para o lançamento da obra do poeta pantaneiro e a Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania que patrocinou o livro “Histórias de Vida” por meio do projeto Conviver, cedendo uma página para idosos da região contar sua história, entre eles, o poeta Chumbo Grosso.

O antagonista é inexistente.

Regra 2: Estado de problema para os protagonistas, é conseguir recursos para a publicação do livro do poeta Chumbo Grosso. Ele pode ser visualizado pelos seguintes trechos:

Não sabe ler nem escrever. Mas no dia 29 de agosto, quando completar 77 anos, Acelino Ferreira Lima, o Chumbo Grosso, pretende lançar seu primeiro livro de poesias.

Para isso ele também conta com o apoio da Fundação de Cultura de Ladário, que busca recursos para seus livros, com um projeto dentro da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: passar para o papel a obra poética de Chumbo Grosso e ter seu trabalho reconhecido. Este aspecto pode ser observado nos trechos seguintes:

Os originais já estão nas mãos da professora Jane Contu, superintendente da Casa da Cidadania de Ladário, cidade de 20 mil habitantes, no coração do Pantanal, a 411 km da Capital.

Tampouco sequer sonhava vê-las publicadas. Só agora, após muitas décadas, Chumbo Grosso conseguiu realizar o desejo de ter os versos escritos, graças ao apoio de uma sobrinha, Maria Cláudia, que passa para o papel quase toda a produção poética do tio.

“Meu trabalho está sendo reconhecido e minha vida está mudando, até pessoas importantes estão me parando na rua”, conta o pantaneiro, solitário morador de uma casa na rua Riachuelo, centro de Ladário.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: uma ação apresentada pelo protagonista Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania foi a publicação do livro “Histórias de Vida”, do qual o poeta Chumbo Grosso participou.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da matéria, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. A ação apresentada pelo protagonista Fundação de Cultura de Ladário é a busca de recursos para o lançamento do livro. Observe o trecho seguinte:

Para isso, ele também conta com o apoio da Fundação de cultura de Ladário, que busca recursos para seus livros com um projeto dentro da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista Chumbo Grosso é a valorização da poesia pantaneira, produzida por uma pessoa da região e por meio da sua obra arrancar sorrisos dos leitores e expectadores. Acompanhe a conclusão da narrativa nos trechos abaixo:

A vida de melancolia ficou para trás, porém, agora seus versos refletem grande parte da dor que passou, e também podem arrancar sorrisos, em poesias como Maldita Cachaça.

Na sombra de uma grande figueira à beira do Rio Paraguai, no porto de Ladário, Chumbo Grosso ajeita o chapéu, o berrante e o laço vermelho preso ao pescoço, e faz o que mais gosta ao declamar poesias para um grupo de amigos na loja de artesanato da amiga Néia.

Na ordem do texto-enunciado, podemos perceber como a semântica global apresenta a valorização da poesia pantaneira. No interdiscurso, identificamos no espaço discursivo da busca de recursos para a publicação da obra poética do poeta Chumbo Grosso, da vida difícil que o pantaneiro sempre levou, da dificuldade de acesso à educação, do conformismo com a condição de analfabeto, das atividades culturais da qual o poeta participa na região que mora e do reconhecimento da arte poética do pantaneiro. Considerando que essas Formações Discursivas associadas a certas Formações Ideológicas é possível apreender afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal, *Correio do Estado*, nesta matéria específica, se filiam a uma Formação Ideológica hegemônica acerca do símbolo identitário “pantaneiro”, sob o prisma do discurso do fazendeiro, assim como apontado pelo teórico Álvaro Banducci (2007) anteriormente. Apesar de ter como tema principal a cultura poética pantaneira, o discurso do poeta pantaneiro é elaborado de forma restrita representando o personagem com uma identidade que não é capaz de se articular com outras instâncias externas para ser reconhecido e alcançar legitimidade e que necessita da ajuda de mediadores para realizar suas aspirações. Na matéria o pantaneiro reafirma sua identidade por meio do apego aos valores e costumes pastoris e só é reconhecido como por meio de um outro, que no caso são as instituições municipais, que se apropriam do discurso acerca da identidade pantaneira legitimado além do universo pastoril.

3.1.5 Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues

A matéria *Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues* (Ver Anexo E), publicada no dia 1º de abril de 2012 na capa da editoria *Correio B* do jornal *Correio do Estado* traz como tema uma solenidade realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul para comemorar seu 34º ano de fundação inaugurando o Salão Nobre José Barbosa Rodrigues. A seguir é possível observar como essa matéria narra o posicionamento do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul acerca da questão da identidade sul-mato-grossense.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Protagonista: O protagonista da matéria é o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, uma vez que esse locutor é autorizado e legitimado pelo jornal para dizer o que diz e o foco da narrativa incide sobre a instituição.

Antagonista: o antagonista da matéria é inexistente.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, é não deixar que a história do Estado se perca. O trecho destacado demonstra isso:

“Este salão tem como principal objetivo não deixar que a história do Estado se perca. Há anos estudamos e pesquisamos a história de Campo Grande e Mato Grosso do Sul. Neste momento nos voltamos para a nossa própria trajetória”, descreve Hildebrando.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado pelo antagonista: garantir o fortalecimento da cultura regional e o desenvolvimento do Estado. Observe o trecho seguinte:

Segundo ele, a escolha do nome do professor, pesquisador e jornalista José Barbosa Rodrigues se deve à importância que ele teve para o fortalecimento da cultura regional e às contribuições que fez para o desenvolvimento do Estado.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelo protagonista para solucionar o problema recaem sobre o fato da inauguração do Salão Nobre José Barbosa Rodrigues que representa a comemoração da guarda da história de Mato Grosso do Sul. Por meio do próximo trecho é possível visualizar essa trajetória:

Fundado em 1978, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) assumiu o papel de guardião da memória do Estado desde sua divisão, realizada um ano antes de sua fundação.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da matéria, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. As ações apresentadas pelo protagonista para possibilitar o alcance do objetivo de não deixar que a história do Estado se perca são as seguintes: a construção de material bibliográfico, como a série “Memória Sul-mato-grossense”, o trabalho de professores e pesquisadores ligados à diversas instituições do Estado, a existência de associados honorários e correspondentes, a composição de um mapa reduzido do Estado que serve como um centro de informações sobre o relevo, hidrografia, estradas, cidades, vilas, entre outros elementos que compõem o Estado e

a criação de uma Enciclopédia de Mato Grosso do Sul, com conteúdo de diversas áreas que poderá ser acessado por meio da internet.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista e que a reportagem sugere é o da honra de participar de uma instituição que conquistou uma importância fundamental para o fortalecimento da memória e cultura do Estado. A conclusão da narrativa exaltando o valor da honra é comprovada pelos seguintes textos:

Representando a família, o diretor do *Correio do Estado*, Marcos Fernando Alves Rodrigues, afirmou que é uma honra ver o trabalho do avô ser reconhecido por uma instituição a qual ele foi um dos fundadores e que conquistou importância fundamental para o fortalecimento da memória e cultura do Estado. “Ele se empenhou para o crescimento do Estado desde seus primeiros instantes”, considerou.

No espaço reformado e bem iluminado, que conta com duas salas térreas no prédio histórico localizado na Esplanada da Ferroviária, foram afixados sete quadros. Três trazem retratos de associados honorários do IHGMS, responsáveis pelo crescimento da entidade. Lá estão o prefeito Nelsinho Trad, o governador André Puccinelli e o empresário Ueze Zahran. Em outra parede foram colocados outros quatro retratos, que evocam os quatro presidentes do instituto. Paulo Coelho Machado, José Barbosa Rodrigues, Acyr Vaz Guimarães e, finalmente, o presidente atual, Hildebrando Campestrini.

“É uma honra ter nossa imagem imortalizada em um espaço de fundamental importância para nossa cidade e nosso Estado. Deste modo, pontuamos esta história de maneira cada vez mais séria” – André Puccinelli, governador

“Tudo começou com as negociações com os responsáveis pela rede ferroviária, que cederam esse espaço. Cidade sem história é cidade sem alma, por isso o IHG/MS é fundamental para nossa cidade” – Nelsinho Trad, prefeito de Campo Grande

“Meu avô sempre lutou por Campo Grande e pelo Mato Grosso do Sul. Seus feitos são reconhecidos por meio de ações como essas, que iluminam a memória” – Marcos F. Alves Rodrigues – diretor do *Correio do Estado*.

A matéria *Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues* é apresentada na perspectiva do protagonista e destaca o objetivo do IHGMS em não deixar a história do Estado se perder. As escolhas lexicais e o estatuto que o locutor/jornal confere ao protagonista permitem selecionar palavras e expressões de cunho positivo às ações da instituição cultural. Isso explicita o posicionamento favorável do jornal às ações do IHGMS que assumiu segundo a matéria o papel de guardião da memória do Estado desde sua divisão. Aponta de modo persuasivo que o jornal empreende para convencer seu destinatário a legitimar seu dizer: destaca falas que exaltam as realizações da instituição para o fortalecimento da cultura regional e para o desenvolvimento do Estado. Existe o espaço discursivo do ambiente da solenidade valorizando-se a presença das autoridades locais e a formação discursiva das ações realizadas pela instituição cultural.

Considerando que essas Formações Discursivas se associam a Formações Ideológicas determinadas, que também estão conectadas a posicionamentos específicos numa formação social, é possível afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal *Correio do Estado*, nesta matéria específica, se filiam à Formação Ideológica hegemônica da cultura sul-mato-grossense. Esse tratamento cultural dado a essa notícia evidencia o pensamento hegemônico disseminado entre as autoridades locais e especialmente pelo jornal *Correio do Estado*, propriedade da família de um dos fundadores do IHGMS. A matéria destaca-se apenas a representação deste um grupo cultural/identitário hegemônico dominante em Mato Grosso do Sul.

3.1.6 Cotidiano Terena em vídeos e fotos

A matéria *Cotidiano Terena em vídeos e fotos* (Ver Anexo F), publicada no dia 6 de agosto de 2012 na página 3 da editoria *Correio B* do jornal *Correio do Estado*, traz como tema o projeto *Vucapanávo, vamos em frente*, que expõe as riquezas culturais dos índios Terena por meio de vídeos e fotografias, realizados por professores indígenas durante oficinas de mídia e tecnologia, em favor da cultura.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Os protagonistas da matéria são a jornalista e produtora visual Naíne Terena de Jesus, idealizadora do projeto “Vucapanávo, vamos em frente”, que promoveu uma exposição de vídeos e fotos com temática indígena e os professores que produziram o material nas oficinas realizadas nas aldeias.

Antagonista: o antagonista da matéria é inexistente.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista é o desconhecimento da realidade dos indígenas. Ele pode ser visualizado no seguinte trecho:

“O objetivo é mostrar essa cultura para a população, que mesmo morando tão perto, não conhece a realidade dos indígenas”, ressalta Naíne.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: promover a difusão do conhecimento da cultura indígena para a população local.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelos protagonistas são a realização da exposição de vídeos e fotos com a temática indígena, a capacitação dos professores por meio das oficinas de mídia e tecnologia a favor da cultura, a distribuição de bolsa auxílio para os professores e distribuição do material produzido para escolas indígenas da região. Essas ações são evidenciadas pelos trechos abaixo:

Ela explica que estarão em exposição 25 fotografias e cinco vídeos, apresentando detalhes do cotidiano das comunidades Terenas.

Todo material foi produzido por professores das aldeias Limão Verde, Bananal, Ipegue, Lagoinha e Água Branca.

Para produzir o material que estará em exposição, a jornalista percorreu as aldeias capacitando os professores. “As oficinas tinham como objetivo a compreensão da mídia e da tecnologia em favor da cultura”. A partir disso, os próprios professores escolheram os temas de seus vídeos e fotografias, e começaram a registrar momentos cotidianos das aldeias.

Além de despertar o interesse dos estudantes Terena acerca da própria cultura, o “Vucapanávo” também gera renda para os professores, por meio de bolsa auxílio, e distribui material produzido para as escolas indígenas da região.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da reportagem, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. A ação apresentada pela protagonista é a realização da exposição na Fundação de Cultura de Aquidauana e em escolas do município. Observe o seguinte trecho:

Os trabalhos estarão expostos na Fundação de Cultura de Aquidauana, das 9h às 12h e das 14h30 às 19h, e tem curadoria de Téo Miranda e Naíne Terena. O projeto também passará pelas escolas do município.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelos protagonistas é a valorização de sua cultura por meio da divulgação de sua história. A conclusão da narrativa destacando essas referências é comprovada pelo seguinte trecho:

Apesar dos estereótipos, os Terenas lutam para manterem seus costumes e sua cultura. Eles também almejam estudar para, dessa forma, ganharem conhecimento sobre como divulgar e perpetuar sua história.

Na ordem do texto-enunciado, a semântica global apresenta a importância do conhecimento da cultura indígena para a população local. No interdiscurso, identificamos no espaço discursivo da exposição de vídeos e fotos, da realização do projeto *Vucapanávo*, *vamos em frente* com suas oficinas, do crescimento da cadeia produtiva cultural e do desejo dos indígenas em estudar para por meio do conhecimento divulgar e perpetuar sua história. Considerando que essas Formações Discursivas associadas a certas Formações Ideológicas é possível afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal, *Correio do Estado*, nesta matéria específica, se filiam a uma Formação Ideológica anti-hegemônica que busca explicar a seu leitor a evidência de representações estereotipadas acerca da cultura e da identidade Terena.

3.1.7 Paraguai: Vizinho Misterioso

A matéria *Paraguai: vizinho misterioso* (Ver Anexo G), publicada no dia 10 de maio de 2013 na capa da editoria *Correio B* do jornal *Correio do Estado*, traz como tema a semana de comemorações de aniversário da Associação Cultural Colônia Paraguaia, localizada na cidade de Campo Grande. Será analisado nessa reportagem, como o povo paraguaio, que reside na capital sul-mato-grossense, é representado por este veículo de comunicação, considerando as Formações Discursivas e as Formações Ideológicas a que o jornal *Correio do Estado* se filia.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

O protagonista da matéria é o locutor / jornal *Correio do Estado*, que deseja que o leitor conheça mais sobre a cultura paraguaia. Isso pode ser verificado por meio da afirmativa do autor na frase: “Às vésperas da comemoração da independência e da comemoração de 40 anos da Associação Cultural Colônia Paraguaia em Campo Grande, a questão ganha importância”. Outro protagonista a se considerar é a Associação Cultural Colônia Paraguaia, que promove diversos eventos para divulgar a cultura paraguaia.

O antagonista da matéria é o Brasil, que desconhece a cultura paraguaia.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, é o desconhecimento acerca da cultura paraguaia pelos brasileiros, ou especificamente pelo leitor brasileiro. Outro problema é que a cultura tradicional paraguaia é cada vez menos consumida pelo jovem brasileiro que prefere a cultura importada. Existe um preconceito em admitir que a cultura paraguaia é rica. Ele pode ser visualizado pelos seguintes trechos:

“Enquanto o Paraguai se volta para a América Latina, o Brasil dá as costas para ele”, descreve o professor Álvaro Banducci, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador das relações culturais na fronteira entre os dois países.

Não é difícil imaginar o espanto do leitor ao saber do evento, pois nada ou quase nada se sabe sobre a cinematografia do país vizinho.

“Eu tive contato com os filmes paraguaios apenas quando estive em Cuba”, argumenta Marinete, que estudou na Escola Internacional de Cinema e TV de país caribenho.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: promover a difusão do conhecimento da cultura paraguaia entre o brasileiros. Este objetivo é comprovado pela afirmação do diretor de cultura da Colônia Paraguaia, Ricardo Cafuri, observado no seguinte trecho da reportagem:

Segundo o diretor de cultura da Colônia Paraguaia, Ricardo Cafuri, nascido em Concepción, ainda é preciso que se conheça a cultura vizinha. “Brasil e Paraguai são mais próximos do que se imagina. Você imagina que 10% da população paraguaia seja brasileira? É um número muito alto”, argumenta.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista é o preconceito de que a cultura paraguaia sofre entre os brasileiros. Isso se verifica nos seguintes trechos:

Do idioma guarani, ainda ensinado nas escolas, aos ritmos como a catchaca, um dos mais populares do país, e danças como a polka, o Paraguai se insere na problemática contemporânea proveniente da globalização mundial: de um lado a cultura tradicional, consumida cada vez menos por jovens, de outro, a cultura importada.

“Não é apenas a questão do idioma, mas toda uma imagem que se criou por aqui e que vê o Paraguai como atrasado”.

“Assim, instaurou-se um preconceito enorme. Acabamos desdenhando expressões culturais muito ricas e viramos as costas para os nossos vizinhos”, comenta o pesquisador.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelo protagonista Colônia Paraguaia para solucionar o problema são os eventos promovidos pela instituição para as comemorações de aniversário da Independência do Paraguai e dos 40 anos de fundação da Colônia Paraguaia. São eles: jantar, churrasco dançante e solenidade na Assembléia Legislativa, Mostra de Cinema do Paraguai que acontece no Museu da Imagem e do Som.

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da matéria, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. As ações apresentadas pelo protagonista locutor/jornal *Correio do Estado* para promover a divulgação da cultura paraguaia são o fortalecimento cultural por meio de investimentos públicos e a promoção da integração cultural. Isso pode ser comprovado nos seguintes trechos:

O resgate da autoestima e de uma identidade paraguaia ganharam força com a comemoração do bicentenário da independência, em 2001.

Talvez com o fortalecimento cultural, se torne mais fácil os brasileiros voltarem a atenção para esses hermanos. Pode ser difícil, mas a integração ainda parece um caminho fundamental para esse gigante da América do Sul.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista locutor/ jornal *Correio do Estado* é a valorização das referências latino americanas, incluindo-se a identidade paraguaia. A conclusão da narrativa exaltando essas referências é comprovada pelo seguinte texto:

“Mas existe essa diferença. O Paraguai, ao contrário do Brasil, ainda é muito influenciado pelos países latinos”, explica Banducci. Referências que são muito fortes para eles, inexistem no Brasil.

Na ordem do texto-enunciado, podemos perceber como a semântica global trabalha, limitando a organização narrativa e o sentido que nela é construído segundo o projeto de fala do locutor: apresentar a importância do conhecimento da cultura paraguaia pelos brasileiros.

Já em relação ao interdiscurso, identificamos no espaço discursivo das comemorações de aniversário da Colônia Paraguaia e Dia da Independência, as formações discursivas da falta de conhecimento da cultura paraguaia pelos brasileiros e do preconceito que o país sofre entre os brasileiros. Considerando que essas Formações Discursivas associadas a certas Formações Ideológicas é possível afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal, *Correio do Estado*, nesta reportagem específica, se filiam a uma Formação Ideológica anti-hegemônica que visa explicar a seu leitor a evidência de representações estereotipadas acerca da cultura e da identidade paraguaia. Porém essa tentativa não se dá de forma eficiente pelo fato de serem utilizados termos expressões da língua espanhola em detrimento do uso da linguagem originária do país que é o guarani. O advérbio presente na matéria no trecho “Do idioma guarani, ainda ensinado nas escolas” também passa a ideia de atraso.

3.1.8 Na boca do povo

A matéria *Na boca do povo* (Ver Anexo H), publicada no dia 23 de fevereiro de 2012 na capa da editoria *Correio B* do jornal *Correio do Estado*, traz como tema as lendas do Pantanal. Nela, ribeirinhos da Ilha do Mato Grande contam sobre as visões de figuras míticas que são transmitidas por gerações. Será analisada nessa matéria, como a identidade pantaneira ribeirinha é representada por este veículo de comunicação.

Regra 1: Identifique dois personagens, o protagonista e o antagonista.

Os protagonistas da matéria são o locutor / jornal *Correio do Estado*, que deseja que o leitor entenda o modo de vida daqueles que vivem no Pantanal e as histórias míticas da região, o professor e pesquisador do Curso de Geografia da UFMS, Aguinaldo Silva, que considera importante preservar as lendas nas comunidades ribeirinhas e a professora e pesquisadora Marivaine da Silva Brasil, que sempre acreditou nas histórias contadas por seu pai. Isso pode ser verificado por meio da seguinte afirmativa:

Dentre os vários privilégios de visitar o Pantanal e entender o modo de vida daqueles que lá vivem há décadas, está a possibilidade de conhecer histórias deslumbrantes sobre as figuras míticas da região.

O antagonista é inexistente.

Regra 2: Estado de problema para o protagonista, é que a ciência pode até discordar da existência das figuras míticas mas reconhece os episódios que levaram a população ribeirinha a acreditar nestas figuras. Note o seguinte trecho:

A ciência pode discordar da existência do minhocão, mas reconhece os episódios que levaram a população ribeirinha a acreditar na existência da figura.

“O Rio Paraguai, em virtude do seu curso natural, vai solapando as margens do rio, ou seja, vai derrubando as suas margens. Esses terrenos erodidos se caracterizam como verdadeiras armadilhas para a população, principalmente para as crianças, criando inclusive o risco de os ribeirinhos perderem suas moradias” explica o professor e pesquisador do Curso de Geografia da UFMS, Aguinaldo Silva.

Regra 3: Estado-objetivo desejado pelo protagonista e não desejado ou causado pelo antagonista: preservar as lendas dentro das comunidades ribeirinhas. Ele pode ser observado nos trechos abaixo:

De acordo com o professor, é importantíssimo preservar esse tipo de lenda dentro das comunidades, pois são elas que verificam de perto e têm a possibilidade de relatar os acontecimentos.

Regra 3.1: Estado-objetivo desejado pelo antagonista e não desejado pelo protagonista: inexistente.

Regra 4: Trajetória, de acordo com a ação do protagonista, movimentando-se do estado de problema para o estado-objetivo: as ações apresentadas pelos protagonistas são ouvir os ribeirinhos contando os causos e não duvidar das histórias contadas por eles. Os trechos abaixo evidenciam isso:

Ouvir ribeirinhos contando causos fantásticos envolvendo essas figuras e perceber no olhar deles o quanto acreditam naquilo que relatam é uma experiência gratificante.

A professora e pesquisadora Marivaine da Silva Brasil, bióloga doutora em fitotecnia, cresceu ouvindo o pai, comandante experiente de navios, contar que via cenas inexplicáveis no Rio Paraguai, que ele atribuía ao minhocão. “Não tenho como duvidar da palavra do meu pai. Cresci ouvindo ele, que era da marinha mercante, contar que tinha visto o minhocão no Rio Paraguai. Por que ele inventaria isso?”

Regra 5: Ações do antagonista que se apresentem como um obstáculo ou desvio da trajetória planejada pelo protagonista: inexistente.

Regra 6: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do protagonista definido na regra 3: esse estado de transição é apresentado apenas no final da reportagem, quando há a exposição das ações propostas pelo protagonista. A ação apresentada pelo protagonista professor e pesquisador, Aguinaldo Silva, é nunca duvidar das histórias contadas pelos ribeirinhos. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho:

“Nunca deixei transparecer dúvidas em relação a qualquer história contada por eles. Nas minhas pesquisas, de campo, estímulo o relato dos moradores da região e fico feliz em conhecer as explicações deles para os fatos”.

Regra 6.1: Estado de transição que, decisivamente, possibilite ou impossibilite o alcance do objetivo do antagonista definido na regra 3.1: inexistente.

Regra 7: Estado terminal no qual os valores desejados pelo protagonista sejam claramente opostos aos do antagonista. O valor desejado pelo protagonista professor e pesquisador é o da preservação destas lendas dentro das comunidades ribeirinhas. A conclusão da narrativa evidenciando essa referência é comprovada pelo seguinte texto:

De acordo com o professor, é importantíssimo preservar esse tipo de lenda dentro das comunidades, pois são elas que verificam de perto e têm a possibilidade de relatar os acontecimentos.

Na ordem do texto-enunciado a semântica global apresenta a importância da preservação das lendas pantaneiras dentro das comunidades ribeirinhas. No interdiscurso, identificamos os espaços discursivos das lendas do minhocão, do neguinho do pastoreio, do curupira, do reconhecimento da ciência dos episódios que acontecem que levaram a população ribeirinha a acreditar na existência das figuras míticas e do agenciamento de vozes dos ribeirinhos que dão testemunho da crença nas histórias. Considerando que essas Formações Discursivas associadas a certas Formações Ideológicas é possível apreender afirmar que as Formações Discursivas apresentadas pelo locutor/jornal, *Correio do Estado*, nesta matéria específica, se filiam a uma Formação Ideológica hegemônica acerca do símbolo identitário “pantaneiro”, sob o prisma do discurso do fazendeiro, assim como apontado pelo teórico Álvaro Banducci (2007) anteriormente. Apesar de ter como tema principal valorização da preservação da cultura pantaneira ribeirinha, a matéria apresenta somente a perspectiva exótica e fantástica nas formações discursivas, ou seja, os personagens que agenciam as vozes ribeirinhas são representados de maneira totalmente desconectada da sociedade moderna racional. Na matéria, a ciência discorda da existência das figuras míticas, mas os pesquisadores excluem o senso crítico, apelam para o sentimentalismo irracional e se sentem felizes com as explicações da população ribeirinha para os fatos.

3.2 Aplicando noções propostas por Dominique Maingueneau

3.2.1 Heterogeneidade Mostrada Marcada

Por meio do discurso relatado e das palavras entre aspas, serão observados, a seguir, os papéis atribuídos aos personagens nos textos e como acontece o agenciamento de suas vozes pelo locutor. A análise do discurso relatado oferece ferramentas de compreensão acerca do interdiscurso, mais especificamente, evidencia a relação entre o discurso do locutor

e o discurso outro. A maneira escolhida para a citação dos outros discursos revela, ainda, sua fundamentação ideológica.

Para a execução da análise, os textos foram separados pelas temáticas: identidade sul-mato-grossense, representação da identidade indígena, representação da identidade pantaneira e representação da identidade paraguaia.

Acreditamos que desta forma, será possível demonstrar as semelhanças e diferenças de perspectivas nas formações discursivas e ideológicas que cada um dos jornais analisados, *O Estado MS* e *Correio do Estado*, se filiam. A seguir analisamos as matérias com a temática identidade sul-mato-grossense.

Matéria “Memória Coroada” – *O Estado MS*

“São quatro pessoas importantíssimas para o instituto, temos muito o que aprender com os senhores”, afirmou Hildebrando Campestrini, presidente do instituto.

“Não podemos deixar de escrever sobre a história de nosso Estado. E, também é importante que se guarde documentos sobre Mato Grosso do Sul, pois precisamos disso, já que aqui, apesar de ser um Estado recente, é carente de história e estes homens já ajudaram muito nessa parte”, complementa.

Francisco Queiroz de Leal foi o escolhido para falar em nome dos homenageados. Emocionado, se lembrou de momentos vividos na carreira e agradeceu à homenagem recebida. “Ser emérito é um coroamento de uma vida de muita luta intelectual e profissional. Nós contribuimos muito com a cultura do Estado e, temos muita história para contar ainda”, afirma. Estou muito honrado já que sou o guri do quadro, tenho apenas 87 anos, brinca.

Pontes também se sentiu honrado com a posse. “É o coroamento de um esforço em favor da cultura de nosso Estado” acredita.

“São projetos de pequeno, médio e longo prazo. Um que foi retomado agora é sobre o mapeamento hidrográfico do Estado, intitulado ‘Enciclopédia das águas de Mato Grosso do Sul’. É um inventário de todos os corpos de água, como córregos, vazantes, rios, e elementos destes corpos, como portos e ilhas. Já catalogamos 5.300 mil córregos no Estado”, aponta Campestrini.

Campestrini entrou na instituição há 25 anos e, afirma que se você é convidado, não pode negar. “Depois de entrar aqui, a pessoa se envolve muito com os projetos, existem muitas propostas inovadoras”, garante.

“A primeira vez que fui convidada foi no final da década de 90, porém, eu tinha acabado de perder meu pai. Até que no início dos anos 2000, me disseram que era a última vez que me convidavam, então decidi aceitar. Hoje faz parte da minha vida, é muito bom e estimulante”, ressalta.

Matéria “Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues” – *Correio do Estado*

“Este salão tem como principal objetivo não deixar que a história do Estado se perca. Há anos estudamos e pesquisamos a história de Campo Grande e Mato Grosso do Sul. Neste momento, nos voltamos para a nossa própria trajetória”, descreve Hildebrando.

Representando a família, o diretor do *Correio do Estado*, Marcos Fernando Alves Rodrigues, afirmou que é uma honra ver o trabalho do avô ser reconhecido por uma instituição a qual ele foi um dos fundadores e que conquistou importância fundamental para o fortalecimento da memória e cultura do Estado. “Ele se empenhou para o crescimento do Estado desde seus primeiros instantes”, considerou.

“É uma honra ter nossa imagem imortalizada em um espaço de fundamental importância para nossa cidade e nosso Estado. Deste modo, pontuamos esta história de maneira cada vez mais séria” – André Puccinelli, governador

“Tudo começou com as negociações com os responsáveis pela rede ferroviária, que cederam esse espaço. Cidade sem história é cidade sem alma, por isso o IHG/MS é fundamental para nossa cidade” – Nelsinho Trad, prefeito de Campo Grande

“Meu avô sempre lutou por Campo Grande e pelo Mato Grosso do Sul. Seus feitos são reconhecidos por meio de ações como essas, que iluminam a memória” – Marcos F. Alves Rodrigues – diretor do *Correio do Estado*.

Matéria ‘Do Sul, Mato Grosso do Sul’ mostra orgulho de ser MS – *O Estado MS*

“O nome do filme faz alusão a uma questão mais que territorial, até cultural. Todo mundo que é sul-mato-grossense já ouviu pessoas de outros lugares chamando a gente de Mato Grosso”, comenta Flecha. “Na concepção do filme, pensei que isso poderia dar assunto e escrevi o roteiro”.

“O filme é um *bang-bang*, um ‘*western*’ com atores locais e um elenco conhecido na cidade”, completa o diretor.

“No interior de tudo temos essa questão de sentir orgulho da nossa identidade. Sempre que confundem a gente com outro Estado, do qual fomos separados há mais de 20 anos, para os personagens, é como se o sangue ‘subisse’ na cabeça”, afirma Flecha.

“Acabamos de lançar um teaser para apresentar o elenco, e temos certeza de que as pessoas vão se identificar com essa ideia mais próxima do nosso cotidiano”, finaliza o diretor.

“Outra reflexão que fazemos é sobre a utilização dos atores que temos aqui nas produções”, explica Montebranco. “Tem gente que ainda fala que MS não tem atores, precisa olhar com mais carinho, porque temos ótimos artistas por aqui. Tanto que o filme tem elenco local.

“[...] ‘Jacaré’ é um pistoleiro, sim, mas é um homem calmo, inteligente, e educado. Porém até ele perde a calma com as ofensas do grupo rival [...]”, adianta o ator.

Percebe-se nos recortes, que as vozes apresentadas em discurso relatado apontam para uma formação discursiva que promove a valorização da identidade sul-mato-grossense. Tanto o locutor jornal *O Estado MS* quanto o *Correio do Estado* legitimam a ideologia da cultura sul-mato-grossense dando destaque ao trabalho realizado pelos intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, instituição que é apoiada pelas autoridades locais e estaduais. Ou seja, pelo grupo hegemônico que atua em Mato Grosso do Sul e disseminam nos meios de comunicação pesquisados, a formação discursiva da honra em participar deste seletivo grupo que se considera responsável pelo desenvolvimento da cultura campo-grandense e sul-mato-grossense guardando a memória estadual e pesquisando a “verdadeira” história do território sul-mato-grossense.

O Instituto Histórico e Geográfico de MS é legitimado como fonte confiável e de alta credibilidade no meio social de Mato Grosso do Sul. A formação discursiva do filme *Do Sul, Mato Grosso do Sul mostra orgulho de ser MS*, vem ratificar o orgulho da identidade sul-mato-grossense hegemônica, que por meio das afirmativas dos personagens, apontam que a população irá identificar com a ideia que já está imbricada no cotidiano e no imaginário social.

A declaração dos artistas que integram o elenco do filme, na formação discursiva de valorização dos atores locais, também reforça uma identidade sul-mato-grossense para sua classe artística. Para esse grupo cultural hegemônico, a defesa da identidade sul-mato-grossense deve ser considerada uma honra e a população deve se sentir ofendida caso o outro não a reconheça. A seguir foram apresentados os recortes das matérias com a temática identidade indígena:

Matéria “Exposição com temática indígena é inaugurada hoje” – O Estado MS

Segundo a curadora Marilena Grolli, as artes plásticas surgiram como complemento do ato, que já contava com músicos, atores, entre outros artistas. “Os organizadores queriam fazer pintura ao vivo. Eles entraram em contato comigo e eu tive a ideia de fazer um leilão com as obras que fossem criadas durante a manifestação”, afirma.”

“Esta é a primeira exposição, nos outros meses realizaremos diversas outras e daí sim, colocaremos as obras à venda”, aponta Marilena.

“Ainda não sabemos especificamente onde esta renda será revertida, mas será para a causa indígena. No momento a prioridade é a coleta de alimentos e roupas, depois veremos onde há maior necessidade para investir esses recursos”, explica a curadora.

Erika ainda está começando na carreira e vê a mostra como um importante passo. “Uma exposição na Morada dos Baís é sempre importante, ainda mais no começo da carreira”, ressalta.

“Foi muito legal pintar na hora do evento, apesar de estarmos ouvindo sobre o que acontece com os índios. Mas eu senti que estava fazendo a minha parte”, explica a artista.

“Você só vira artista e se consagra fazendo exposição. O jovem artista tem que se engajar nestes movimentos, não importa para que seja, tem que participar, afirma.

“Temos que valorizar o índio e sua cultura”, finaliza.

Matéria “Cotidiano Terena em vídeo e fotos” – *Correio do Estado*

Naíne é a idealizadora do projeto “Vucapanávo, vamos em frente”, que estará em exposição em Aquidauana, de amanhã até sábado, expondo os contrastes e riquezas da cultura dos índios Terenas.

“Vucapanávo...” é um dos projetos selecionados pelo Petrobrás cultural, da edição 2010/2011, e surgiu a partir do áudio documentário “Quem chorará por nós”, também produzido por Naíne.

O objetivo é mostrar essa cultura para a população, que mesmo morando tão perto, não conhece a realidade dos indígenas”, ressalta Naíne.

“As oficinas tinham como objetivo a compreensão da mídia e da tecnologia em favor da cultura”.

“Os temas são variados. Mas todos retratam a cultura e até mesmo a influência do mundo moderno na vida dos indígenas”, explica Naíne.

Mas ela destaca que é muito difícil para os jovens das aldeias conseguirem o diploma universitário. “A maioria faz metade do curso e desiste, devido a problemas financeiros”.

Num primeiro momento, as matérias com temática indígena, apresentam suas vozes favoráveis à formação discursiva da valorização da identidade da cultura indígena. Os jornais/ locutores *O Estado MS* e *Correio do Estado* apontam a importância de se conhecer esta cultura que existe tão próxima da população, mas que permanece desconhecida pela maioria. Entretanto, os indígenas são representados como personagens que necessitam da ajuda do outro, não são capazes de se articularem em outras instâncias sociais e não conseguem reconhecimento de fora independente.

Na matéria “Exposição com temática indígena é inaugurada hoje”, os artistas sul-mato-grossenses é que mediam a manifestação cultural e no final da matéria, a importância do movimento indígena é atenuada ficando diluído na formação discursiva da importância do engajamento dos artistas plásticos em quaisquer movimentos sociais.

A matéria “Cotidiano Terena em vídeo e fotos”, apesar de apresentar uma personagem da etnia Terena, por meio do discurso relatado, no fim do texto jornalístico aponta a formação discursiva das dificuldades que os indígenas enfrentam para se integrarem no mundo social moderno simbolizado pela universidade. Naíne é apontada apenas como uma exceção.

A seguir, acompanhe recortes de matérias que apresentam a temática identidade pantaneira:

Matéria “Poeta do Pantanal” – *O Estado MS*

“Fui criado na escola da vida”, define o poeta pantaneiro. “Meu pai se desentendeu com a minha mãe, então fui aprender a trabalhar desde criança na lida do gado, no machado e na foice, sem nenhum direito assegurado”, acrescenta.

“Talvez, se eu soubesse ler e escrever, não teria o dom de compor e declamar poesias, a gente tem que respeitar a vontade de Deus”, conforta-se.

“Meu trabalho está sendo reconhecido e minha vida está mudando, até pessoas importantes estão me parando na rua”, conta o pantaneiro, solitário morador de uma casa na rua Riachuelo, centro de Ladário.

“Com a música, a tristeza foge, a gente alivia o sentimento, recorda coisas do coração”, ressalta.

“A cachaça é boa, mas não é brinquedo; homem que bebe não guarda segredo; ele dorme tarde e levanta cedo; cuspidito cumprido e arrotando azedo”.

Matéria “Na boca do povo” – *Correio do Estado*

“Tem um conhecido meu que foge do minhocão há mais de 20 anos. Tudo o que ele constrói na beira do rio o minhocão derruba”, conta a ribeirinha Nilza Mariana Arruda, de 50 anos, nascida e criada na Ilha do Mato Grande (Serra do Amolar).

Se o minhocão tem fama de destruidor, o “Neguinho do Pastoreio” (que os ribeirinhos pronunciam “pastorejo”), apesar das peraltices, é considerado bom moço. O ribeirinho Waldemar Magalhães, de 68 anos, conta que a figura é reconhecida como “dona dos animais”. “Quando uma rês desaparece do rebanho e a gente procura, procura e não acha, é só pedir para o Neguinho do Pastoreio que ele traz de volta”.

Segundo o ribeirinho Waldemar, não tem erro: no mais tardar três dias depois, lá está a rês de volta. “Aí a gente acende uma vela para o Neguinho no mesmo lugar, em cima do curral”.

A confiança na figura é tão inabalável, que ninguém mais “perde tempo” procurando bicho perdido no mato.

“Eu não tenho mais a preocupação de sair procurando bezerro morro acima. Eu só peço pro Neguinho e ele traz de volta”, conta Waldemar, garantindo que perdeu as contas de quantas cabeças de gado a figura já trouxe de volta para o pasto.

Mas ele também apronta das suas; por ser o “dono dos animais”, ele se acha no direito de brincar com eles. “Ele é negro e baixinho, parece uma criança. Sempre escuto o assovio dele quando deixo os animais soltos e, no dia seguinte, encontro o cavalo com as crinas trançadas”, conta Olinfa Rodrigues, de 39 anos, relatando o episódio em que o filho, então com 12 anos, deu de cara com a figura. “Ele foi colocar gravetos na fogueira que acendemos para espantar os mosquitos e viu o Neguinho, quieto, parado, entre dois burrinhos. Quando ele viu meu filho, saiu em disparada e sumiu no mato”.

Por falar em crianças, batizá-las ao nascer, em casa ou na igreja, é uma ação importantíssima para os ribeirinhos pantaneiros. Do contrário o “curupira” pode roubá-las.

Olinfa acompanhou um desses “sequestros” quando ainda era criança. “Eu morava no Palmital, do outro lado da serra, e um menino de oito anos, que não era batizado sumiu. Os pais deixavam ele muito sozinho, sabe?”.

“Ninguém entendeu como o menino foi parar lá no meio sem se machucar”, conta Olinfa, que estava junto quando encontraram a criança.

“O Rio Paraguai, em virtude do seu curso natural, vai solapando as margens do rio, ou seja, vai derrubando as suas margens. Esses terrenos erodidos se caracterizam como verdadeiras armadilhas para a população, principalmente para as crianças, criando inclusive o risco de os ribeirinhos perderem suas moradias” explica o professor e pesquisador do Curso de Geografia da UFMS, Aguinaldo Silva.

“Nunca deixei transparecer dúvidas em relação a qualquer história contada por eles. Nas minhas pesquisas, de campo, estímulo o relato dos moradores da região e fico feliz em conhecer as explicações deles para os fatos”.

Assim como no caso da identidade indígena, as reportagens sobre a identidade pantaneira apresentam vozes favoráveis à formação discursiva da importância de sua valorização. Durante a análise foi possível apreender que os jornais/ locutores *O Estado MS* e *Correio do Estado* representam o personagem pantaneiro como uma identidade desconectada do mundo moderno e que vive somente segundo suas tradições.

A formação discursiva dos modos de vida do pantaneiro apontam os personagens como figuras pacatas, conformadas com sua condição, que experimentam apenas a face sentimental da vida. A valorização da identidade pantaneira é somente disseminada na sua perspectiva exótica e fantástica. Para conseguirem sua legitimidade cultural, precisam da mediação dos “experts”, das áreas culturais e sociais como órgão governamentais e universidades, instituições representantes da racionalidade instrumental. As autoridades é que são capazes de promover seu reconhecimento. A seguir analisamos a matéria sobre a temática identidade paraguaia:

Matéria “Paraguai: vizinho misterioso” – *Correio do Estado*

“Enquanto o Paraguai se volta para a América Latina, o Brasil dá as costas para ele”, descreve o professor Álvaro Banducci, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador das relações culturais na fronteira entre os dois países.

“Eu tive contato com os filmes paraguaios apenas quando estive em Cuba, argumenta Marinete, que estudou na Escola Internacional de Cinema e TV de país caribenho.

“Consumimos muita cultura estrangeira, mas todos querem assistir esse filme. É uma grande aposta”, afirma a estudante paraguaia Ayesa Zanotti, de 22 anos.

“Mas existe essa diferença. O Paraguai, ao contrário do Brasil, ainda é muito influenciado pelos países latinos”, explica Banducci. Referências que são muito fortes para eles, inexistem no Brasil.

“Não é apenas a questão do idioma, mas toda uma imagem que se criou por aqui e que vê o Paraguai como atrasado”.

“Assim, instaurou-se um preconceito enorme. Acabamos desdenhando expressões culturais muito ricas e viramos as costas para os nossos vizinhos”, comenta o pesquisador.

“Brasil e Paraguai são mais próximos do que se imagina. Você imagina que 10% da população paraguaia seja brasileira? É um número muito alto”, argumenta.

Nesta matéria específica, “Paraguai: Vizinho Misterioso”, as formações discursivas e ideológicas remetem apenas ao locutor jornal *O Estado MS*. As vozes são favoráveis às formações discursivas da importância do conhecimento da cultura paraguaia pelos brasileiros e da integração cultural entre os dois países. A matéria evidencia ainda a formação discursiva do desconhecimento das expressões culturais do país vizinho e da imagem estereotipada que o brasileiro possui de que o Paraguai é um país atrasado. A matéria apresenta nesse caso uma perspectiva anti-hegemônica utilizando como fonte “*experts*” da área cultural e personagens de identidade paraguaia que buscam esclarecer a imagem equivocada incrustada na mentalidade da população brasileira.

3.2.2 A Cena de Enunciação

No presente subcapítulo, apresentamos as cenas de enunciação de cada reportagem que compõem o *corpus* escolhido, de forma que seja possível a apreensão de uma contextualização sócio-histórica mais ampla.

“Memória Coroadá” - *O Estado MS*

Na matéria “Memória Coroadá” a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso político. O discurso político do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul visa o enaltecimento dos seus associados eméritos por suas contribuições para a instituição e para o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul. As pessoas que participam deste seleto grupo, composto por políticos e autoridades locais e regionais, são homenageadas especialmente por produzirem obras que resguardam a história de Mato Grosso do Sul, que segundo os porta-vozes do instituto, por ser um Estado recente, é carente de história.

A cenografia evoca a solenidade de 35 anos da instituição. Neste espaço, os associados professam autoelogios e se intitulam como atores sociais responsáveis pelo resgate da história, geografia e cultura sul-mato-grossense. A intenção é persuadir o leitor a se convencer da importância desses homens para o desenvolvimento do Estado desde a sua fundação. A cena validada é a da difusão da ideologia da identidade sul-mato-grossense, criada por esse grupo hegemônico.

‘Do Sul, Mato Grosso do Sul’ mostra orgulho de ser MS – *O Estado MS*

Na matéria “Do Sul, Mato Grosso do Sul mostra orgulho de ser MS”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso publicitário do curta-metragem do cineasta Fábio Flecha.

A cenografia remete, assim, como na matéria analisada anteriormente à questão da difusão da identidade sul-mato-grossense e a cena validada utilizada no discurso e impressa na sociedade local e regional é a da dificuldade que as pessoas que vivem em outros estados do Brasil, reconhecerem o território e a identidade sul-mato-grossense.

O autor afirma que a sociedade sul-mato-grossense se identifica com essa problemática e o enredo deste filme *bang-bang* reforça o sentimento de orgulho do ser sul-mato-grossense, figurativizado pela valorização dos atores sul-mato-grossenses. A matéria, assim, visa persuadir o leitor a considerar a importância da identidade sul-mato-grossense.

“Exposição com temática indígena é inaugurada hoje” – *O Estado MS*

Na matéria “Exposição com temática indígena é inaugurada hoje”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso do movimento social indígena. A cenografia alude a diversas manifestações culturais realizadas por artistas locais, que aconteceram entre os anos de 2012 e 2013, entre elas, o ato em defesa dos guarani kaioiwá, que aconteceu na Praça Ary Coelho em novembro de 2012 e a exposição de artes plásticas “Arte Terra Vermelha”, realizada na Morada dos Baís em 2 de abril de 2013.

A cena validada é a da dificuldade de sobrevivência da cultura indígena, que são reforçadas na matéria por meio da arrecadação de dinheiro com a venda das obras feitas durante as manifestações e do recebimento de doações de roupas e alimentos para a causa indígena. A intenção é sensibilizar o enunciário leitor para apoiar a causa indígena.

“Poeta do Pantanal” – *O Estado MS*

Na matéria “Poeta do Pantanal”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso literário da identidade pantaneira. A cenografia remete a episódios do cotidiano vivido pelo poeta pantaneiro Chumbo Grosso que posteriormente são transformadas em linguagem poética. A cena validada é o estereótipo do homem rústico pantaneiro, analfabeto e que não consegue se articular em instâncias externas para conseguir publicar seus versos.

Para realizar o sonho de ter seu primeiro livro publicado ele conta com o apoio de sua sobrinha Maria Cláudia, da professora Jane Contu, da Fundação de Cultura de Ladário e da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania. A matéria visa persuadir o leitor/enunciário a voltar sua atenção para a valorização da identidade pantaneira.

“Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues” – *Correio do Estado*

Na matéria “Instituição homenageia José Barbosa Rodrigues”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso político. A cenografia evoca a sede do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul em uma solenidade de seu 34º aniversário e inauguração do Salão Nobre José Barbosa é Barbosa Rodrigues, cujo homenageado foi um dos fundadores da instituição cultural. O evento é prestigiado por diversos políticos e autoridades locais e estaduais, que na ocasião são homenageados como associados honorários. Os membros do grupo hegemônico, na matéria se consideram os responsáveis pelo desenvolvimento de Mato Grosso do Sul e a instituição cultural assume o papel de guardião da memória do Estado desde a época da sua divisão, ocorrida em 1977. A matéria persuade o leitor/enunciário a concordar com a importância deste grupo hegemônico para o crescimento político, histórico, geográfico e cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

“Cotidiano Terena em vídeo e fotos” – *Correio do Estado*

Na matéria “Cotidiano Terena em vídeo e fotos”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso cultural indígena. A cenografia remete ao projeto “Vucapanávo, vamos em frente” idealizado pela jornalista e produtora visual, Naíne Terena de Jesus, que incentivou a produção de vídeos e fotografias que registraram momentos cotidianos das aldeias Terenas, presentes em Mato Grosso do Sul.

A matéria persuade o leitor/enunciário a voltar seu interesse para a realidade dos indígenas, que são vítimas de estereótipos de atores sociais aculturados, representados pelos não-índios como índios urbanos. A intenção é desmistificar essa crença e mostrar que os indígenas também são capazes de se integrarem ao mundo moderno por meio da mídia e da tecnologia. A cena validada é a do índio cidadão, dono de seu território e conhecedor da sua história.

“Paraguai: vizinho misterioso” – *Correio do Estado*

Na matéria “Paraguai: vizinho misterioso”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso cultural paraguaio. A cenografia alude aos eventos comemorativos de aniversário da Associação Cultural Colônia Paraguaia, existente em Campo Grande. A cena validada é a desmistificação do estereótipo de que o Paraguai é um país subdesenvolvido e atrasado.

A matéria, apresentando uma série de eventos para que o leitor/enunciário conheça a cultura paraguaia promove uma série de reflexões acerca da riqueza das manifestações culturais e identidade paraguaia e persuade o leitor/enunciário a superar o preconceito frente à população do país vizinho e incentivar a integração cultural entre Brasil e Paraguai.

“Na boca do povo” – *Correio do Estado*

Na matéria “Na boca do povo”, a cena englobante é o discurso jornalístico cultural e a cena genérica é o discurso da preservação das lendas das comunidades ribeirinhas pantaneiras. A cenografia alude às crenças que a população pantaneira possui em suas lendas, e destaca episódios fantásticos testemunhados pelos personagens presentes nas matérias.

A cena validada é a de que os visitantes da região considerem um privilégio o contato com esses causos contados pelos moradores das comunidades locais de modo que passem a entender melhor o modo de vida dos pantaneiros. O estereótipo do pantaneiro como homem simples e desconectado do mundo moderno também é reforçado no discurso que destaca a face fantástica do imaginário coletivo da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, por meio da análise de oito matérias jornalísticas, buscou compreender como a diversidade cultural tem sido transformada em narrativa jornalística nos jornais campo-grandenses *O Estado MS* e *Correio do Estado*. A seleção foi feita de modo que fosse possível demonstrar a existência da identidade do ser sul-mato-grossense, a influência até a atualidade do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul na disseminação desse discurso hegemônico acerca da identidade estadual na imprensa local e revelar também as maneiras singulares como a identidade das etnias e dos imigrantes que integram o perfil cultural do estado e da capital tem sido representados no discurso jornalístico cultural local.

Para atingir o objetivo proposto, foram utilizadas como categorias de análise o esquema protagonista-antagonista de organização da narrativa e a identificação de determinadas marcas da heterogeneidade mostrada, entre elas, as palavras entre aspas e o discurso relatado. Focadas nas perspectivas teóricas da Análise de Discurso francesa, por meio do o recorte feito, as análises possibilitaram a compreensão da relação hegemônica que permeia o discurso identitário local e estadual, que destaca a identidade sul-mato-grossense em detrimento da identidade de outras etnias e de imigrantes que integral o perfil cultural do território pesquisado.

As análises evidenciaram que o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, na função de fonte *expert* fundadora e detentora do conhecimento acerca da história e da cultura sul-mato-grossense é uma das principais instituições que disseminam saberes que formadores da identidade sul-mato-grossense. Os jornais locutores, *O Estado MS* e *Correio do Estado*, possuem uma cobertura jornalística semelhante e que promove legitimação da ideologia da cultura sul-mato-grossense, hegemônica, e que tem o apoio das autoridades locais e estaduais.

As vozes dos personagens que representam a cultura local e estadual, entre elas a dos artistas, apresentam uma formação discursiva que persuade o leitor a ter orgulho da identidade sul-mato-grossense. Identidade essa que desde a fundação do Estado de Mato Grosso do Sul, vem sendo difundida pelo grupo cultural hegemônico local e estadual e que já está imbricada no cotidiano e no imaginário da população.

Os jornais/locutores *O Estado MS* e *Correio do Estado* de maneira geral possuem a mesma abordagem sobre a importância de se conhecer a cultura indígena e a cultura pantaneira que existem tão próximas da população, mas que permanecem desconhecidas pela maioria. Os personagens destas categorias culturais representados como atores sociais que necessitam da ajuda do outro, não são capazes de se articular em outras instâncias sociais e não conseguem reconhecimento de forma independente.

As vozes dos movimentos indígenas e da identidade pantaneira são mediadas por *experts*, representados por artistas, instituições culturais ou de assistência social e também universidades, que cumprem o papel de diluir os paradoxos cotidianos causados pelo desconhecimento destas culturas e identidades, e proferem explicações racionais para as manifestações exóticas e fantásticas que as cercam. Ou seja, é somente por meio destes especialistas que as identidades indígenas e a pantaneira conseguem ser reconhecidas.

Os jornais pesquisados nesta pesquisa sobre como se configura a narrativa jornalística acerca da diversidade cultural em Campo Grande, também aderiram ao modelo de cadernização e à utilização de *experts* em sua prática cotidiana, fatos que remetem a premissas de uma racionalidade instrumental. A recorrência a estes *experts*, que no caso desta pesquisa são as autoridades da área cultural que fazem a mediação da “realidade cultural” da Capital e do Estado, auxiliando sua legitimação em instâncias externas, entre estas a jornalística, cria um cenário de reconforto aos enunciatários pesquisados, uma vez que demonstram aos leitores um entendimento esquadrihado que na narrativa solucionam os problemas cotidianos da área cultural de uma maneira racional, fundamentando a difusão da narrativa jornalística nos elementos simbólicos que integram a vida cotidiana moderna.

A perspectiva de que o uso da figura dos *experts* na construção da narrativa noticiosa configura um sistema que abarca amplamente elementos explicativos aos sentidos mais dissonantes dos eventos noticiáveis e que funcionam como categoria específica de agentes sociais capazes de criar um capital simbólico que efetiva a dinâmica de diluição dos *paradoxos* cotidianos não significa que este processo está isento de complexidade. Ela pertence a uma cadeia simbólica que possibilita a transmissão de sentidos hegemonizados. O uso dessas fontes jornalisticamente legitimadas auxilia no distanciamento da narrativa noticiosa dos eventos originais presentes e juntamente com as ferramentas simbólicas que esquadriham e matematizam os fenômenos narrados, conferem um senso hegemônico de racionalidade e de cientificidade aos assuntos em pauta (KOCH, 1990).

Percebemos que a descrição jornalística e “objetiva” de um evento específico é geralmente transformada em um significante socialmente aceito, culturalmente fundamentado. A estética da narrativa jornalística atende assim, a necessidades culturais, sociais e informacionais da sociedade moderna, caracterizada por um contexto hegemônico racional, equilibrado e autossuficiente, e que influencia até mesmo as relações sociais que atribuem sentido à vida cotidiana e estabelecem os padrões culturais. Além disso, o jornalismo, ao produzir efeitos de sentido, legitima contratos comunicativos que se fundamentam nos processos de identificação e de concessão de sentidos explicativos aos *paradoxos* cotidianos. Nessa transação, os sentidos compartilhados entre enunciadores e enunciatários, a atenuação, a identificação, o esquadrinhamento e a diluição dos *paradoxos* cotidianos, em cada sociedade específica acontecem de maneiras diferenciadas. Os efeitos de sentido disseminados pelas notícias deste modo se tornam capazes de elaborar novos efeitos de realidade.

A atividade jornalística moderna se especifica na atualidade pela diminuição do envolvimento dos repórteres com os eventos noticiados. A narrativa é construída por interpretações, investigações e versões originadas de fontes oficiais e/ou socialmente legitimadas. Nesse cenário, os conceitos de “verdade” e de “imparcialidade” são configurados como relatórios operacionais que disseminam a voz de atores sociais determinados sobre momentos e assuntos específicos que atendem aos interesses da mídia. Muitas vezes a versão dos *experts* recebe destaque na narrativa jornalística em detrimento dos próprios personagens diretamente relacionados com os eventos ocorridos. Neste sentido, a “objetividade jornalística”, é decodificada como uma descrição objetiva de abstratas versões oficiais e/ou oficiosas.

A representação acerca da identidade paraguaia foi analisada apenas em uma reportagem do locutor/ jornal *O Estado MS*. A cobertura apresentada favorece as formações discursivas da importância do conhecimento da cultura paraguaia pelos brasileiros e da integração cultural entre os dois países. Ficou evidenciada uma perspectiva anti-hegemônica, que ao explicar o paradoxo cotidiano da cultura paraguaia, buscou elucidar o leitor acerca da imagem equivocada presente no imaginário social da população brasileira. Entretanto, mesmo essa tentativa de elucidação está fundada sobre o silenciamento da identidade linguística paraguaia. Usa-se o termo “Hermanos” em espanhol e não uma expressão em guarani, a língua originária do país. Outro fato a se considerar é que nenhuma das matérias analisadas tratam da questão da diversidade linguística dos grupos étnicos que apareceram nas narrativas jornalísticas.

O presente trabalho não pretendeu fazer julgamentos sobre as opiniões emitidas no *corpus*, e visou apenas a compreensão de como foram articuladas as formações discursivas na perspectiva do interdiscurso. A análise tentou perceber como os sistemas de restrições semânticas globais das Formações Discursiva a que os locutores/jornais O Estado MS e *Correio do Estado* se filiam, atuam nos diversos planos do discurso, criando um efeitos de sentidos.

Vale dizer que ao analisar o contexto histórico-cultural presente é o contrato comunicativo da ideologia da cultura sul-mato-grossense é a que prevalece na cobertura jornalística local e estadual. A complexidade é que os jornalistas culturais já estão inseridos neste padrão cultural abrangente já disseminado no território sul-mato-grossense e muitas vezes não têm consciência da prevalência deste pensamento hegemônico frente à diversidade cultural presente no plano fenomênico onde os eventos culturais acontecem.

Consideramos, ao finalizar esta pesquisa, que os discursos aqui analisados configuram-se como recortes de um abrangente universo discursivo sobre a diversidade cultural sul-mato-grossense. Outros efeitos de sentidos podem ser encontrados por diferentes pesquisadores, oferecendo a possibilidade de ampliar questões culturais advindas de narrativas jornalísticas presentes nos meios de comunicação locais e estaduais. O trabalho presente refletiu as escolhas do analista acerca das questões pré-estabelecidas para o alcance de um objetivo previamente determinado. Contudo novas perspectivas interpretativas, que aqui não foram elencadas, se abrem, uma vez que temos consciência que todo trabalho analítico é sempre realizado por um sujeito sócio- histórico localizado.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Revista Mana, vol.7 no. 2. Rio de Janeiro, Oct. 2001.
- ALVES, Gilberto L. *Índio e “identidade cultural” em Mato Grosso do Sul: o discurso do movimento guaicuru*. In: NUÑES, Angel; PADOIN, Maria Medianeira, OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. Dilemas e diálogos platinos. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.
- AMARILLA, Carlos Magno M. *Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS. Programa de Pós-graduação em História (mestrado), 2006.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos Linguísticos, n.19. Campinas: IEL, Unicamp, 1990, p.25-42.
- _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BANDUCCI Júnior, Álvaro. *Tradição e ideologia: a construção da identidade em Mato Grosso do Sul*. In: MENEGAZZO, Maria Adélia & BANDUCCI JR, Álvaro (orgs). Travessias e limites: escritos sobre identidade e o regional. Campo Grande – MS : Editora da UFMS, 2009. 243 p.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BEAUGRANDE, Robert de. *Text, Discourse and Process: Toward a multidisciplinary science of texts*. Florida: University of Florida, 1980.
- BERTOLLI FILHO, Claudio, TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. *Entre a história e o mito: um enfoque antropológico das notícias jornalísticas*. In: LOSNAK, Célio José, VICENTE, Maximiliano Martin (Orgs.). Imprensa & sociedade brasileira. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Oficinas do Sistema Nacional de Cultura*. Brasília: 2006.

_____. Ministério da Cultura. *Diretrizes para o Plano Nacional de Cultura – 2ª Edição*. Brasília: 2008. 100 p.

BITTONI, Dulcília H. S. *Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura*. In: MARTINS, Maria Helena (org). *Outras Leituras*. São Paulo, Senac/Itaú Cultural, 2000, pp. 55-72

CAMPOS, Carla Leila Oliveira. *Mídia, Discurso e Referenciação: a construção do objeto discursivo guerra no Iraque*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2006.

_____. *O processo de construção das narrativas midiáticas como marca da ideologia no discurso: análise de histórias sobre a criminalidade associada ao tráfico de drogas no rio de janeiro*. 2012. Tese (doutorado) Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. *El discurso de la información: la construcción del espejo social*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

CORREIA, Valmir B. [1995] *Coronéis e bandidos em Mato Grosso: 1889-1943*. Campo Grande : Ed. UFMS, 1995.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, Edusc, 1999.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

FARO, José Salvador. *À flor da pele: narrativas híbridas, cotidiano e comunicação*. Revista Intexto. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.02, n.25, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FULTON, Helen Elizabeth. *Print news as narratives*. In: FULTON, Helen Elizabeth et al. *Narrative and Media*. New York/EUA: Cambridge University Press, 2005. p. 218-244.

GADINI, Sérgio Luiz. *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo - 1940-1950*. São Paulo, Senac, 1998.

GEERTZ, Clifford J. *O Senso comum como um sistema cultural*. In: GEERTZ, Clifford J., *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 9.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

_____, Clifford. *A interpretação das culturas / Clifford Geertz*. 1.ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the New Left*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: Introdução ao estudo da Filosofia e A filosofia de Benedetto Croce*. Vol. 1, 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HALL, Stuart. *Culture, the media and the ideological effect*. In: CURRAN, James, GUREVITCH, Michael, WOOLLACOTT, Janet (Orgs.). *Mass media and society*. Londres: Edward Arnold Editor e Open University Press, 1977.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410p.

KOCH, Tom. *The news as myth: fact and context in journalism*. New York: Greenwood Press, 1990.

LULL, James. *Medios, Comunicación, Cultura*. Buenos Aires, AMORRORTU, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed.

Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Escola francesa de análise do discurso*. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds.). *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 202-203.

_____. (b). *Memória discursiva*. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds.). *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 325-326.

_____. *Doze conceitos em análise de discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MORETTI, Franco. *O Século sério*. Revista Novos Estudos. Cebrap, n. 65, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.

PALMER, Gary B. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: The University of Texas Press, 1999. p. 220-221.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Unicamp, 1975.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. *Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio)*. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, 2006. p. 149-184.

RECLA, Adriana. *A constituição do Ethos no discurso indígena da aldeia Pau-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. São Paulo. PUC, 2009.

SCHUDSON, Michael. *The sociology of news*. New York e Londres: W.W. Norton & Company, 2003.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS), 1995.

_____. *O espetáculo das raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SCWHENGBER, I. de F. Aspectos históricos do jornal Correio do Estado . 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2008. Disponível em: www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1. Acesso em: 16 mar. 2013.

SHOEMAKER, Pamela J.; COHEN, Akiba. *News around the world: Practitioners, Content, and the Public*. New York: Routledge, 2006.

_____; REESE, Stephen D. *Mediating the message: theories of influences of mass media content*. 2. ed. White Plains (NY): Longman, 1996.

SILVA, Marcos Paulo da. *A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana*. 2013. 243f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2013.

SOLEY, Lawrence C. *The news shapers: the sources who explain the news*. New York, Westport, Londres: Praeger Publishers, 1992.

STEINBERGER, Margareth Born. *Discursos Geopolíticos da Mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp: Cortez, 2005.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

UNESCO. *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Brasília: 2006. 32p.

WEINGARTNER, Alisolet A. dos S. *Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889 – 1930)*, Porto Alegre : Edições Est, 1995.

ANEXO

A)

Disputa | Aluna da Capital é finalista em concurso nacional de geografia Página 06

TV | Grazi Massafera fala sobre a maternidade e a novela 'Flor do Caribe' Página 03



o Estado CI
segunda-feira, 8 de abril de 2013
artelazer@oestadoms.com.br
www.oestadoms.com.br

Artes & Lazer





Solenidade em comemoração ao aniversário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul foi realizada na noite de sábado na Capital; além de homenagens, grupo de dança da Colônia Paraguaiense se apresentou no evento

Lucas Arruda

O resgate da história, geografia e cultura sul-mato-grossenses são os objetivos do IHGMS (Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul). Em março deste ano a instituição completou 35 anos e durante a cerimônia de aniversário, que aconteceu neste sábado no Crea (Conselho Regional de Engenharia, e Agronomia de Mato Grosso do Sul), quatro associados efetivos ganharam a honra de se tornarem associados eméritos.

A dança do Baile Folclórico da Colônia Paraguaiense abriu a solenidade, e, com quatro homens e quatro mulheres, encantou a todos os presentes na sessão. Mas a hora mais emocionante da solenidade foi a inauguração do quadro de associados eméritos, homenagem dada a José do Couto Vieira Pontes, Renato Alves Ribeiro, Francisco Leal de Queiroz e Wilson Barbosa Martins, que receberam a honra devido à atuação dentro da instituição, méritos e contribuição para o Estado.

"São quatro pessoas importantíssimas para o Instituto, os senhores", afirmou Hildebrando Campestrini, presidente do Instituto. "Não podemos deixar de escrever sobre a história de nosso Estado. E, também é importante que se guarde documentos sobre Mato Grosso do Sul, pois necessitamos disso, já que aqui, apesar de ser um Estado recente, é carente de história e estes homens já ajudaram muito nessa parte", complementa.

Wilson Barbosa Martins, ex-governador do Estado, foi o único que não compareceu à cerimônia, devido a problemas de saúde. Já que está com 95 anos, Francisco Leal de Queiroz foi o escolhido para falar em nome dos homenageados. Emocionado, se lembrou de momentos vividos na carreira e agradeceu à homenagem recebida. "Ser emérito é um reconhecimento de uma vida de muita luta intelectual e profissional. Nos contribuímos muito para a cultura do Estado e, temos muita história para contar ainda", afirma. "Estou muito honrado, já que sou o guri dos quatro, tenho apenas 87 anos", brinca.

Pontes também se sentiu honrado com a posse. "É o reconhecimento de um esforço em favor da cultura de nosso Estado", acredita.

Memória coroada



Francisco de Queiroz recebe homenagem da diretora-executiva Vera Tyld



Presidente Hildebrando Campestrini entrega placa a Renato Alves Ribeiro

Fundado antes da divisão do Estado, Instituto Histórico e Geográfico resgata trajetória de MS

Focado na história e geografia de Mato Grosso do Sul, a instituição realiza publicação de obras raras, disponibiliza o acervo de livros e pesquisas e dá apoio às atividades culturais de modo geral. Hoje, o Instituto tem diversos projetos em andamento.

"São projetos de pequeno, médio e longo prazo. Um que foi retomado agora é sobre o mapeamento hidrográfico do Estado, intitulado 'Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul'. É um inventário de todos os corpos de água, como córregos, vazantes, rios, e elementos destes corpos, como portos e ilhas. Já catalogamos 5.300 mil córregos no Estado", aponta Campestrini.

A ideia é lançar o livro no dia 22 de março de 2014, quando é comemorado o "Dia Mundial da Água". O presidente também conta que existe a pretensão de realizar a construção do Memorial da Inocência, livro de Visconde



Presidente do Instituto, Hildebrando Campestrini afirma que entidade mantém diversos projetos em andamento

de Taunay, em Paranaíba, criação da Enciclopédia Virtual de Mato Grosso do Sul, desenvolvimento de uma pesquisa sobre as ruas com nomes próprios de Campo

Grande, para saber quem foram as pessoas, entre outros. Todas as obras lançadas estão disponíveis na Sala do Escritor, que fica na sede da instituição.

SERVIÇO - O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul localiza-se na avenida Calígara, 3000, Centro, na Esplanada dos Fenixários. Informações pelo telefone 3384-1654.

Associados devem ser convidados e o trabalho é voluntário dentro da instituição

O corpo de associados do Instituto é formado por diversas categorias: correspondentes, efetivos, honorários, contribuintes, eméritos, entre outros. Atualmente, o número é formado por 40 cadeiras de efetivos, que são os mais participativos nas atividades realizadas.

Campestrini entrou na instituição há 25 anos e, afirma que se você é convidado não pode negar. "Depois de entrar aqui, a pessoa se envolve muito com os projetos, existem muitas propostas inovadoras", garante.

Vera Tyld, diretora-executiva da instituição, lembra que recebeu o convite diversas vezes, mas, devido a problemas pessoais, demorou a aceitar.

"A primeira vez que fui convidada foi no final da década de 90, porém, eu tinha acabado de perder meu pai. Até que, no início dos anos 2000, me disseram que era a última vez que me convidavam, então decidi aceitar. Hoje faz parte da minha vida, é muito bom e estimulante", ressalta.

B)

C6 | o Estado
Mato Grosso do Sul | Sexta-feira, 19 de abril de 2013

Artes & Lazer

Investimento

Governador assina hoje repasses de edital do FIC

Dalane Libero

Com R\$ 2 milhões sendo aplicados em 67 ações culturais, o FIC (Fundo de Investimento Cultural) tem seu repasse assinado hoje às 9h, pelo governador de Mato Grosso do Sul André Puccinelli e pelo presidente da FCMS (Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul), Américo Calheiros. O fundo abrange 16 municípios do Estado.

Segundo o gerente do FIC, Edison Aspet, o próximo passo após a assinatura do repasse é a movimentação dos artistas no recebimento da verba. A documentação do fundo já foi toda entregue, então agora o governador assina os convênios e outorgas, que são os

instrumentos contratuais para o recebimento da verba, similar a um contrato", explica. "Então, com o cronograma estabelecido pelos projetos,

primeira etapa".

Depois da liberação, a FCMS continua próximo ao artista, fiscalizando o uso das verbas. "O Conselho Estadual de Cultura acompanha passo a passo os procedimentos, juntamente com a gerência do FIC", explica. "Se o projeto for de circulação, a gente assiste e segue essa prestação de contas. O fundo é como se fosse um contrato entre instituição e proponente, por isso, os cronogramas são seguidos rigorosamente", finaliza Aspet.

Integração

Coletivo Terra Vermelha realiza eventos na Capital

Hoje é comemorado no país o "Dia do Índio" e a mostra do Coletivo Terra Vermelha, que está acontecendo desde o dia 2 de abril, fará uma programação especial no fim de semana. Teatro, música, atividades para as crianças, rodas de conversa, entre outras apresentações culturais farão parte do evento.

A programação é extensa e acontece durante todo o dia, incluindo às 8 horas com uma sessão de yoga. "Nos temos artistas das mais diversas vertentes enroscadas nas apresentações durante o mês inteiro. Amanhã, inclusive, haverá a sala dos indígenas que vão falar sobre a luta deles",

afirma uma das organizadoras do evento, Myla Barbosa.

Após a sessão de yoga, hoje acontece rodas de conversa e exposição de artesanato indígena. Os shows com Demétrio MC's e Cachorros de Lua serão às 22 horas. Amanhã a programação também começa às 8 horas seguindo pelo dia todo, sendo que as 19 horas começam as apresentações musicais com Ana Cabral, Willie Jr, Wesley Ipê, entre outros. No domingo até as 12 horas, a programação é destinada às crianças.

SERVIÇO - À Morada das Bais fica na esquina da av. Afonso Pena com a av. Noroeste. (LA)

Cinema

'Do Sul, Mato Grosso do Sul' mostra orgulho de ser MS

Produção do cineasta Fábio Flecha aborda a confusão de identidade entre os Estados

Dalane Libero

"Jacaré", "Cuiabano" e "Ceará" são os nomes dos personagens do novo curta-metragem do cineasta Fábio Flecha, "Do Sul, Mato Grosso do Sul", que está em fase de produção final em Campo Grande. "O nome do filme faz alusão a uma questão mais que territorial, até cultural. Todo mundo que é sul-mato-grossense já ouviu pessoas de outros lugares chamando a gente de Mato Grosso", comenta Flecha. "Na concepção do filme, pensei que isso poderia dar assunto e escrevi o roteiro".

O filme foi quase todo feito no bar Coyote, bar estilo "velho oeste" que realiza shows de sertanejo universitário e de raiz na Capital. "O filme é um hangbang, um 'western' com atores locais e um elenco conhecido na cidade", completa o diretor. A história narra a trajetória de um grupo de paulistas que vem até o MS fazer uma negociação ilegal, e na discussão, chamam MS de Mato Grosso. "Ai começa a confusão", pontua. "No interior de tudo temos essa questão



Cineasta da Capital Fábio Flecha criou obra que relembra esteticamente os filmes do estilo western ou faroeste

de sentir orgulho da nossa identidade. Sempre que confundem a gente com o outro Estado, do qual fomos separados há mais de 20 anos, para os personagens, é cabeça", afirma Flecha.

Não é o primeiro filme de ação que Fábio Flecha produz. O cineasta realizou, em 2011, "Fronteira", com direção do ator e produtor David Cardoso, e "Espera", em 2012. Agora, o curta-metragem trata de um tema mais específico, ligado às nossas raízes. "Acabamos de lançar um teaser para apresentar o elenco, e temos certeza de que as pessoas vão se identificar com essa ideia mais próxima do nosso cotidiano", finaliza o diretor.

Elenco de curta-metragem é formado por artistas locais

Parte do elenco, o ator Espedito Di Montebranco da vida a "Jacaré", um dos protagonistas do curta-metragem. "Outra reflexão que fazemos é sobre a utilização dos atores que temos aqui nas produções", explica Montebranco. "Tem gente que ainda fala que MS não tem atores, precisa olhar com mais carinho, porque temos ótimos artistas por aqui. Tanto que o filme tem elenco local".

Na obra, o ator interpreta com nomes como Bruno Moser, Cleber Dias e Jurema de Castro.

Além disso, o artista adianta que seu personagem foge do padrão "matuto, rústico", que costuma classificar e até estigmatizar o sul-mato-grossense, mesmo nos dias de hoje. "Jacaré" é um pistoleiro, sim, mas é um homem calmo, inteligente, e educado. Porém, até ele perde a calma com as ofensas do grupo rival. Daí em diante acontece o clima do filme, um tiroteio no bar", adianta o ator.

O filme entra em produção final nos próximos dias, quando será lançado um trailer ainda. A divulgação principal, já que o filme é independente, será pela internet. O teaser pode ser conferido pelo endereço: www.youtube.com/user/flecha

PROGRAMA CAMARIM LEVANDO ATÉ VOCÊ OS MELHORES SHOWS

Camarim
Por Rodrigo Contrast

Programa "CAMARIM" por Rodrigo Contrast não poderia deixar de estar presente em Aquidauana MS aonde irá acontecer dois belos Shows. Chico Rey & Paraná e Paula Fernandes no próximo sábado dia 20/04. Programa Camarim estará fazendo a cobertura de um dos nomes mais conceituados da música sertaneja Cantora e compositora Paula Fernandes nasceu em Sete Lagoas em Minas Gerais. Começou a cantar ainda criança.

www.PROGRAMACAMARIM.com.br

Em maio de 2012 Paula lançou seu 6º CD, "Meus Encantos", que conta com a participação especial de Zé Ramalho e que em menos de uma semana vendeu mais de 250 mil cópias. E também com a presença deles Chico Rey & Paraná. Com o sucesso nacional fortemente conquistado, Chico Rey & Paraná já realizaram turnê internacional. Levaram a música sertaneja para fora do País. Confira nos próximos programa a cobertura completa feita em Aquidauana MS.



tv com HDTV

CDO produções



Música



Músico Ivan Márcio, considerado um dos melhores gaitistas do país, se apresenta em Bonito e Campo Grande

Gaitista paulista se apresenta amanhã em Campo Grande

Lucas Arruda

Grandes nomes do blues nacional se apresentam em Mato Grosso do Sul no fim de semana. Hoje o show acontece em Bonito, no bar Maideiral, e tem como atrações principais o gaitista paulista Ivan Márcio e o guitarrista Giba Byblos. Também se apresentam o bluesman Zé Pretim. A banda Whisky de Segunda abre o show. Sábado é a vez do Bar Fly receber os músicos, sendo que somente Zé Pretim não participará do show.

Márcio é um músico conhecido da Capital, pois já fez outras apresentações por aqui. "Eu já fui a Campo Grande outras vezes. É um público fanático por blues, participa bastante dos shows. Acredito que não é simplesmente tocar o blues cru, tem que mostrar o en-

tretenimento na música e a Cidade Morena faz isso bem", afirma o músico em entrevista por telefone.

Músico Ivan Márcio é considerado o melhor gaitista de blues do Brasil

Atualmente Márcio é considerado o melhor gaitista do país dentro do estilo Chicago blues e há cinco anos o músico foi mostrar norte-americanos. "Eu tive a oportunidade de tocar em festival internacional com músicos que só via em DVD ou pela internet e isso é incrível", frisa. O gaitista tocou com John McDonald, Michael Coleman, entre outros grandes nomes.

Com mais de 30 anos de carreira, o músico acredita que o espaço para o blues no Brasil só tende a crescer. "O estilo está crescendo cada

vez mais, principalmente por conta da globalização, com a facilidade de as pessoas conhecerem as músicas e artistas, e com isso mais festivais acontecem no país. E bom não só para os músicos, mas também para o público", avança.

SERVIÇO - O Espaço Madeiral fica na rua 15 de Novembro, 615, Centro de Bonito. A entrada antecipada para o evento custa R\$ 15 e pode ser adquirida no local. O Bar Fly fica na rua José Eduardo Rulin, 201, em frente da Unidrop da rua Ceará. Os ingressos antecipados custam R\$ 15 e podem ser adquiridos na Casa do Chef, rua Euclides da Cunha, 350, Centro, na Augusta Life Store, localizada na rua 15 de Novembro, Centro e no Comercial Pazinha, rua Tiradente, 400, Jardim paulista. Na hora o ingresso custa R\$ 20 (até meia-noite) e R\$ 25 (após meia-noite).

C)

C6 | o Estado
Mata Grossa do Baú | 2 de abril de 2013

Artes & Lazer

Artes plásticas

Exposição com temática indígena é inaugurada hoje

Artistas da Capital participam de mostra na Morada dos Baús

Lucas Arruda

Mostrar as atuais dificuldades que os indígenas vivem é o objetivo da exposição "Arte Terra Vermelha", que será inaugurada hoje às 19h30, na Morada dos Baús. Ao todo 20 artistas participam da mostra, grande parte dos quadros que integram a exposição foram criados durante o ato em defesa dos guarani ka'owá, que aconteceu na Praça Ary Coelho, em novembro de 2012. Além da exposição de telas, o evento terá teatro, música, dança indígena, pintura corporal, entre outras manifestações artísticas. A exposição ficará aberta à visitação até o dia 27 de abril.

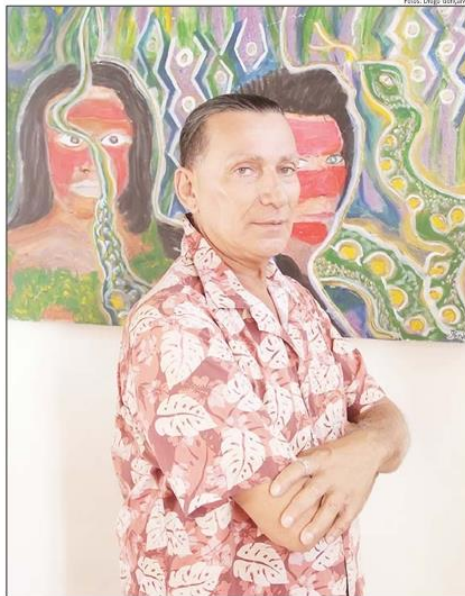
Segundo a curadora Marilena Grolli, as artes plásticas surgiram como complemento do ato, que já contava com músicos, atores, entre outros artistas. "Os organizadores queriam fazer pintura ao vivo. Eles entraram em contato comigo e eu tive a ideia de fazer um leilão com as obras que fossem criadas durante a manifestação", afirma.

Durante este mês, as obras ainda não estarão à venda para que a população possa conhecê-las. "Esta é a primeira exposição, nos outros meses realizaremos diversas outras e daí, sim, colocaremos as obras à venda", aponta Marilena. O destino do dinheiro é a causa indígena.

"Ainda não sabemos especificamente onde esta renda será revertida, mas será para a causa indígena. No momento, a prioridade é a coleta de alimentos e roupas, depois veremos onde há a maior necessidade para investir esses recursos", explica a curadora. Hoje, o grupo estará recebendo doações de roupas e alimentos na inauguração.

Jovens e experientes artistas participam da exposição

Jonir Figueiredo, Andiele Godoy, Cecílio Vera, Daniel Nunes, Erika Pedraza, Monique Merlone, Tetê Irê e Zila Soares são alguns dos artistas que fazem parte da mostra. Erika ainda está começando a car-



Com 40 anos de carreira, Jonir Figueiredo acredita que as artes têm o dever de discutir os problemas contemporâneos



Artista Erika Pedraza começou a carreira nas artes plásticas recentemente e está feliz com a oportunidade de expor

reira e vê a mostra como um importante passo. "Uma exposição na Morada dos Baús é sempre importante, ainda mais no começo da carreira", ressalta.

"Foi muito legal pintar na hora do evento, apesar de estarmos ouvindo sobre o que acontece com os índios. Mas eu senti que estava fazendo minha parte", explica a artista. Para Jonir, que tem mais de 40

anos de carreira, é importante que os artistas participem de qualquer manifestação, seja ela pelos índios, contra o preconceito, violência ou outro assunto pertinente. "Você só vira artista e se consagra fazendo exposição. O jovem artista tem que se engajar nestes movimentos, não importa para que seja, tem que participar", afirma. Jonir doou uma obra

de seu acervo pessoal que se refere ao tema e foi criada em 1998. "Temos que valorizar o índio e sua cultura", finaliza.

SERVIÇO - A Morada dos Baús fica na avenida Afonso Pena, esquina com av. Noroeste e fica aberta de terça a sábado das 8 às 18 horas e domingo das 9 às 12 horas. Outras informações pelo telefone 3314-3232.

Integração

Sarau Cultural será hoje na Capital

Hoje, a partir das 19 horas, o primeiro "Sarau Cultural" de 2013 será realizado no Centro Cultural José Otávio Guizzo. Música, poesia, dança e teatro fazem parte do evento, que está em sua 23ª edição. Além dos artistas convidados o Sarau abre espaço para intervenções do público. A entrada é gratuita.

Os Trovadores do Tempo, Cia. das Artes, Dança Flamenca com as alunas da professora Maria Helena Petengil e música com o instrumentista Ivan Cruz e a flautista Camila Souza, estão com participação confirmada no evento. "É muito interessante participar de um evento como este, já que podemos levar arte para a população gratui-



Evento reúne diversas apresentações gratuitas de música, dança e teatro

tamente, além de mostrar o trabalho das minhas alunas, que, na maior parte, estão começando. Assim elas pegam experiência", afirma Maria.

O grupo Trovadores do Tempo nasceu em 1998 e hoje é formado por Miska, Adriane Carção, Daniel Nogueira e Simone Vieira. A Cia. das Artes apresentará o espetáculo "Luz e Magia". Ivan Cruz faz parte do "Choro Opus Trio", que desenvolve um trabalho de resgate e registro do choro e Camila Souza já lecionou na Escola de Música Tum Maior. (LA)

SERVIÇO - O Centro Cultural José Otávio Guizzo fica na rua 26 de Agosto, 456. Centro. Outras informações pelo telefone 3317-1795.

Museu

Ex-prefeito de Ouro Preto vai presidir Ibram

Folhapress

Angelo Oswaldo de Araújo Santos, ex-prefeito de Ouro Preto (MG), foi indicado pelo Ministério da Cultura para presidir o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), órgão responsável por políticas públicas na área de museus que foi criado há quatro anos.

Araújo Santos, que já foi presidente do Instituto do

tico Nacional (Iphan), órgão antes responsável também pelos museus do país, substitui o antropólogo José do Nascimento Júnior, que criou o Ibram e foi exonerado da presidência do órgão pela ministra da Cultura, Marta Suplicy, em março.

Estreia

Game of Thrones quebra recorde na TV

Na estreia da terceira temporada, ontem, a série "Game of Thrones" foi assistida nos EUA por 4,1 milhões de telespectadores, sua maior média até então.

Os números são 4% superiores no final da segunda

temporada, vista por 4,2 milhões de telespectadores. Se somado a reprises, o retorno do seriado épico chegou a ser acompanhado por 6,7 milhões, audiência 7% maior que a abertura da segunda temporada. (Folhapress)

Ícone

Escritor Oscar Wilde dá conselhos em carta

Uma carta escrita pelo irlandês Oscar Wilde (1854-1900), com conselhos a um jovem escritor, foi descoberta na parte de trás de um velho guarda-roupa, na Inglaterra, de acordo com o jornal britânico "The Telegraph".

O documento, com 13 páginas, não está datado, mas estima-se que tenha sido escrito por volta de 1890, quando Wilde se tornava famoso.

Dirigida a um aspirante a escritor cuja identidade ainda não é conhecida, a carta aconselha a não de-

pender da escrita para sobreviver: "O melhor trabalho na literatura é sempre feito por aqueles que não dependem dela para ganhar o pão de cada dia", escreveu Wilde.

Juntamente com a carta foi encontrado o primeiro rascunho do soneto "The New Remorse" ("O novo remorso"), publicado por Oscar Wilde sob outro título em 1887.

Os dois documentos pertenciam ao dono de uma cervejaria vitoriana que, ao longo dos anos, recolheu cartas autografadas e manuscritas. (Folhapress)

Lollapalooza

Bandas tradicionais são destaque em festival

Agência Estado

Não houve surpresas. Uma aposta segura nos pilares do rock venceu o páreo no Jockey Club, neste fim de semana. De grunge a garage, passando pelo southern rock, a narrativa campeã do Lollapalooza 2013 foi protagonizada pela guitarra, aquela fiel escudeira, sempre confiável quando o assunto é rock.

SERVIÇO - A Morada dos Baús fica na avenida Afonso Pena, esquina com av. Noroeste e fica aberta de terça a sábado das 8 às 18 horas e domingo das 9 às 12 horas. Outras informações pelo telefone 3314-3232.

Com um fôlego aparentemente eterno, Eddie Vedder recriou mais uma vez a efervescência grunge de sua banda para o delírio das gerês. O batido The Hives, que não lança um bom disco há tempos, redimiu-se antes do Pearl Jam, lançando um blitzkrieg de garage rock

sobre a multidão. Canções curtas e explosivas foram intercaladas pela cômica interação do líder Howlin' Pelle Almqvist, que chegou a declarar "esta noite, eu sou o seu líder espiritual" à platéia. The Killers garantiram a catarse de guitarras indie, e sem fúria, Alabama Shakes foi a peça retrô mais significativa do evento.

Do mesmo tempo, a escalada de sons há tempos consagrados engessou o evento, apostas em "novidades" modernas, como o indie pop padrião do Two Door Cinema Club, feito para ser trilha de comerciais da Apple, pareceram fruto de uma pesquisa publicitária.

A culpa é dividida com o público brasileiro, que não compra ingressos para um festival, e sim, para determinados shows (vide o último dia do Lolla, que teria esgotado mesmo se a única apresentação fosse a do Pearl Jam).



Apresentação da banda Pearl Jam encerrou o festival Lollapalooza

D)



Moda | Perfeito para o verão e o inverno, blazer conquista espaço entre as mulheres *Página 08*



'Amor à Vida' | Mateus Solano fala sobre a nova fase de Félix *Página 06*

o Estado CI
Segunda-feira,
5 de agosto de 2013
arteelazer@oestadoms.com.br
www.oestadoms.com.br

Artes & Lazer

Poeta do Pantanal

Mesmo sem saber ler e escrever, Chumbo Grosso dá exemplo de superação ao preparar primeiro livro de poesias

Nelson Urt
Corumbá

Não sabe ler nem escrever. Mas no dia 29 de agosto, quando completará 77 anos, Acelino Ferreira Lima, o Chumbo Grosso, pretende lançar seu primeiro livro de poesias. Os originais já estão nas mãos da professora Jane Contu, superintendente da Casa da Cidadania de Ladário, cidade de 20 mil habitantes no coração do Pantanal, a 411 km de Capital. Nasceu na Fazenda Paraíso, região da Nhecolândia, no Pantanal de Corumbá, e não soube o que é frequentar uma sala de aula. "Fui criado na escola da vida", define o poeta pantaneiro. "Meu pai se desentendeu com minha mãe, então fui, aprender a trabalhar desde criança na lida do gado, no machado e na foice, sem nenhum direito assegurado", acrescenta.

Da vida sofrida no campo, da angústia e na esperança de dias melhores, surgiu a

inspiração para suas poesias, que ele passou a memorizar e declamar, mas sem a chance de pelo menos escrever e arquivar.

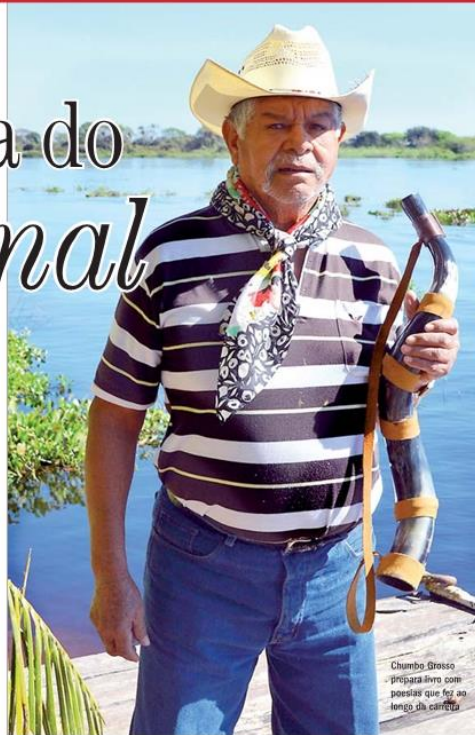
Um pouco sequer se nhava vê las publicadas ó agora, após muitas décadas, Chumbo Grosso conseguiu realizar o desejo de ter os versos escritos, graças ao apoio de uma sobrinha, aia Cláudia, que passa para o papel quase toda a produção poética do tio alveiz, se eu soubesse ler e escrever, não teria o dom de compor e declamar poesias, a gente tem de respeitar a vontade de Deus, conforta-se

Chumbo Grosso confessa que gosta de namorar e dançar em associação

O apelido surgiu na infância, quando os amigos o chamavam de Chumbinho, por ser um menino muito robusto e pesado. Cresceu, virou Chumbão e depois Chumbo Grosso, apelido que jamais recusou e acabou adotando para assinar suas poesias.

Ele conta que desde que se separou da esposa, após 15 anos de casamento, preferiu viver solitariamente, preenchendo a vida afetiva apenas com "um namorico aqui, outro ali", os bailes na Associação dos Aposentados e Idosos e, ultimamente, os eventos culturais em que é convidado para recitar poesias.

"Meu trabalho está sendo reconhecido e minha vida está mudando, até pessoas importantes estão me parando na rua", conta o pantaneiro, solitário morador de uma casa na rua Riachuelo, centro de Ladário.



Chumbo Grosso prepara livro com poesias que fez ao longo da carreira

'Histórias de Vida' rende homenagem a idosos de MS

O livro "Histórias de Vida", recém-lançado pelo Projeto Conviver, da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania, rende homenagem a idosos de diferentes regiões de Corumbá, de Ladário, do alto Pantanal e da Bolívia.

Cada um deles ganhou uma página para contar sua história, entre eles, o poeta pantaneiro Acelino Chumbo Grosso e homens quase centenários como Alício Pecanha, de 98 anos, metalúrgico e um dos fundadores da Associação dos Pensionistas, Aposentados e Pessoas Idosas de Ladário (Aapil), e o boliviano Benito Cabrera, também de 98 anos, nascido em Cochabamba, integrante de uma família de 24 irmãos. (NU)



O livro é um sonho que está bem próximo do pantaneiro. O outro é ver suas poesias musicalizadas e gravadas em CD. "Com a música, a tristeza foge, a gente alivia o sentimento, recorda coisas do coração", ressalta.

Para isso, ele também conta com o apoio da Fundação de Cultura de Ladário, que busca recursos para seus livros com um projeto dentro da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura.

Poesias relembram momentos marcantes e engraçados da vida

A vida de melancolia ficou para trás, porém, agora seus

versos refletem grande parte da dor que passou, e também podem arrancar sorrisos, em poesias como 'Maldita Cachaca'.

Na sombra de uma grande figueira, à beira do rio Paraguai, no porto de Ladário, Chumbo Grosso ajeita o chapéu, o berrante e o laço vermelho preso ao pescoço, e faz o que mais gosta: ao declamar poesias para um grupo de amigos na loja de artesanato da amiga Neia.

"A cachaca é boa, mas não é brinquedo; homem que bebe não guarda segredo; ele dorme tarde e levanta cedo; cuspiu cumprido e arrotando azedo".

Ministério da Cultura

Palco Brasil

O TEATRO MAIS CHARMOSO DA CIDADE

APRESENTAM



GALINHA PINTADINHA: Cadê Popó?

Montagem Original

16 Ago sexta 20h 17 Ago sábado 15h e 18h 18 Ago domingo 15h e 18h

Local: Palco Brasil

Tenda climatizada, montada no estacionamento do Shopping Campo Grande

Ingressos Numerados

SHOPPING CAMPO GRANDE

1º Piso - Informações: 3326-0105

VENDA DE INGRESSOS TAMBÉM POR TELEFONE E INTERNET - ACESSO

COMPREINGRESSOS.COM 67 4062-0018

Patrocínio Local: **Bigolin**

Material de Construção

Produção Local: **PEDRO SILVA PROMOÇÕES**

APOIADORES LOCAIS:

o Estado

Claro

SESI CULTURA

GENTE QUE COOPERA CRESCE

SICREDI

Raviera Motors

Concessionária Autorizada

HOSPITAL SANTAMARINA

bahamas

"O seu hotel em Campo Grande"

Superhagen

Concessionária de Veículos

E)

CORREIO DO ESTADO
DOMINGO, 1 DE ABRIL DE 2012

correio@correiadoestado.com.br

Correio B

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MS



Solenidade. O diretor do Correio do Estado, Marcos Fernando Alves Rodrigues participou da apresentação do quadro de seu avô ao lado de Hildebrando Campestrini

INSTITUIÇÃO HOMENAGEIA JOSÉ BARBOSA RODRIGUES

Em solenidade realizada na manhã de ontem, o instituto inaugurou as salas que compõem o Salão Nobre que leva o nome do professor e jornalista José Barbosa Rodrigues (in memoriam)

THIAGO ANDRADE

Sol e calor marcaram a manhã de ontem, enquanto autoridades se reuniam, por volta das 10h, na sede do Instituto His-

górico do Sul (IHG/MS) para a solenidade de inauguração do Salão Nobre José Barbosa Rodrigues, em comemoração aos 34 anos da entidade. Os ternos, camisas sociais e vestidos dos convidados - entre eles, o prefeito Nelsinho Trad, o presidente do IHG/MS Hildebrando Campestrini, os empresários Uzeze Zahran e Pedro Chaves - destoavam do clima e da descontração que marcaram a cerimônia.

Enquanto aguardavam a chegada do governador André Puccinelli, conversavam entre outros assuntos sobre o antiquíssimo pé de manga que faz parte da propriedade doada pela Prefeitura Municipal para o instituto. "Quando começar a dar frutos, vocês precisam experimentar uma manga daqui. Não vão se arrepender, não tem nada tão doce quanto isso", confidenciou o prefeito dirigindo-se aos convidados e integrantes do IHG/MS, que formavam um pequeno círculo. Instantes depois, o governador chegou e deu-se início às atividades.

No espaço reformado e bem

salas térreas no prédio histórico localizado na Esplanada da Ferroviária, foram afixados sete quadros. Três trazem retratos de associados honorários do IHG/MS, responsáveis pelo crescimento da entidade. Lá estão o prefeito Nelsinho Trad, o governador André Puccinelli e o empresário Uzeze Zahran. Em outra parede foram colocados outros quatro retratos, que evocam os quatro presidentes do instituto. Paulo Coelho Machado, José Barbosa Rodrigues, Acyr Vaz Guimarães e, finalmente, o presidente atual, Hildebrando Campestrini.



Autoridades. Pedro Chaves, o prefeito Nelsinho Trad, o ex-governador Wilson B. Martins, Edil Albuquerque e H. Campestrini

"Este salão tem como principal objetivo não deixar que a história do Estado se perca. Há anos estudamos e pesquisamos a história de Campo Grande e Mato Grosso do Sul. Neste momento, nos voltamos para a nossa própria trajetória", descreve Hildebrando. Segundo ele, a escolha do nome do professor, pesquisador e jornalista José Barbosa Rodrigues se deve à importância que ele teve para o fortalecimento da cultura regional e às contribuições

que fez para o desenvolvimento do Estado.

Representando a família, o diretor do Instituto Marcos Fernando Alves Rodrigues, afirmou que é uma honra ver o trabalho do avô ser reconhecido por uma instituição a qual ele foi um dos fundadores e que conquistou importância fundamental para o fortalecimento da memória e cultura do Estado. "Ele se empenhou para o crescimento do Estado desde seus primeiros instantes", considerou.



Discurso. Ao lado de convidados e autoridades, o prefeito Nelsinho Trad ressaltou a importância do trabalho do Instituto



Convidada. Elisabeth Siqueira, presidente do IHG/MT, enfatizou a parceria com o Instituto local na troca de informações

Saiba

Guardando a História de MS há 34 anos

Fundado em 1978, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG/MS) assumiu o papel de guardião da memória do Estado desde sua divisão, realizada um ano antes de sua fundação. O rico acervo de documentos sobre a história de MS vem servindo de base para a construção de material bibliográfico, como a série "Memória Sul-matogrossense", editada pelo

instituto com apoio do Fundo de Investimentos Culturais (FIC).

O instituto é composto por 40 cadeiras, ocupadas por profissionais da área como professores e pesquisadores ligados às diversas instituições do Estado, como, por exemplo, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Há associados honorários e correspondentes. Atualmente, existe também o conselho editorial e o conselho fiscal do órgão.

Entre os projetos que vêm sendo desenvolvidos pelo IHG/MS estão a composição de um mapa reduzido do Estado, que consiste em centro de informações sobre o relevo, hidrografia, estradas, cidades, vilas,



entre outros elementos que compõem MS. Também se pretende publicar as obras completas do escritor regionalista Hélio Sereje, que tratou de temas como a exploração da erva-mate. Um dos projetos já

iniciados trata da criação de uma Enciclopédia de Mato Grosso do Sul, com conteúdo de diversas áreas, que poderá ser acessado por meio da internet. Existem quase mil verbetes prontos. (TA)

Disseram...

Sobre o IHG/MS e o Salão Nobre

"É uma honra ter nossa imagem imortalizada em um espaço de fundamental importância para nossa cidade e nosso Estado. Deste modo, pontuamos esta história de maneira cada vez mais séria"

André Puccinelli,
governador

"Mato Grosso tem uma grande dívida com Mato Grosso do Sul. Tantos documentos importantes para estes dois estados ficaram em nossa posse, mas queremos reverter isso com a microfilmagem e disponibilização desse acervo"

Elisabeth Siqueira,
presidente do IHG/MT

"Tudo começou com as negociações com os responsáveis pela rede ferroviária, que cederam esse espaço. Cidade sem história é cidade sem alma, por isso o IHG/MS é fundamental para a nossa cidade"

Nelsinho Trad, prefeito de Campo Grande

"Meu avô sempre lutou por Campo Grande e pelo Mato Grosso do Sul. Seus feitos são reconhecidos por meio de ações como essas, que iluminam a memória"

Marcos F. Alves Rodrigues,
Correio do Estado

F)

CORREIO DO ESTADO | CORREIO B | 3
SEGUNDA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 2012

EXPOSIÇÃO

Cotidiano Terena em vídeos e fotos

A partir de amanhã, em Aquidauana, poderão ser conhecidos os resultados do Projeto Vucapanávo

EDUARDO FREGATTO

Naine Terena de Jesus é uma jornalista e produtora visual que não esconde suas raízes. Ao contrário. Naine é a idealizadora do projeto "Vucapanávo, vamos em frente", que estará em exposição em Aquidauana, de amanhã até sábado, expondo os contrastes e riquezas da cultura dos índios Terenas.

"Vucapanávo..." é um dos projetos selecionados pelo Petrobras Cultural, da edição 2010/2011, e surgiu a partir do áudio documentário "Quem

produziu por Naine. Ela explica que estarão em exposição 25 fotografias e cinco vídeos, apresentando detalhes do cotidiano das comunidades Terenas.

Tudo o material foi produzido por professores das aldeias Limão Verde, Bananal, Ipegue, Lagoinha e Água Branca. "O principal objetivo é mostrar essa cultura para a população, que mesmo morando tão perto, não conhece a realidade dos indígenas", ressalta Naine.

PRODUÇÃO

Para produzir o material que estará em exposição, a jornalista

dos professores. "As oficinas tinham como objetivo a compreensão da mídia e da tecnologia a favor da cultura". A partir disso, os próprios professores escolheram os temas de seus vídeos e fotografias, e começaram

27.776

POPULAÇÃO
De acordo com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), o número acima traduz a quantidade de indígenas Terenas no Brasil. Além das proximidades de Aquidauana e região, aldeias também são encontradas em regiões de São Paulo e Mato Grosso.

a registrar momentos cotidianos das aldeias. "Os temas são variados. Mas todos retratam a cultura e até mesmo a influência do mundo moderno na vida dos indígenas", explica Naine.

Além de despertar o interesse dos estudantes Terena acerca da própria cultura, o "Vucapanávo" também gera renda para

sa auxílio, e distribui material produzido para as escolas indígenas da região. O projeto oferece oportunidade de crescimento da cadeia produtiva cultural de, pelo menos, três estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Naine ainda destaca que as capacitações nas aldeias devem continuar.

A exposição tem patrocínio da Petrobras e do Ministério da



Naine Terena de Jesus. A idealizadora do projeto deseja continuar com as atividades nas comunidades

Cultura, através da Lei Rouanet, e é realizada pela Dom Negócios Culturais.

Os trabalhos estarão expos-

Aquidauana, das 9h às 12h e das 14h30 às 19h, e tem curadoria de Téo Miranda e Naine Terena. O projeto também passará pelas escolas do município. A abertura oficial será amanhã, às 19h e a entrada é gratuita.



Oficinas. Novidades tecnológicas a favor da cultura indígena

Saiba

Realidade Terena no Estado

Mato Grosso do Sul abriga uma numerosa população de indígenas do grupo Terena, que mantém contato intenso com a população não indígena e, por conta disso, foram apelidados de "aculturados" e "índios urbanos". Apesar dos estereótipos, os Terenas lutam para

e sua cultura. Eles também almejam estudar para, dessa forma, ganharem conhecimento sobre como divulgar e perpetuar sua história. Naine Terena de Jesus relata que cresceu no meio urbano e, por isso, não encontrou tantas dificuldades na hora de ingressar em uma faculdade.

Mas ela destaca que é muito difícil para os jovens das aldeias conseguirem o diploma universitário. "A maioria faz metade do curso e desiste, devido a problemas financeiros".

Faça a diferença na educação do seu filho!



Maria Eduarda tem 8 anos e estuda Matemática no Kumon.

Alunos com alta habilidade de cálculo, leitura e interpretação, com sucesso dentro e fora da escola - é para formá-los que o Kumon vem atuando no mundo há mais de 50 anos.

Saiba mais em:

www.educacaoquesurpreende.com.br

50% de desconto na matrícula!
01/08 a 20/09/12

Matemática . Português
Inglês . Japonês

Mais de 40 unidades no estado do Mato Grosso do Sul.

(67) 3321-6361
www.kumon.com.br



KUMON

Educação que surpreende

G)

CORREIO DO ESTADO
SEXTA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 2013

correio@correiodoestado.com.br

HERMANOS

Correio B



Cultura. Aniversário da Associação Colônia Paraguaia e Dia da Independência do país serão nos dias 14 e 15 de maio

PARAGUAI: VIZINHO MISTERIOSO

Semana de comemorações serve para questionar o quanto se sabe sobre o país

THIAGO ANDRADE

"Enquanto o Paraguai se volta para a América Latina, o Brasil dá as costas para ele", descreve o professor Alvaro Banducci, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador das relações culturais na fronteira entre os dois países. As vésperas

da comemoração de 40 anos da Associação Cultural Colônia Paraguaia em Campo Grande, a questão ganha importância. Durante as comemorações que serão realizadas na Capital a partir de amanhã, além de jantar, churrasco dançante e solenidade na Assembleia Legislativa, haverá também a Mostra de Cinema do Paraguai, que começa na segunda-feira, às 19h, no Museu da Imagem e do Som.

Não é difícil imaginar o espanto do leitor ao saber do evento, pois nada ou quase nada se sabe sobre a cinematografia do país vizinho. Quatro longas e três curtas metragens foram selecionadas pelas curadoras Marinete Pinheiro e Mari Nêli Dória.

"Eu tive contato com filmes paraguaios apenas quando estive em Cuba", argumenta Marinete, que estudou na Escola Internacional de Cinema e TV de país caribenho. Com a iniciativa do MIS, o público tem a oportunidade de conhecer um Paraguai contemporâneo,

* Saiba

40 anos de cultura

Começam amanhã as comemorações de aniversário da Associação Cultural Colônia Paraguaia. A programação começa com um festival de prêmios. Na segunda-feira, haverá abertura da Mostra de Cinema do Paraguai, no Museu da Imagem e do Som. Na terça-feira, véspera do Dia da Independência do Paraguai, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul fará sessão solene em homenagem à colônia.

representado a partir do olhar de seus próprios diretores.

Na seleção, "7 caixas", inédito no Brasil e que será exibido no MIS na abertura da mostra, é um dos filmes que vêm sendo aclamados. "Consumimos muita cultura estrangeira, mas todos querem assistir esse filme. É uma grande aposta", afirma a estudante paraguaia Ayessa Zanotti, de 22 anos. Segundo ela, a música mais tradicional continua a ser consumida apenas pelos mais velhos.

IMAGENS DE TRADIÇÃO
Do idioma guarani, ainda ensinados nas escolas, aos ritmos

como a catchaca, um dos mais populares no país, e danças como a polka, o Paraguai se insere na problemática contemporânea proveniente da globalização mundial: de um lado a

cada vez menos por jovens; de outro, a cultura importada. "Mas existe essa diferença. O Paraguai, ao contrário do Brasil, ainda é muito influenciado pelos países latinos", explica Banducci. Referências que são muito fortes para eles simplesmente inexistem no Brasil. "Não é apenas a questão do idioma, mas toda uma imagem que se criou por aqui e que vê o Paraguai como atrasado".

Eventos como a guerra, no século XIX, e as dificuldades que o Paraguai enfrentou depois dela fortaleceram a imagem do país como subdesenvolvido e atrasado. "Assim, instaurou-se um preconceito enorme. Acabamos desdenhando expressões culturais muito ricas e viramos as costas para os nossos vizinhos", comenta o pesquisador.

Segundo o diretor de cultura da Colônia Paraguaia, Ricardo Cafuri, nascido em Concepción, ainda é preciso

zinhos. "Brasil e Paraguai são mais próximos do que se imagina. Você imagina que 10% da população paraguaia seja brasileira? É um número muito alto", argumenta.

Contudo, em reportagem

! Dicas

MOSTRA Confira a programação completa no site do Correio do Estado. O MIS fica na Avenida Fernando Correa da Costa, 559, 2º andar.

DESTAQUES Os longas "7 caixas" e "Hamaca paraguaia" foram elogiados em diversos festivais.

PROGRAMAÇÃO Em 19 de maio, a Colônia Paraguaia promove churrasco dançante em comemoração ao aniversário. Informações: 9947-7011

para a revista Continuum, da Fundação Itaú Cultural, o jornalista Augusto Paim constatou que os investimentos públicos nas artes ainda são muito recentes, o que provocou uma hegemonia muito forte da cultura estrangeira. Segundo ele, o resgate da autoestima e de uma identidade paraguaia ganharam força com a comemoração do bicentário da independência, em 2011.

Talvez com o fortalecimento cultural, se torne mais fácil os brasileiros voltarem a atenção para esses hermanos. Pode ser difícil, mas a integração ainda parece um caminho fundamental para este gigante da América do Sul.



Artes. Os filmes "7 caixas" e "Kara'i norte" serão exibidos na mostra; eventos da Colônia Paraguaia contarão com apresentações culturais

H)

CORREIO DO ESTADO
QUINTA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 2012

correioab@correiodoestado.com.br

LENDAS DO PANTANAL

Correio B

NA BOCA DO POVO

Ribeirinhos da Ilha do Mato Grande relatam visões de figuras míticas, que passam por gerações

BRUNA LUCIANER
ENVIADA AO PANTANAL

Um minhocão que desbaranca a beira do rio; um neguinho peralta que trança as crinas dos cavalos; um bicho baixinho e peludo que rouba crianças que não são batizadas. Dentro os vários privilégios de visitar o Pantanal e entender o modo de vida daqueles que lá vivem há décadas, está a possibilidade de conhecer histórias deslumbrantes sobre as figuras míticas da região. Ouvir ribeirinhos contando causos fantásticos envolvendo essas figuras e perceber no olhar deles o quanto acreditam na-

quilo que relatam é uma experiência gratificante.

MINHOCÃO

Uma das lendas pantaneiras mais famosas - se não a mais - é o "minhocão". Não há um morador do local que nunca tenha ouvido falar e mais da metade afirma com convicção que já viu a figura pelas águas do Rio Paraguai. Segundo os ribeirinhos, é um bicho com cara e pele de porco e formato de minhoca grande, como uma canoa de um pau só. Ele nada rapidamente derrubando tudo o que estiver às margens do rio, seja casa, gente, árvore ou apenas terra. "Tem um conhecido meu que foga

Saiba

Filha cresceu ouvindo relatos do pai

A professora e pesquisadora Marivaine da Silva Brasil, bióloga doutora em fitotecnia, cresceu ouvindo o pai, comandante experiente de navios, contar que via cenas inexploradas ao minhocão. "Não tenho como duvidar da palavra do meu pai. Cresci ouvindo ele, que era da marinha mercante, contar que tinha visto o minhocão no Rio Paraguai. Por que ele inventaria isso?"

preocupação de sair procurando bezerro morro acima. Eu só peço pro Neguinho e ele traz de volta", conta Waldemar, garantindo que perdeu as contas a figura já trouxe de volta para o pasto. Mas ele também apronta das suas; por ser o "dono dos animais", ele se acha no direito de brincar com eles. "Ele é negro e baixinho, parece uma criança. Sempre escuto o assvio dele quando deixo os animais

quieto, parado, entre dois burrinhos. Quando ele viu meu filho, saiu em disparada e sumiu no mato".

CURUPIRA

Por falar em crianças, batizá-las logo ao nascer, em casa ou na igreja, é uma ação importantíssima para os ribeirinhos pantaneiros. Do contrário, o "curupira" pode roubá-las. A figura é pequena e peluda e carrega as crianças para o mato, deixando os pais desesperados. Olínia acompanhou um desses "sequestros" quando ainda era criança. "Eu morava no Palmítal, do outro lado da serra, e um menino de oito anos, que não era batizado, sumiu. Os pais deixavam ele muito sozinho, sabe?". Uma noite os pais chegaram em casa e não encontraram o filho. No dia seguinte, depois de horas de buscas, encontraram a criança, ilosa, no meio de um graveteiro, um mato cheio de espinhos. "Ninguém entendeu como o menino

“

Tem um conhecido meu que foga do minhocão há mais de 20 anos. Tudo o que ele constrói na beira do rio o minhocão derruba"



Ribeirinho, Waldemar Magalhães, de 68 anos, sempre pede ajuda ao Neguinho do Pastoreio

Contraponto

A ciência pode discordar da existência do "minhocão", mas reconhece os episódios que levaram a população ribeirinha a acreditar na existência da figura. "O Rio Paraguai, em virtude de seu curso natural, vai solapando as margens do rio, ou seja, vai derrubando as suas margens. Esses terrenos erodidos se caracterizam como verdadeiras armadilhas para a população, principalmente para as crianças, criando inclusive o risco de os ribeirinhos perderem suas moradias", explica o professor e pesquisador do curso de Geografia da UFMS, Aguinaldo Silva. De acordo com o professor, é importantíssimo preservar este tipo de lenda dentro das comunidades, pois são elas que verificam de perto e têm a possibilidade de relatar os acontecimentos. "Nunca deixei transparecer dúvidas em relação a qualquer história contada por eles. Nas minhas pesquisas de campo, estimo o relato dos moradores da região e fico feliz em conhecer as explica-

ções deles para os fatos". (BL)

NEGUINHO DO PASTOREIO

destruidor, o "Neguinho do Pastoreio" (que os ribeirinhos pronunciam "pastorejo"), apesar das peraltices, é considerado bom moço. O ribeirinho Waldemar Magalhães, de 68 anos, conta que a figura é reconhecida como "dona dos animais". "Quando uma res desaparece do rebanho e a gente procura, procura e não acha, é só pedir para o Neguinho do Pastoreio que ele traz ela de volta". Mas ele cobra pelo serviço: é feito, é preciso deixar um pouco de fumo ou um copo de pinga em cima do curral. Segundo o ribeirinho Waldemar, não tem erro: no mais tardar três dias depois, lá está a res de volta. "Aí a gente acende uma vela para o Neguinho no mesmo lugar, em cima do curral". A confiança na figura é tão inabalável, que ninguém mais "perde tempo" procurando bicho perdido no mato. "Eu não tenho mais a

